

MAURICE LEBLANC

**ARSENE LUPIN E A
VINGANÇA DE CAGLIOSTRO**



PREFÁCIO DE ARSÈNE LUPIN

Gostaria de enfatizar aqui que, embora apreciando como convém e certificando a exatidão das aventuras que me foram atribuídas por meu biógrafo oficial, faço, no entanto, certas restrições à maneira como ele as apresenta em seus livros.

Há cem maneiras de adaptar uma aventura real ao gosto do público. Talvez a melhor não seja escolher mostrar-me sempre sob o aspecto mais lisonjeiro, colocando-me obstinadamente em destaque, em primeiro plano. Não satisfeito em negligenciar os numerosos episódios da minha vida em que fui dominado pelas circunstâncias, demolido pelos meus adversários ou tratado com rudeza por respeitáveis agentes da autoridade, meu biógrafo organiza, atenua, desenvolve, exagera e, sem ir contra os fatos, arranja-os tão bem que às vezes fico incomodado em minha modéstia.

É um modo de relato que não aprovo. Não sei quem disse: “É preciso conhecer os próprios limites e amá-los”. Conheço os meus limites e até experimento alguma satisfação com eles, pois tenho horror a tudo o que é sobre-humano, anormal, excessivo e desmesurado. O que sou me basta: aquilo que o ultrapassa seria inverossímil e ridículo. Ora, uma das minhas fraquezas é o medo de cair no ridículo.

E caio no ridículo sem dúvida alguma — e essa é a razão essencial deste breve prefácio — quando sou apresentado ao público em uma invariável, perpétua e irritante situação de homem apaixonado. Não nego, com certeza, que tenho um coração muito sensível e que o amor à primeira vista me espreita a cada esquina. E também não nego que as mulheres geralmente se mostraram acolhedoras e misericordiosas

comigo. Tenho recordações lisonjeiras, fui o feliz objeto de desfalecimentos de que qualquer outra pessoa se gabaria com certo orgulho. Mas daí fazer-me representar o papel de Don Juan, de Lovelace irresistível, é uma deturpação contra a qual protesto. Conheci rejeições. Rivals desprezíveis prevaleceram contra mim. Tive meu quinhão de humilhações e traições. Derrotas incompreensíveis, mas que devem ser registradas para que minha imagem seja rigorosamente autêntica.

Este é o motivo pelo qual quis que a presente aventura fosse narrada sem rodeios ou reservas. Nem sempre me distinguierei por uma irritante infalibilidade. Meu coração não suspira por isso em detrimento da minha razão. Meu poder de sedutor está singularmente colocado em xeque. Tudo isso talvez me valha a indulgência daqueles que se horrorizam, não sem motivo, com o excesso dos meus méritos e das minhas conquistas.

Mais uma palavra. Joséphine Balsamo, que foi a grande paixão dos meus vinte anos, e que, passando-se pela filha do conde de Cagliostro, o famoso impostor do século XVIII, alegava ter herdado dele o segredo da eterna juventude, não aparece neste livro. Não aparece por uma razão que o próprio leitor apreciará em toda a sua intensidade. Mas, por outro lado, como não juntar seu nome ao título de uma história sobre a qual sua imagem projeta uma sombra tão trágica e na qual o amor se desdobra em tanto ódio e a vingança se envolve em trevas tão densas?

PRIMEIRA PARTE

O SEGUNDO DOS DOIS DRAMAS



Na trilha da guerra

As belas manhãs de janeiro, quando o ar cortante fica impregnado de sol já mais cálido, estão entre as mais revigorantes fontes de exaltação. No frio do inverno, começa-se a pressentir um sopro de primavera. A tarde se prolonga em mais horas. A juventude do ano rejuvenesce o homem. Era, evidentemente, o que experimentava Arsène Lupin enquanto flanava, naquele dia, pelos boulevards, perto das onze horas.

Ele caminhava com passo elástico, erguendo-se um pouco mais que o necessário na ponta dos pés, como se executasse um movimento de ginástica. E, de fato, a cada passada do pé esquerdo correspondia uma profunda inspiração que parecia duplicar a capacidade de um tórax cuja amplitude já era notável.

A cabeça se inclinava ligeiramente para trás. O torso se arqueava. Nada de sobretudo. Um terno cinza de verão, e, debaixo do braço, um chapéu de feltro.

O rosto, que parecia sorrir aos transeuntes, principalmente às transeuntes, por menos bonitas que fossem, era o de um senhor que se aproxima alegremente da marca dos cinquenta, se é que já não cruzou a linha de chegada. Mas, visto de costas, ou de longe, esse mesmo senhor decidido, esguio, muito na moda, tinha o direito de protestar contra quem lhe atribuísse mais de vinte e cinco anos.

“E ainda assim”, dizia a si mesmo, contemplando nos espelhos sua elegante silhueta, “e ainda assim, quantos adolescentes poderiam invejar-me!”

Em todo caso, o que teria despertado a inveja de todos era seu ar de força e segurança e tudo o que nele revelava equilíbrio físico, saúde

moral e a tripla satisfação de um bom estômago, um intestino escrupuloso e uma consciência irrepreensível. Com isso pode-se andar na linha com a cabeça erguida.

Notemos também que sua carteira estava abundantemente provida, que no bolso do revólver tinha quatro talões de cheques de bancos diferentes e com nomes diversos, e que, por toda a França e em esconderijos seguros, leitos de rios, cavernas desconhecidas, buracos de penhascos inacessíveis, possuía lingotes de ouro e sacos de pedras preciosas.

E não falamos do crédito que lhe davam em todos os mundos, como Raoul de Limésy, Raoul d'Avenac, Raoul d'Enneris, Raoul d'Averny, simples e modestos sobrenomes da boa pequena nobreza da província, que associava ao mesmo prenome de Raoul. Ele passava justamente diante do Banque des Provinces, onde devia depositar um cheque de grande valor, em nome de Raoul d'Averny. Entrou, efetuou a operação, depois desceu ao subsolo do estabelecimento, assinou o registro e dirigiu-se ao seu cofre para recolher alguns documentos.

Enquanto escolhia os documentos de que precisava, percebeu, não muito distante, um senhor de luto, aparência envelhecida e antiquada de notário de província, que retirava de um cofre vizinho vários pacotes bem embrulhados, cujos barbantes cortou e contou, um por um, maços de dez notas de mil francos presas por um grampo.

O senhor, muito míope, e que de vez em quando lançava um olhar inquieto ao seu redor, não percebeu que Arsène Lupin acompanhava cada gesto seu e continuou sua tarefa até guardar, em uma pasta de marroquim, oitenta ou noventa maços de notas, ou seja, a soma de oitocentos ou novecentos mil francos.

Lupin havia contado ao mesmo tempo que ele e disse consigo mesmo:

“Que diabo pode estar tramando esse respeitável capitalista? Cobrador de banco? Tesoureiro pagador? Não seria antes um desses personagens desavergonhados que desviam uma bufunfa para subtraí-la às exigências do fisco? Tenho horror a esses sujeitos... Fraudar o Estado... que torpeza!”

O personagem terminou a operação e fechou sua pasta de marroquim com uma correia que prendeu cuidadosamente.

Em seguida, afastou-se e subiu as escadas.

Lupin foi atrás dele, pois, afinal, a mais irrepreensível consciência não é capaz de impedir que se acompanhe um senhor que carrega um milhão em dinheiro vivo. Tal quantia possui um odor que atrai os bons cães de caça. E Lupin era um bom cão de caça, dotado de um faro que jamais o levava a pista falsa. Então, ele saiu atrás da presa, com ar menos vitorioso, talvez, pois não queria ser notado, mas com estremecimentos de prazer e nenhum projeto em mente, aliás. E nem a menor segunda intenção. Para quem possui uma consciência irrepreensível e um número respeitável de tesouros, o que é um maço de notas?

O senhor entrou em uma confeitaria na rua du Havre, saiu com um pacote de doces e se dirigiu para a estação de Saint-Lazare.

“Diabo!”, disse Lupin consigo. “Ele vai pegar o trem e me levar sabe-se lá para onde?”

O senhor pegou o trem. Lupin, protestando, também o pegou e, no longo compartimento lotado de viajantes, seguiram pela linha de Saint-Germain. O senhor segurava fortemente contra o peito, como uma mãe acalenta o filho, a pasta de marroquim.

Desceu depois da cidadezinha de Chatou, na estação de Vésinet, o que encantou Lupin, pois o lugar o agradava bastante.

A doze quilômetros de Paris, cercada por uma curva do Sena, Vésinet, ou pelo menos aquele pedaço de Vésinet, está sujeito a rigorosos controles de organização do espaço e de construção, expandindo-se em torno de um lago adormecido sob as árvores, com largas avenidas adornadas de jardins e ricas residências. Naquela manhã, o sol fazia cintilar os galhos cheios de gotas de orvalho que tinham restado da geada da noite. O solo era duro e sonoro. Que delícia caminhar assim sem outra preocupação que velar pela fortuna do próximo!

Belas casas, contornadas por uma avenida externa, erguiam-se à beira de uma primeira extensão de água, uma modesta lagoa, menor e mais discreta, cujas margens pertenciam aos proprietários das casas que a rodeavam.

Passaram diante da *villa Roseraie*, depois diante da *Orangerie*, quando então o senhor ergueu a aldraba de uma casa chamada *Clématites*.

Lupin continuou seu caminho, um pouco distante, para não ser notado. A porta se abriu. Duas jovens apareceram, exclamando alegremente:

— Está atrasado, meu tio! O almoço está pronto. O que nos traz de gostoso?

Lupin ficou encantado. A recepção carinhosa ao tio, aos doces, a exuberância das duas sobrinhas, a forma baixa e um pouco fora de moda da casa, tudo aquilo era bastante simpático. Seria realmente agradável penetrar naquele círculo cordial e respirar a atmosfera calorosa de uma família unida.

Quinhentos metros adiante estendia-se o grande lago, tão pitoresco com sua ilha ancorada por uma ponte de madeira. Almoçava-se ali em um excelente restaurante onde Lupin fez honras ao menu. Em seguida, deu a volta no lago, admirando o exterior de agradáveis casas, a maioria delas fechada naqueles dias de inverno.

Mas uma delas chamou sua atenção, não só porque era atraente e possuía um jardim bem planejado, mas também porque tinha uma placa presa à grade na qual se lia: “*Clair-Logis*. Propriedade à venda. Toque a campainha para visitar e dirija-se à *villa Clématites* para todas as informações”.

Clématites! Precisamente a *villa* onde o “meu tio” almoçava! Na verdade, o destino era malicioso. Como não associar a ideia da pasta de marroquim à *Clair-Logis*?

Dois pavilhões flanqueavam o portão de entrada. O jardineiro morava no da direita. Lupin tocou a campainha. Mostraram-lhe a casa e ele imediatamente se encantou. Era adorável aquela *Logis*, um pouco deteriorada, inclusive em ruínas em alguns lugares, mas tão bem distribuída e perfeita para uma hábil restauração!

“É isso... É isso de que preciso”, pensou ele. “Eu queria ter um canto perto de Paris para passar um fim de semana tranquilo de vez em quando! Não quero outra coisa!”

E, de resto, que negócio maravilhoso! Que oportunidade inesperada! O destino oferecia-lhe, por um lado, uma casa ideal e, por outro, a

quantia suficiente para adquiri-la sem pagar nada. A pasta de marroquim não estava ali para financiar a aquisição? Como tudo se encaixava!

Cinco minutos depois, Lupin entregava seu cartão e o sr. Raoul d'Averny era apresentado ao sr. Philippe Gaverel, que estava em um salão-estúdio no térreo com as duas belas sobrinhas, que o tio lhe apresentou.

O sr. Gaverel carregava a pasta de marroquim debaixo do braço, sempre presa à correia. Devia ter almoçado sem largar dela.

Lupin explicou o propósito da visita: a eventual compra da *Clair-Logis*. Philippe Gaverel formulou as condições.

Lupin pensou por um instante. Olhava para as duas irmãs. Um rapaz, que cortejava a mais velha e que ela mesma apresentou como seu noivo, acabava de se reunir a elas e os três riam. Lupin ficou perturbado. Escrupuloso como sempre, perguntou-se até que ponto seu projeto de aquisição barata lesaria as duas irmãs.

No fim das contas, pediu um prazo de quarenta e oito horas para tomar uma decisão.

— Estamos de acordo — respondeu o sr. Gaverel. — Mas o senhor terá a gentileza de negociar com o meu notário. Viajo daqui a pouco para o sul.

E explicou que, viúvo havia oito meses, e como o filho acabara de se casar em Nice, iria reunir-se com ele para passar uma parte do ano com os recém-casados.

— Além disso, não moro aqui na casa das minhas sobrinhas. Minha residência é ao lado, a *villa Orangerie*. Nossos dois jardins são um só. A casa é agradável, mas o senhor não poderá julgá-la, fechada como está e com as venezianas cerradas.

Lupin ficou ainda por mais uma hora, conversando e gracejando com as moças, contando-lhes várias aventuras e histórias que as divertiram. Mas, com o canto do olho, observava o sr. Gaverel.

Passearam no jardim da *Clématites* e no jardim da *Orangerie*. Philippe Gaverel, com sua pasta de marroquim debaixo do braço, dava ordens ao criado de quarto, o qual, depois de colocar malas e sacolas em uma caminhonete, partiu para a Gare de Lyon.

— E a pasta, tio, vai levá-la? — perguntou uma das irmãs.

— Claro que não — respondeu ele —, são documentos de negócios sem importância que trouxe de Paris e vou guardar em casa.

De fato, ele entrou na casa. Saiu vinte minutos depois, sem a pasta debaixo do braço e nenhum volume no bolso que levasse a crer que os maços de notas estivessem com ele.

“Ele as escondeu na casa”, pensou Lupin. “Deve ter muita confiança no seu esconderijo. Decididamente, é um velho astuto que fraudou o fisco na liquidação do inventário da esposa. Essa gente não merece nenhuma consideração.”

Ele o chamou de lado e disse:

— Pensando bem, senhor, resolvi comprar.

— Perfeito — falou o sr. Gaverel, que entregou as chaves de sua casa às sobrinhas.

Eles saíram juntos. O sr. Gaverel, definitivamente, não levava sua pasta de marroquim.

Duas semanas depois, Lupin assinou um cheque. Um simples adiantamento que fez ao vendedor, pois o preço da *Clair-Logis* estava várias vezes garantido pelos maços de notas escondidos na *villa Orangerie*. Nem mesmo teve pressa em fazer as buscas necessárias, estimando que não poderia haver um esconderijo mais seguro que aquele que inspirava tanta confiança ao dono das notas. O que faz a qualidade de um esconderijo é que a existência do tesouro que nele se encontra não é conhecida por ninguém. Lupin a conhecia.

Em primeiro lugar, ele tinha de procurar um arquiteto para restaurar a *Clair-Logis*. O acaso trouxe-lhe um. Um dia, ele recebeu carta de um médico que uma vez lhe prestara um inestimável serviço¹, que conhecia sua verdadeira personalidade e a quem ele sempre mantinha informado sobre seus avatares e sucessivos endereços. O doutor Delattre escreveu-lhe:

Caro amigo,

Ficaria muito grato se pudesse fazer algo pelo jovem Félicien Charles, arquiteto diplomado, por quem me interessa. Ele tem

talento..., etc.

Lupin mandou chamar o rapaz, que lhe pareceu tímido, reservado, desejoso de agradar, mas sem saber como. De resto, um belo jovem, de vinte e sete ou vinte e oito anos, inteligente e artista. Compreendeu muito bem tudo o que lhe foi pedido e até se ofereceu para fazer toda a decoração da *Logis* e colocar o jardim em ordem. Ficaria instalado no pavilhão à esquerda.

E os meses se passaram.

Lupin não veio mais que três ou quatro vezes. Apresentara Félicien Charles às duas irmãs e assim mantinha-se informado sobre o que se passava na *Clématites*. Ele próprio, aliás, gostava de visitá-las. A mais velha ficou gravemente doente de bronquite, o que atrasou seu casamento.

A cerimônia foi finalmente marcada para o dia 9 de julho. Como o tio Gaverel estaria presente, Lupin, que estava viajando pela Holanda, resolveu voltar oito dias antes para dar sumiço no dinheiro.

Seu plano era simples. Percebera que era possível, no final de uma passagem pública que conduzia, entre dois muros, ao lago, subtrair o barco de uma propriedade vizinha. Assim, uma noite chegaria ao jardim da *Orangerie* e entraria na casa.

Uma vez de posse dos maços de notas, ele refaria os pacotes para devolver-lhes a aparência inicial. Não havia dúvida de que Philippe Gaverel, durante as vinte e quatro horas que se dispunha a passar, não na *Orangerie*, mas com as duas irmãs, se contentaria em verificar se o pacote estava no lugar, sem examinar o conteúdo. O roubo, portanto, só seria descoberto quando regressasse, em outubro.

Mas quando Lupin chegou uma manhã em seu automóvel, um drama terrível, de trágicas repercussões, abatera-se na véspera sobre as tranquilas margens do pequeno lago...

¹ Ver *Arsène Lupin e a Agulha Oca*. (N.T.)



Matanças

Que fique bem estabelecido, desde logo, que o almoço que precedeu, na *Clématites*, a terrível dúzia de horas durante as quais se acumularam as peripécias do drama foi para as duas moças e os dois rapazes ameaçados por um destino tão próximo de uma alegria natural leve, despreocupada, mesclada a gentilezas e emoção amorosa. Nem todas as tempestades se anunciam com sinais de alerta. Aquela desabou bruscamente em um céu sereno, sem que nenhum pressentimento oprimisse os corações daquelas que seriam suas vítimas assombradas.

Estas riam e conversavam alegremente a respeito de projetos imediatos, bem como de planos para o dia e a semana seguintes. As irmãs Gaverel, depois da morte dos pais, isto é, há sete ou oito anos, continuaram morando na *Clématites* sob a supervisão de uma governanta que as vira nascer, a velha Amélie, e de seu marido, Édouard, o criado.

A mais velha, Élisabeth, uma jovem alta e loura, de fisionomia um tanto pálida de convalescente e sorriso de sedução ingênua, conversava principalmente com o noivo, Jérôme Helmas, um belo rapaz de rosto franco, sem situação no momento, e que, por ser órfão, mantivera a casinha onde vivera a mãe, no centro de Vésinet, às margens da estrada nacional que conduzia a Paris. Amigo de Élisabeth antes de ser seu noivo, conhecera a caçula, Rolande, ainda criança, e tratava-a com familiaridade. Fazia as refeições na *villa Clématites*.

Rolande, muito mais moça que a irmã, era mais expressiva que Élisabeth, de beleza mais marcante e, acima de tudo, de um charme mais intenso e misterioso. E, sem dúvida, o outro rapaz, Félicien Charles,

sentia-se atraído por ela, pois não cessava de observá-la furtivamente, como se não ousasse muito olhá-la de frente. Estava apaixonado? A própria Rolande não saberia dizê-lo. Era daquelas pessoas enganadoras, cuja fisionomia não expressa sua natureza secreta e que nunca parecem pensar ou sentir como realmente pensam ou sentem.

Terminada a refeição, os quatro entraram no estúdio, um salão amplo, mas bastante acolhedor por causa da disposição dos móveis, dos bibelôs e dos livros. Sua janela à inglesa, muito ampla, totalmente aberta, dava para um gramado estreito que separava a casa do lago. A água imóvel, sem agitação alguma, refletia as árvores frondosas cujos longos ramos pendentes vinham se juntar aos ramos refletidos como num espelho. Inclinando-se, era possível avistar, à direita, a sessenta metros, a outra casa, a *Orangerie*, onde morava o tio Philippe. Uma cerca viva muito baixa marcava a fronteira entre os dois jardins, mas a faixa de grama corria ininterruptamente por toda a margem do lago.

Élisabeth e Rolande deram-se as mãos por um momento. Pareciam estimar-se infinitamente. Rolande, sobretudo, demonstrava um grande desejo de se dedicar e também uma inquietude constante. A saúde de Élisabeth, depois da doença, ainda exigia certas precauções.

Deixando-a com o noivo, Rolande sentou-se ao piano e chamou Félicien Charles, que tentou esquivar-se.

— Perdão, senhorita, mas almoçamos mais tarde hoje e meu trabalho começa no mesmo horário todos os dias.

— Seu trabalho não lhe dá liberdade total de horário?

— É precisamente por ser livre que devo ser pontual. Tanto mais que o sr. d'Averny chega amanhã bem cedo. Viajará a noite toda de automóvel.

— Que bom revê-lo! — disse ela. — Ele é tão simpático, tão interessante!

— Então deve compreender meu desejo de satisfazê-lo.

— Mesmo assim, sente-se... só meio minuto...

Ele obedeceu, calado.

— Fale comigo — pediu ela.

— Devo falar ou escutá-la?

— Ambas as coisas ao mesmo tempo.

— Só posso falar se parar de tocar.

Ela não respondeu. Ela tocou, simplesmente, algumas frases musicais com tanta suavidade, tanto abandono que mais parecia fazer uma confissão. Tentava fazê-lo compreender algo secreto ou forçá-lo a mais expansão e entusiasmo? Mas o rapaz ficou em silêncio.

— Vá embora — ordenou ela.

— Ir embora... por quê?

— Já conversamos bastante hoje — brincou a moça.

Ele hesitou, espantado, mas, como Rolande repetiu a ordem, saiu.

A moça encolheu ligeiramente os ombros, depois continuou a tocar, observando Élisabeth e Jérôme conversando em voz baixa e olhando um para o outro, sentados lado a lado no sofá, enquanto a música os embalava e os aproximava ainda mais. Vinte minutos passaram-se assim.

No final, Élisabeth levantou-se e disse:

— Jérôme, chegou a hora do nosso passeio diário. É tão bom deslizar sobre a água, entre os galhos das árvores.

— É prudente, Élisabeth? Você ainda não está totalmente recuperada.

— Claro que sim! Pelo contrário, é algo extremamente repousante, que me faz muito bem.

— No entanto...

— No entanto, é isso mesmo, meu caro Jérôme. Vou buscar o barco e trazê-lo para junto do gramado. Não se mova, Jérôme.

Ela subiu até o quarto e, como todos os dias, abriu a escrivaninha e escreveu algumas linhas no caderno no qual mantinha seu diário íntimo, onde seriam encontradas mais tarde suas últimas palavras.

Jérôme pareceu-me um pouco distraído, absorto. Perguntei-lhe o motivo. Respondeu que eu estava enganada e, como insisti, ele deu a mesma resposta, mas de uma forma mais indecisa, no entanto.

“Não, Élisabeth, não tenho nada. O que mais poderia querer, já que vamos nos casar e meu sonho, que em breve completa um ano, se tornará realidade. Exceto...”

“Exceto?”

“Às vezes, me preocupo com o futuro. Você sabe que não sou rico e que com quase trinta anos não tenho situação.”

Coloquei minha mão sobre a boca dele, rindo:

“Mas eu sou rica... Evidentemente que não poderemos fazer loucuras... Mas também por que você é tão ambicioso?”

“Por sua causa, Élisabeth. Quanto a mim, não tenho grandes necessidades.”

“Mas eu também não, Jérôme! Contento-me com pouco. Quero apenas ser feliz, nada mais — disse eu, rindo. — Não combinamos que moraríamos aqui até que uma boa fada nos traga o tesouro que nos é devido?...”

“Ah”, fez ele, “não acredito em tesouros!”

“Como? Mas o nosso existe, Jérôme... Lembre-se do que lhe contei... Um velho amigo dos nossos pais, um primo afastado que não vemos há anos e que não dava notícias, mas que gosta muito de nós... Quantas vezes a minha velha governanta Amélie me disse: ‘Senhorita Élisabeth, será muito rica um dia. Seu velho primo Georges Dugrival deixará a você toda a fortuna dele, a você, Élisabeth. Está doente, ao que parece.’ Você vê, Jérôme...”

Jérôme murmurou:

“Dinheiro... dinheiro... pois seja. Mas o que quero é trabalhar. O que desejo para você, Élisabeth, é um marido à sua altura...”

Ele não disse mais nada. Mas eu sorria. Jérôme... meu querido Jérôme, será que alguém pensa no futuro quando ama como nós nos amamos?

Élisabeth largou a pena. A confiança diária tinha acabado. Arrumou-se, empoou-se, animou vagamente o rosto com um pouco de ruge, verificou se o fecho do belo colar de pérolas que herdara da mãe, o

qual nunca tirava, estava bem preso, e desceu ao jardim do tio Philippe, dirigindo-se aos três degraus de madeira junto aos quais o barco estava amarrado.

Jérôme não saíra do sofá desde que Élisabeth subira. Escutava sem prestar atenção as improvisações de Rolande.

Interrompendo-se, ela disse:

— Estou muito feliz, Jérôme. E você?

— Eu também.

— Élisabeth é maravilhosa, não é? Se conhecesse a bondade e a nobreza da sua futura esposa! Mas você as conhecerá, Jérôme.

Voltou ao teclado e atacou vigorosamente uma marcha triunfal, destinada a expressar uma felicidade sobre-humana.

Mas, de novo, parou abruptamente.

— Alguém gritou... Você ouviu, Jérôme?

Escutaram.

Um profundo silêncio tomou conta do salão vindo do tranquilo gramado, do lago sereno. Certamente, Rolande tinha se enganado. E recomeçou seus acordes de vitória e alegria.

Então, subitamente, levantou-se.

Alguém gritou, ela tinha certeza.

— Élisabeth... — balbuciou, correndo para a janela.

Com a voz sufocada, gritou:

— Acudam!

Jérôme já estava perto dela.

Inclinando-se, viu rente à margem, no lugar onde ficavam os degraus, um homem que parecia agarrar Élisabeth pelo pescoço. Ela tinha as pernas dentro d'água. Jérôme, por sua vez, urrou de terror e saiu correndo atrás de Rolande, que corria no gramado.

Ali adiante, o homem voltou-se para os dois. Largou imediatamente a vítima, apanhou algo do chão e fugiu pelo jardim da *Orangerie*.

Então, Jérôme mudou de ideia. Passou para o cômodo vizinho, pegou uma carabina com a qual as duas irmãs exercitavam-se com frequência e que sabia estar carregada, e parou no alto da escadaria que dominava os jardins.

O homem fugia. Encontrava-se diante da casa e estava claro que queria chegar à horta da *Orangerie*, que tinha uma saída direta para a

avenida circular.

Jérôme levou a carabina ao ombro, apontou e disparou. O homem jogou-se para a frente e caiu num acanteiro de flores onde, após alguns estremecimentos, permaneceu inerte. Jérôme saiu correndo na direção do agressor.

— Está viva? — gritou, aproximando-se de Rolande que, ajoelhada, abraçava a irmã.

— O coração não bate mais — disse Rolande soluçando.

— Não, é impossível!... Podemos reanimá-la... — disse Jérôme completamente horrorizado.

Jogou-se sobre o corpo imóvel, mas, imediatamente, antes mesmo de constatar se ainda estava viva, balbuciou, com os olhos esgazeados:

— Oh! O colar... sumiu... O homem estrangulou-a para arrancar as pérolas... Que horror!... Está morta...

Pôs-se a correr como um louco, seguido do velho criado, Édouard, enquanto Rolande e a governanta Amélie ficaram junto à vítima. Encontraram o homem caído de bruços no canteiro de flores. Penetrando entre as omoplatas, a bala tinha acertado o coração.

Com a ajuda de Édouard, Jérôme virou o corpo. Era um indivíduo de cinquenta a cinquenta e cinco anos, pobremente vestido, que usava um boné sujo, tinha o rosto pálido e uma barba grisalha desgrenhada.

Jérôme revistou-o. A carteira imunda continha alguns papéis, entre os quais dois cartões com um nome escrito à mão: Barthélemy.

Em um dos bolsos do casaco, o criado descobriu o colar de grandes pérolas finas que havia sido roubado de Élisabeth.

Os gritos e o disparo tinham sido ouvidos nas proximidades das duas casas. Sem demora, as pessoas correram saber o que acontecera, espiando por cima dos muros, abrindo os portões e tocando a campainha da *Clématites*.

Alguém telefonou para a delegacia de Chatou e para o quartel de polícia. A ordem foi restabelecida. Os intrusos foram afastados e as primeiras constatações foram feitas.

Jérôme Helmas deixara-se cair junto à noiva morta e esfregava os olhos com os punhos crispados. Quando a levaram para casa, ele não se moveu, e quando o chamaram a pedido de Rolande, que, cheia de uma energia feroz, contendo sua dor, vestia Élisabeth com seu traje de noiva,

ele não quis entrar. Recusava-se a guardar daquela que amava uma imagem diferente e danificada, menos bela, em todo caso, que a deslumbrante imagem do passado.

Félicien Charles, que retornara à *Clématites* assim que a notícia do drama lhe fora anunciada, e que não fora recebido por Rolande, tentou distrair Jérôme envolvendo-o na investigação. Conduziu-o até o cadáver do assassino, que havia sido colocado sobre uma maca. Perguntou-lhe se já o tinha visto. Interrogou-o sobre as circunstâncias do drama. Nada o interessou, nada o tirou de seu torpor.

Finalmente, como os policiais o assediavam com perguntas, ele se refugiou no estúdio, onde vira Élisabeth pela última vez, e dali não mais saiu.

À noite, como Rolande não saía do quarto da irmã, ele deixou que o criado Édouard lhe servisse algo para comer, que mastigou sem perceber. Em seguida, adormeceu pesadamente, extenuado. Mais tarde, saiu para o jardim, onde perambulou sob o luar, e depois jogou-se no gramado e adormeceu novamente, entre as flores e a grama úmida.

Assim que começou a chover, entrou de novo na casa. Ao pé da escada, encontrou Rolande, que descia, vacilante e desesperada. Apertaram-se as mãos sem dizer palavra. Parecia que para ambos nada existia além de sua dor. Por volta da uma da manhã, ele se foi.

Rolande subiu ao quarto de Élisabeth, retomando sua vigília fúnebre, acompanhada pela governanta. Os círios choravam. A brisa fresca do lago fazia tremeluzir as chamas.

Choveu muito forte. Mas o dia amanheceu com um céu azul pálido, em que algumas estrelas ainda cintilavam e pequenas nuvens douravam-se pouco a pouco aos primeiros clarões do sol.

Foi nesse momento que, no caminho que conduz à cidade de Chatou, um cantoneiro encontrou Jérôme Helmas meio desmaiado em uma porção inclinada à beira da estrada, ensopado pela chuva e gemendo. Seu colarinho estava manchado de sangue.

Logo depois, em outro caminho por onde ninguém havia passado àquela hora matinal, um leiteiro descobriu outro ferido, apunhalado no

peito. Era um rapaz corretamente vestido, com calças de veludo preto e casaco da mesma cor e gravata de laço de bolinhas brancas. Parecia um artista. Era alto e forte.

Estava mais gravemente ferido que Jérôme. Não se movia. No entanto, ainda respirava e seu coração batia fracamente.



Raoul intervém

Durante toda a manhã, na pacata Vésinet, houve idas e vindas, aparições de policiais, de inspetores à paisana e agentes uniformizados, ronco de motores, engarrafamentos, repórteres e fotógrafos chegando precipitadamente. Todos queriam saber. Circulavam os boatos mais insólitos e contraditórios.

O único lugar tranquilo era o jardim e a casa da *Clématites*. Lá, a ordem inflexível era: entrada proibida, com exceção da polícia. Nada de curiosos. Nada de jornalistas. Falava-se em voz baixa em respeito à morta e à dor de Rolande.

Quando soube da agressão sofrida por Jérôme Helmas, a jovem desatou a chorar:

— Minha pobre irmã... minha pobre Élisabeth...

Deu ordens para que o rapaz fosse tratado em uma clínica próxima. A mesma clínica recebeu o outro ferido. O cadáver de Barthélemy, que havia estrangulado a jovem, estava na garagem, aguardando o transporte para o necrotério.

Por volta das onze horas, o sr. Rousselain, juiz de instrução, sentado junto ao procurador público em uma confortável poltrona de jardim, lutava contra o sono enquanto ouvia as explicações detalhadas que o inspetor-chefe Goussot amavelmente apresentava sobre o quádruplo drama de Vésinet.

O sr. Rousselain era um homem de pouca estatura, de ventre proeminente e pernas grossas, cujas digestões eram às vezes, e por boas razões, bastante pesadas. Juiz de instrução na província havia quinze anos, indolente, desprovido de ambição, fizera tudo para não sair da região à qual sua paixão pela pesca o prendia. Infelizmente, o recente caso no castelo d'Orsacq², em que demonstrara tanta sagacidade e clarividência, o colocara em evidência e fizera com que ele, para seu grande pesar, fosse transferido para Paris. Seu casaco preto de alpaca e suas calças amarrotadas de tecido cinza denotavam sua total despreocupação em matéria de vestimenta. Apesar das aparências, um homem sutil, de espírito agudo, muito independente em seus atos, muitas vezes até um tanto fantasista.

E o inspetor-chefe Goussot, que tinha mais fama que verdadeiro mérito, concluiu, com uma voz que despertou o sr. Rousselain:

— Em resumo, a srta. Gaverel foi atacada no momento em que se abaixava para pegar a corrente que prendia o barco, e esse ataque foi tão violento que os três degraus de madeira que levam até a água quebraram-se. É preciso notar, de fato, que a srta. Gaverel estava molhada até a altura da cintura. Logo depois, houve luta na margem, roubo do colar de pérolas e fuga do assassino, que também tinha as pernas molhadas. Sobre esse assassino, que foi examinado pelos médicos legistas e está estendido na garagem, onde podem vê-lo, não temos nenhuma informação, exceto o nome de Barthélemy. O rosto e as roupas são os de um vagabundo. Matou para roubar. Não sabemos nada mais.

O inspetor-chefe Goussot tomou fôlego e continuou, com a satisfação de quem fala sem buscar palavras:

— Agora, os outros dois. O sr. Jérôme Helmas abateu com um tiro de carabina o assassino, que de outra forma certamente teria conseguido fugir. Esse é o único ponto que podemos precisar. Quanto ao resto, as declarações que me fez em seu leito de dor e apesar do abatimento são bastante vagas. Em primeiro lugar, não conhecia o assassino da noiva. Em seguida, tampouco reconheceu seu agressor noturno e desconhece o motivo pelo qual foi atacado. Além disso, não temos indício algum da identidade do segundo ferido ou sobre as circunstâncias da agressão que sofreu. No máximo, podemos supor que em ambos os casos o agressor foi o mesmo.

Alguém interrompeu o policial:

— Não podemos, senhor inspetor-chefe, supor que não houve, ontem à noite, não um drama entre três homens, ou seja, um agressor e duas vítimas, mas um drama entre apenas dois homens? O sr. Jérôme Helmas foi atacado por um indivíduo que, ferido pelo sr. Helmas, conseguiu se arrastar por trezentos ou quatrocentos metros até o local onde caiu ontem à noite?

Todos escutaram, não sem interesse, a inesperada hipótese do senhor que acabara de expô-la, observando-o com surpresa. Quem era ele? Notaram que ele saíra da *villa Clématites* e ouvira as conclusões do inspetor Goussot. Mas com que direito se intrometia?

O inspetor-chefe, irritado por apresentarem uma hipótese em substituição à sua, perguntou:

— Quem é o senhor?

— Raoul d'Averny. Minha propriedade não fica longe daqui, em frente ao grande lago. Como estava ausente de Paris por algumas semanas, e regressei esta manhã, soube o que aconteceu aqui por intermédio de um jovem arquiteto que mora em minha casa e trabalha na decoração da minha propriedade. Félicien Charles era amigo das srts. Gaverel e almoçou com elas ontem. Há uma hora, eu o acompanhei em uma visita à srta. Rolande e não julguei indiscreto vagar por um momento pelo jardim e escutar suas notáveis deduções, senhor inspetor-chefe. Eles revelam um mestre da investigação.

Raoul d'Averny tinha um sorriso inefável e certo ar malicioso que dariam a qualquer outro que não o inspetor-chefe Goussot a sensação de estar sendo ridicularizado. Mas o inspetor Goussot estava muito convencido da própria importância e muito seguro de seus talentos para experimentar tal impressão. Lisonjeado com o elogio, limitou-se a recolocar o simpático amador em seu lugar.

— É uma suposição que não deixei de levantar, senhor — disse sorrindo. — Cheguei mesmo a submetê-la ao sr. Helmas, que respondeu: “Com que arma eu o teria atacado? Não tinha uma. Não. Defendi-me como pude, com socos e pontapés.

“Com um soco no rosto”, disse o sr. Helmas, “pus meu adversário em fuga, quando eu já estava ferido.” Resposta categórica, o senhor não acha? Ora, examinei o segundo ferido: ele não apresenta nenhuma

marca de golpes, nem no rosto nem em outra parte do corpo. Portanto...”

Por sua vez, Raoul d'Averny inclinou-se:

— Raciocínio perfeito — disse.

Mas o juiz de instrução, sr. Rousselain, que gostara do personagem, perguntou-lhe:

— O senhor tem outra observação a nos comunicar?

— Oh! Pouca coisa. E receio abusar...

— Fale, fale... por favor. Estamos diante de um caso que parece inexplicável e o menor passo adiante pode ter sua importância. Somos todo ouvidos...

— Pois bem — começou Raoul d'Averny —, o que precipitou Élisabeth Gaverel na água quando foi assaltada foi, indiscutivelmente, o colapso dos degraus de madeira, não é? Examinei os degraus que desabaram. Estavam apoiados sobre duas estacas bastante robustas cravadas no lago. No entanto, essas estacas cederam sob a pressão, pelo bom motivo de ambas terem sido recentemente serradas em três quartos de seu diâmetro.

Um leve gemido acolheu aquelas palavras. Rolande havia saído do estúdio apoiada no braço de Félicien Charles. De pé, vacilante, ela ouvia as palavras do sr. d'Averny.

— Será possível? — balbuciou.

O inspetor Goussot correu para a escada. Recolheu uma das estacas que o sr. d'Averny havia colocado na margem e trouxe-a, dizendo:

— Está certo. O corte é bem nítido e muito recente.

Rolande observou:

— Há uma semana, minha irmã ia todos os dias, na mesma hora, buscar o barco. Quem a matou sabia disso? E teria preparado tudo?

Raoul balançou a cabeça.

— Não acredito que as coisas tenham se passado assim, senhorita. O assassino não tinha necessidade de jogá-la na água para arrancar-lhe o colar. Um ataque repentino, uma luta de dois ou três segundos na margem... e a fuga... isso bastava.

O juiz de instrução pronunciou-se, muito interessado:

— Em sua opinião, outra pessoa teria providenciado essa armadilha terrível?

— Acredito que sim.

— Quem? E por que essa armadilha?

— Não sei.

O sr. Rousselain não pôde conter um leve sorriso:

— O caso está ficando mais complicado. Haveria então dois assassinos: um de intenção e outro de fato. Este último, em suma, só teria aproveitado a ocasião. Mas por onde entrou na propriedade? E onde estaria escondido?

— Ali — disse Raoul, apontando para a *Orangerie* do tio Philippe Gaverel.

— Naquela casa? Inadmissível. Observe: todas as janelas e portas do térreo estão fechadas e têm venezianas herméticas.

Raoul respondeu num tom displicente:

— Todas têm venezianas, mas nem todas estão hermeticamente fechadas.

— Ora!

— Uma delas, a porta-janela que fica mais à direita, não está fechada. Os dois batentes foram abertos, inevitavelmente por dentro, e encostados um contra o outro. Vá verificar, senhor inspetor.

— Mas como então o indivíduo teria entrado na casa? — perguntou o sr. Rousselain.

— Certamente pela porta da fachada principal, que dá para a avenida.

— Então ele tinha chaves falsas?

— Sem dúvida.

— E teria escolhido esse local para observar a srta. Gaverel e atacá-la? É extraordinário.

— Tenho minha ideia a respeito disso, senhor juiz de instrução. Mas vamos aguardar a chegada do sr. Gaverel. Avisado ontem por telegrama da srta. Rolande, ele deve chegar de Cannes, onde estava em vilegiatura com o filho. É esperado a qualquer momento, não é, senhorita?

— Ele já deveria ter chegado — afirmou Rolande.

Seguiu-se um longo silêncio. A autoridade do sr. d'Averny se impunha a todos os que o escutavam. Tudo o que dizia parecia verossímil, a ponto de ser admitido como verídico, apesar das contradições e impossibilidades.

O inspetor Goussot, plantado diante da *Orangerie*, observava a porta-janela, que, de fato, não estava fechada. Os magistrados conversavam em voz baixa. Rolande chorava baixinho. Félicien olhava alternadamente para ela e para o sr. d'Averny.

Finalmente, este continuou:

— O senhor juiz de instrução disse que o caso é complicado. De fato, é extremamente complicado. E é nesses casos que desconfio do que vejo e do que percebo e inclino-me a simplificar, pois a realidade quase sempre se atém a uma certa unidade de linhas. Não existe na vida essa tal confusão de acontecimentos simultâneos. Isso não existe. Nunca o destino se diverte acumulando tantas reviravoltas. Em doze horas, uma emboscada, um afogamento, um estrangulamento, um roubo, uma morte, depois duas outras emboscadas que deveriam ter resultado em outras duas mortes! Tudo isso incoerente, estúpido, absurdo, inumano. Não, na verdade é demasiado... E é por isso...

— E é por isso?

— E é por isso que me pergunto se não haveria, nesse emaranhado, uma linha que separa os fatos, que coloca uns à direita, outros à esquerda... Enfim, se não haveria, em vez de um único caso excessivamente denso, dois casos normais que, em um ponto qualquer de seu desenvolvimento, se encontraram por acaso. Se for assim, bastaria identificar o ponto de contato a partir do qual os dois fios se emaranharam e começaríamos a entender a situação.

— Ah! — exclamou sorrindo o sr. Rousselain. — Estamos entrando no reino da fantasia. Tem alguma prova na qual se basear?

— Nenhuma — respondeu Raoul d'Averny —, mas as provas às vezes são menos comprobatórias que a lógica.

E ele se calou. Todos refletiam. Ouviu-se um automóvel parando atrás da *Clématites*. Rolande correu ao encontro do tio Gaverel.

Subiram juntos à câmara mortuária e um pouco depois o sr. Gaverel juntou-se aos magistrados.

Foi informado sobre os acontecimentos em poucas palavras. Raoul d'Averny mostrou-lhe a porta aberta de sua *villa* e disse:

— É provável, senhor, que alguém tenha entrado na sua casa.

O sr. Gaverel empalideceu:

— Alguém? Mas com que intenção?

— Roubar. O senhor deixou algum objeto precioso. Valores?

O tio de Rolande vacilou.

— Objetos? Valores? Não... Afinal, como saberiam? Não, não, não acredito.

De repente ele desatou a correr feito um louco em direção à *Orangerie*, gritando:

— Não! Não venham... Não venha ninguém.

Foi direto para a porta da *Orangerie*, empurrou a porta entreaberta e desapareceu.

Passaram-se dois minutos. Ouviram-se exclamações. Alguns segundos depois, ele apareceu, agitou os braços e desabou no degrau da soleira, onde todos o esperavam.

Ele gaguejou:

— Sim... fui roubado. Descobriram o esconderijo... É terrível... Estou arruinado... Descobriram o esconderijo... Não posso acreditar. Levaram tudo...

— Um grande roubo? — perguntou o juiz de instrução. — Em quanto estima?

O sr. Gaverel levantou-se. Estava lívido e como que chocado com a confidência que fizera.

— Grande, sim... Mas isso só diz respeito a mim... A justiça só deve tratar de uma coisa: fui roubado. Que encontrem o ladrão! Que me devolvam o que me foi roubado.

Raoul d'Averny e o inspetor Goussot entraram. Chegando ao vestibulo, notaram que a fechadura da porta principal, que dava para a avenida, havia sido forçada, conforme previra d'Averny, e que a porta estava fechada apenas pelo ferrolho de segurança acionado por dentro.

Voltaram ao jardim e Raoul perguntou a Rolande:

— A senhorita me disse que, quando saltou a janela do seu estúdio ontem, viu o assassino de sua irmã que, na fuga, recolheu alguma coisa?

— Sim, de fato...

— Como era essa coisa?

— Eu mal o vi...

— Um pacote?

— Sim... Creio que era um pacote de pequenas dimensões... que ele escondeu sob o casaco enquanto corria.

O que aconteceu com o pacote? O criado, Édouard, que foi chamado, e de quem era impossível suspeitar, afirmou que nada havia sido encontrado no cadáver.

Todos os que foram interrogados, policiais ou curiosos, declararam que nem na véspera nem pela manhã haviam recolhido pacote algum.

Philippe Gaverel recuperou a esperança...

— Vamos encontrá-lo — disse ele. — Tenho certeza de que a polícia vai encontrá-lo.

— Para que esse pacote seja encontrado — retrucou o sr. Rousselain —, precisamos de uma descrição dele.

— Uma pequena sacola de tecido cinza.

— Que continha?

O sr. Gaverel exaltou-se.

— Isto só diz respeito a mim! É da minha conta. Se achei por bem guardar dinheiro ou documentos, é somente da minha conta?

— Afinal, era dinheiro?

— Não, não, eu não disse isso — respondeu Gaverel, cada vez mais irritado. — Por que acha que seria dinheiro? Não... Cartas... Documentos de valor inestimável para mim.

— Em suma?

— Em suma, uma sacolinha de tecido cinza, é o que reclamo. A justiça deve procurar apenas uma sacolinha de tecido cinza.

— Seja o que for — disse Raoul depois de um longo silêncio —, a prova existe. Durante a penúltima noite, um ladrão, o velho Barthélemy, entrou nesta casa. À força de pesquisar, encontrou a sacola. Como sair? Pelo vestíbulo e pela porta que dá para a avenida? Não, em pleno dia ele poderia ser surpreendido. Então, ele abriu esta porta-janela, pensando que no jardim de uma casa desabitada não haveria ninguém, e usaria a saída da horta. Foi nesse exato momento que Élisabeth Gaverel saiu da *Clématites*. Um encontro inesperado. A jovem solta um grito, que foi vagamente ouvido na *Clématites*. O que acontece depois? O ladrão

precipitou-se para ela, que tentou fugir. O choque ocorreu nos degraus. Nós sabemos o resto.

O inspetor Goussot encolheu novamente os ombros.

— É muito possível... mas eu não estava presente.

— Nem eu...

— Consequentemente, nada demonstra que as coisas tenham se passado dessa forma, isto é, que o próprio senhor Barthélemy não tenha planejado o atentado de que foi vítima a srta. Gaverel.

— Nada o demonstra, de fato — admitiu Raoul.

Mas estava ficando tarde. O substituto teria de voltar a Paris e o estômago do sr. Rousselain começava a atormentá-lo. Consultou em voz baixa o criado. Não haveria algum bom restaurante por perto?

— Senhor juiz de instrução — falou Raoul d'Averny —, se quiser dar-me a honra de aceitar o meu convite, creio que não se come muito mal em minha casa...

Convidou também o inspetor-chefe, que recusou de bom humor, desejoso de não interromper sua investigação. Rolande chamou Raoul d'Averny de lado e disse-lhe, emocionada:

— Confio no senhor... Minha irmã será vingada, não é? Eu a amava tanto...

Ele disse:

— Sua irmã será vingada. Mas tenho a impressão de que é principalmente a senhorita quem poderá...

Ele a olhou bem nos olhos e repetiu:

— Compreenda, é principalmente a senhorita quem poderá me ajudar... O problema a ser resolvido é terrível e não temos nenhuma luz. Não deixe de refletir sobre o assunto. Descubra se sua irmã não tinha algum inimigo, se não havia nada em sua vida que pudesse provocar ciúmes ou ódio... Se descobrir algo, mantenha-me informado. Estou inteiramente à sua disposição... e teremos êxito.

² Ver *O rosário vermelho*. (N.T.)



O inspetor Goussot ataca

O almoço oferecido por Raoul, que teve a presença de Félicien Charles, regozijou de tal modo o sr. Rousselain que este derramou-se em elogios e exclamações.

— Ah, que lagosta!... Ah, que Sauternes!... E que frango!...

— Eu conhecia a sua fraqueza, senhor juiz de instrução — disse Raoul d'Averny.

— É mesmo? E por intermédio de quem?

— Por um de meus amigos, Boisgenêt, que acompanhou o famoso caso do castelo d'Orsacq, em que o senhor fez maravilhas.

— Eu? Eu deixei que as coisas seguissem seu curso.

— Sim, conheço sua teoria. Quando há um drama passional, são os próprios atores do drama que, pelo desencadear de suas paixões, dissipam gradualmente o mistério.

— Certamente, e é uma pena que o mesmo não aconteça hoje. Roubo de dinheiro, roubo de um colar... Nada de interessante.

— Quem sabe? Alguém preparou uma armadilha para Élisabeth Gaverel.

— Sim, a armadilha da escada quebrada. Acredita realmente nessa maquinação? Acredita em dois casos distintos?

— Sobretudo não veja em mim, senhor juiz de instrução, um detetive amador convencido de seus pequenos talentos. Não. Li muito. Nunca romances policiais, que me aborrecem... leio a *Gazette des Tribunaux*... e narrativas de crimes reais. E extraí das minhas leituras uma certa experiência e pontos de vista... às vezes corretos... às vezes bastante errôneos... e que, de vez em quando, me permitem tagarelar a

torto e a direito... e impressionar policiais de segunda categoria... como o bravo inspetor Goussot. A verdade é que toda essa história é diabolicamente obscura! Só há uma coisa muito clara — acrescentou rindo. — O sr. Philippe Gaverel não quer ser suspeito de esconder dinheiro em casa. E, no entanto, digamos que a sacola de tecido cinza seja encontrada, para que servirá se não tiver mais nada dentro dela?

— Na verdade — disse Rousselain —, o primeiro cuidado do ladrão será abrir a sacola e apoderar-se do conteúdo. Além disso, há muito pouca chance de se encontrar o dinheiro.

Félicien mantinha-se calado. Durante toda a refeição, escutara Raoul d'Averny com atenção, mas sem participar da conversa.

Por volta das três horas, o sr. Rousselain levou-os ao jardim da *villa Clématites*, onde encontraram o inspetor-chefe.

— Pois bem, senhor inspetor, alguma novidade?

Goussot assumiu seu ar mais imparcial.

— Pfff! Não muita. Fui à clínica saber notícias do sr. Jérôme Helmas e conversei com os médicos. Embora sua vida não esteja em perigo, não tive permissão para interrogá-lo a fundo. Falou-me apenas que o indivíduo que o seguiu e o atacou pareceu-lhe saído da passagem que conduz ao lago.

— E o punhal do crime?

— Não o encontramos.

— O outro ferido?

— Seu estado continua grave e os médicos não ousam fazer prognósticos.

— Nenhuma informação sobre ele?

— Nenhuma.

O inspetor-chefe fez uma pausa e depois acrescentou, com ar distraído:

— No entanto... acabei estabelecendo, a respeito dele, um fato bastante estranho.

— Ah! qual?

— Esse indivíduo, que seria atacado à noite, entrou ontem neste jardim.

— O que disse? Neste jardim?

— Aqui mesmo.

— Mas como?

— Pois bem, ele entrou primeiro na vila, aproveitando-se que o sr. Félicien Charles também entrava, já que este, depois do assassinato da srta. Élisabeth, quis ver sua irmã Rolande.

— E depois?

— Depois ele se misturou às pessoas atraídas pelo disparo que entravam aqui por todos os lados antes que a ordem fosse restabelecida.

— Tem certeza?

— Os depoimentos das pessoas que interroguei na clínica são claros.

— Não há dúvida — disse o juiz de instrução a Félicien — de que deve ter entrado por acaso ao mesmo tempo que o senhor?

— Não notei — respondeu Félicien.

— Não notou nada? — insistiu Goussot.

— Nada.

— Estranho. No entanto, viram-no conversando com ele.

— Pode ser — falou o jovem sem embaraço —, falei com quem estava lá, policiais, curiosos.

— E não notou um rapaz alto, com jeito de artista, que usava uma gravata de laço de bolinhas brancas?

— Não... ou talvez sim... Não sei... estava tão assustado.

Houve uma pausa. Então o inspetor Goussot prosseguiu:

— Mora em um pequeno pavilhão nas dependências da propriedade do sr. d'Averny, aqui presente?

— Sim.

— Conhece o jardineiro?

— Certamente.

— Pois bem, o jardineiro afirma que ontem, no momento do disparo, o senhor estava sentado no jardim...

— De fato.

— E que estava sentado com um senhor que já o tinha visitado duas ou três vezes. Ora, esse senhor é o nosso homem. O jardineiro o reconheceu formalmente na clínica, momentos atrás.

Félicien corou, enxugou a testa, hesitou e finalmente respondeu:

— Não sabia que se tratava dele. Repito que estava tão perturbado que não saberia dizer se ele veio comigo até a *villa Clématites*, ou se estava comigo entre a multidão.

— Como se chama seu amigo?

— Não é meu amigo.

— Não importa! Como se chama?

— Simon Lorient. Ele me procurou um dia em que eu pintava à beira do grande lago. Ele me disse que também era pintor, mas que não sabia onde colocar seus quadros, e que estava procurando trabalho. Pediu-me que o apresentasse ao sr. d'Averny. Prometi que o apresentaria.

— Viu-o com frequência?

— Quatro ou cinco vezes.

— Onde ele mora?

— Em Paris. É tudo o que sei.

O jovem recuperara de tal forma a compostura a ponto de o juiz de instrução murmurar:

— Tudo isso é muito plausível.

Mas Goussot não desistia.

— Então encontrou-se com ele ontem?

— Sim, perto do pavilhão onde moro. Julguei então que o sr. d'Averny estaria de volta e eu o apresentaria.

— E mais tarde, a partir do momento em que mandei evacuar o jardim?

— Não tornei a vê-lo.

— No entanto, ele continuou a rondar as casas que margeiam o lago. Saiu para jantar em um café vizinho, e há quem esteja quase certo de tê-lo visto ontem à noite perto daqui, escondendo-se nas sombras.

— Não sei nada a respeito.

— O que fazia enquanto isso?

— Jantei no meu pavilhão, servido, como todos os dias, pelo empregado do sr. d'Averny.

— E depois?

— Depois li e fui deitar.

— A que hora?

— Por volta das onze horas.

— E não voltou a sair?

— Não.

— Tem certeza?

— Sim.

O inspetor Goussot voltou-se para um grupo de quatro pessoas que já havia interrogado. Uma dessas pessoas, um senhor de certa idade, adiantou-se.

Goussot perguntou-lhe:

— Mora em uma das casas vizinhas, não é?

— Sim, para além da horta do sr. Philippe Gaverel.

— A casa é delimitada de um lado por uma passagem pública, que permite a todos chegar ao lago?

— Sim.

— Ora, o senhor declarou que por volta de meia-noite e quarenta e cinco minutos estava tomando ar na janela quando viu alguém remando no lago e atracando o barco no final da passagem. Essa pessoa aproximou o barco da sua propriedade e o amarrou em sua estaca habitual. Ela usou o seu barco. Reconheceu a pessoa, não é?

— Sim. Algumas nuvens se afastaram e o luar bateu-lhe em pleno rosto. Então ele se jogou numa parte escura. Era o sr. Félicien Charles. Ele permaneceu na passagem por um longo tempo.

— E depois?

— Depois, não sei. Deitei e adormeci.

— Afirma que era o sr. Félicien Charles, aqui presente?

— Creio que posso afirmá-lo sem medo de errar.

O inspetor Goussot disse a Félicien:

— Por consequência, passou a noite fora da casa e não em sua cama?

Félicien replicou com firmeza:

— Não saí do meu quarto!

— Se não saiu do seu quarto, como é possível que o tenham visto pular do barco e postar-se na passagem? E que o sr. Helmas julgasse ter percebido que seu agressor vinha da passagem?

— Não saí do meu quarto — repetiu Félicien.

O sr. Rousselain mantivera-se em silêncio, um pouco incomodado por ter almoçado à mesma mesa que aquele jovem que se defendia tão mal. Olhou para Raoul d'Averny, que também escutara em silêncio,

enquanto observava Félicien.

Raoul interveio imediatamente:

— Enquanto esperamos, senhor inspetor, que o inquérito verifique todos esses boatos e lhes atribua seu verdadeiro significado, posso saber aonde o senhor quer chegar no que se refere a Félicien Charles?

Goussot replicou:

— Não tenho outro objetivo senão reunir os elementos da verdade.

— Esses elementos são sempre reunidos de acordo com uma ideia geral de verdade que já se julga pressentir, senhor inspetor.

— Não tenho ideia alguma.

— Sim. No caso atual, resultaria do seu interrogatório: 1º que o senhor está se ocupando principalmente com o segundo drama, ou seja, o roubo do dinheiro e as duas agressões noturnas; 2º que Félicien, tendo saído de casa naquela noite, usou o barco para entrar no jardim da *Orangerie* e procurar a sacola de tecido cinza com as notas e que, por volta de uma hora da manhã, escondendo-se nas sombras, seguiu um instante depois o noivo da vítima, o sr. Jérôme Helmas, e atacou-o, sabe-se lá por quais motivos. E, lá no fundo, é claro que o senhor está se perguntando se não terá sido ele também o agressor do outro ferido, Simon Lorient.

— Não estou me perguntando nada, senhor — disse Goussot secamente —, e não estou acostumado a que me interroguem.

— Permita-me apenas notar — prosseguiu Raoul d'Averny — que suas suspeitas parecem associar Félicien Charles a Simon Lorient. Nesse caso, se agissem em conivência, como poderia Félicien Charles ser ao mesmo tempo cúmplice e agressor de Simon Lorient?

Goussot não respondeu. Raoul encolheu os ombros.

— Tais presunções não se sustentam.

Mas o silêncio do inspetor pôs fim à cena. De pé na entrada, muito bela em seu vestido de luto, Rolande havia escutado.

Ela agarrou o braço do tio. Eles iam à clínica visitar Jérôme Helmas.

Raoul não insistiu. Depois de um tempo, disse a Félicien:

— Vamos.

E despediu-se do juiz de instrução.

Durante o trajeto, Raoul d'Averny permaneceu taciturno. Chegando à *villa*, conduziu o rapaz a um pequeno gabinete de trabalho situado atrás dos salões que dava para um recanto de jardim isolado por cercas vivas.

Ele fez sinal para que se sentasse e disse:

— Nunca me perguntou por que lhe escrevi para vir me ver.

— Não ousei, senhor.

— Portanto, não sabe por que lhe ofereci decorar e morar nesta propriedade?

— Não.

— Não está curioso?

— Tenho medo de ser indiscreto. O senhor não me interrogou.

— Sim. Interroguei-o acerca de seu passado. Disse-me que seus pais tinham morrido havia anos e que a vida era difícil. Mas senti tal reserva, tal desejo de não revelar nada sobre a sua pessoa que não insisti. Não conversamos desde então, o que faz com que eu não o conheça. Hoje...

Depois de uma pausa, em que pareceu hesitar, concluiu bruscamente:

— Hoje, parece-me que se envolveu em um caso desagradável, ou pelo menos que lhe seria difícil explicar seu papel nele, talvez involuntariamente. Quer confiar em mim sem reticências?

Félicien explicou:

— Não acreditaria a que ponto lhe sou grato por tudo o que fez por mim. Mas nada tenho a confessar.

— Não reprovo sua resposta — disse Raoul. — Na sua idade e nas circunstâncias em que se encontra, é preciso saber se virar sozinho. Se for culpado de algo, pior para você. Se for inocente, a vida o recompensará.

Félicien levantou-se e aproximou-se de Raoul d'Averny.

— O que acha, senhor?

Raoul observou-o durante um bom tempo. Os olhos do jovem piscavam, seu rosto carecia de franqueza. Ele disse:

— Não sei.

O enterro de Élisabeth Gaverel aconteceu no dia seguinte. Rolande caminhou corajosamente até o cemitério e não tirou os olhos da tumba aberta.

Manteve o braço estendido sobre o caixão e murmurou palavras que ninguém ouviu, palavras pelas quais contava à irmã todo o seu desespero e jurava permanecer fiel à sua memória.

Afastou-se pelo braço do tio. Este último teve uma longa conversa com o sr. Rousselain. Por mais acabrunhado que estivesse, não desistia de seu raciocínio.

— Dinheiro nenhum, senhor juiz, mas cartas e documentos preciosos. Encarrego a justiça de colocar a mão na sacola de tecido cinza que os contém. E é assim que escreverei uma queixa ao Ministério Público antes de minha partida para o sul.

Raoul d'Averny passeou ao redor do lago e depois, sentado em um marco, terminou a leitura dos jornais da manhã.

Um deles, evidentemente informado por algum repórter audacioso e hábil, que na véspera, escondido sabe-se lá onde, pôde ouvir e ver, publicava todos os detalhes do inquérito e reproduzia o perturbador interrogatório dirigido por Goussot a Félicien Charles.

— Como é possível trabalhar nestas condições! — resmungou d'Averny mal-humorado.

Voltou à sua propriedade, onde viu Félicien trabalhando. Entrando em casa, atravessou o vestibulo e foi para aquela pequena sala onde gostava de refletir e devanear.

Uma mulher aguardava-o ali, sem chapéu, usando um vestido muito simples, com um lenço vermelho em volta do pescoço. Uma desconhecida, que permaneceu de pé, mostrando um magnífico rosto atormentado por expressões diversas, no qual havia dor, angústia, cólera, hostilidade...

— Quem é a senhora?

— A amante de Simon Lorient.



Faustine Cortina e Simon Lorient

A frase foi dita em um tom francamente agressivo e como se Raoul d'Averny fosse o responsável pelas desventuras de Simon Lorient.

Raoul retrucou:

— Suponho que tenha lido esta manhã o artigo no *Écho de France*, em que aparentemente acusam meu hóspede, Félicien Charles. Não sabendo onde o encontrar, decidiu me procurar, não é?

Depois do primeiro choque, a cólera da moça desencadeou-se, uma cólera cheia de soluços e de pavor, que revelava uma natureza violenta e sombria, incapaz às vezes de se controlar.

— Já se passaram três dias desde que o homem que eu amo desapareceu, três dias que o procuro em vão, correndo de um lado a outro como uma louca. E esta manhã, de repente, neste jornal (pois leio todos assustada, temendo descobrir que ele foi vítima de um acidente) li o nome dele... Diziam que estava ferido, quase morrendo. Talvez já esteja morto agora.

— Então por que veio aqui em vez de ir à clínica?

— Antes de ir, queria vê-lo.

— Por quê?

Ela não respondeu à pergunta. Aproximou-se de Raoul, furiosa e soberba, e proferiu:

— Por quê? Porque o senhor é o autor de tudo isso. Sim, o senhor! Todo o caso é obra sua, basta ler este jornal. Félicien Charles? Um comparsa. O senhor é o chefe! Aquele que maquinou toda a aventura, é o

senhor! Tenho a intuição, a certeza... Assim que li o jornal, disse comigo mesma: “É ele!”

— Quem, eu? Não me conhece.

— Sim eu o conheço.

— Conhece a mim, Raoul d’Averny?

— Não, conheço você, Arsène Lupin!

Raoul ficou estupefato. Não esperava aquele ataque direto, ou que seu verdadeiro nome lhe fosse lançado como um insulto. Como aquela mulher podia saber?

Agarrou-lhe a mão com brutalidade.

— O que disse? Arsène Lupin?

— Oh! Não minta! Para quê? Sei disso há muito tempo. Simon me falou várias vezes a seu respeito e mencionou esse sobrenome d’Averny sob o qual se esconde! Vim até aqui, uma noite da semana passada, durante sua ausência e sem ninguém saber. Ele queria que eu visse a casa de Arsène Lupin. Ah, eu o preveni! “Não tente conhecê-lo. Isso lhe traria azar. O que espera desse aventureiro?”

Estendeu o punho crispado para Raoul. Insultou-o com o olhar e com a voz trêmula de desprezo. Raoul escutava, impassível. De onde vinha aquela estranha história? Ele tinha ido ver Simon Lorient na clínica. Ele não o reconhecera. Com que intenção Simon Lorient pretendia entrar em contato com ele? Como teria adivinhado que Raoul d’Averny não era outro senão Arsène Lupin? Por qual sucessão de acasos ele estava de posse de tal segredo?

Raoul teve a impressão de que a jovem era incapaz de informá-lo a respeito, ou pelo menos não queria fazê-lo. Ela tinha obstinação no rosto e olhos inflexíveis. Ereta, impetuosa em sua imobilidade, apesar de tudo, não perdia nada do seu encanto um tanto bárbaro, mantendo na atitude uma incrível nobreza. Ela sabia, por instinto ou por hábito?, usar a beleza e realçá-la. A seda maleável de seu corpete acentuava suas curvas e revelava a linha harmoniosa de seus ombros.

A visível admiração de Raoul a fez corar. Ela inclinou-se obre uma poltrona e, com os braços cruzados e as mãos espalmadas sobre o rosto, procurava se esconder. De repente, meio desfalecida, desatou a chorar.

— O senhor não acreditaria o que ele é para mim... É toda a minha vida... Se ele morrer, eu morrerei... Nunca amei outro homem...

Ajoelhava-me diante dele... Seria capaz de me matar para poupá-lo de uma dor. E ele me amava tão profundamente... Assim que ficássemos ricos, nos casaríamos e iríamos embora... sim, iríamos embora...

— Quem os impede?

— E se ele morrer?

Mas essa ideia de morte despertou-a novamente. Passou assim de um excesso a outro, no espaço de alguns segundos, numa agitação desordenada de ideias e sensações.

Ela se lançou sobre Raoul.

— Foi o senhor quem o matou... não sei como... Mas foi o senhor... E me vingarei como se vingam a gente da minha terra, a Córsega. Não é preciso que ele morra para ser vingado. O golpe que recebeu veio de Arsène Lupin. E o seu nome, senhor, gritarei por toda parte... Sim, vou denunciá-lo à polícia. E sem demora! É preciso que se saiba o senhor é... Arsène Lupin, o malfeitor, o ladrão... Arsène Lupin!

Ela abriu a porta e tentou fugir, vociferando como uma louca. Ele tapou-lhe a boca com a mão e forçou-a a voltar à sala. Houve uma luta feroz. Ela se defendeu como uma selvagem. Ele teve de agarrá-la pelos braços para derrubá-la sobre uma poltrona e imobilizá-la. Mas quando a sentiu próxima, toda palpitante, vencida, mas abalada pela indignação e pelo ódio, sentiu uma vertigem e fez um esforço como que para beijá-la.

Endireitou-se imediatamente, furioso com a estupidez do gesto. Ela então desatou a rir em um acesso de raiva que a sacudiu.

— Ah, você também! É igual aos outros! Livra-se de uma mulher agarrando-a como uma menina. Por Deus, um Lupin pensa que tudo lhe é permitido! Todas as mulheres lhe pertencem... Ah, cabotino, se tivesse roçado minha boca, eu o mataria como a um cão.

Raoul estava exasperado.

— Chega de tolices! Não veio para me denunciar ou me matar, veio? Fale, com os diabos! O que quer? Fale de uma vez!

Voltou a segurá-la pelos braços, mantendo-a diante dele. Com voz vibrante, disse:

— Não tenho nada a ver com esse caso... Não fui eu quem agrediu Simon Lorient... Juro que não fui eu... Vamos, fale... O que quer?

— A salvação de Simon — murmurou, dominada.

— De acordo. Assim que ele melhorar, farei com que desapareça. Não tenha medo. Ele não irá para a prisão.

Ela estremeceu.

— Ele, na prisão! Mas ele não fez nada para ir para a prisão! Ele é um homem honesto. Não, somente por meu intermédio ele será salvo. Só eu posso salvá-lo, cuidando dele.

— E então?

— Então, quero ser recebida na clínica e ficar ao lado dele, velando-o dia e noite. Fui enfermeira durante quatro anos. Ninguém além de mim pode cuidar dele. Mas tem de ser hoje... agora.

Ele encolheu os ombros.

— Por que não me disse isso desde o início, em vez de perder tempo acusando-me sem motivo?

— Então, está combinado? — perguntou com rispidez.

— Sim.

— Imediatamente, não é?

Ele refletiu e prometeu:

— Sim, vou ver o diretor da clínica. Ele não recusará. Providenciarei para que não possa recusar e pedirei sigilo. Mas tem de me deixar agir ao meu modo. Qual é o seu nome?

— Faustine... Faustine Cortina.

— Dará outro nome na clínica e não diga uma palavra sobre suas relações com Simon Lorient.

Ela continuava desconfiada.

— E se nos trair?

— Vá! — exclamou ele com impaciência, empurrando-a para o pequeno jardim.

O cercado comunicava-se com a garagem e o motorista estava ausente. Raoul abriu a porta de um cabriolé e ordenou:

— Tire o lenço vermelho para não ser notada. E entre.

Ela entrou.

Raoul saiu da propriedade pelos fundos e rumou para o Sena, que atravessou em Pecq. O automóvel subiu a encosta rapidamente.

— Para onde vamos? — perguntou ela. — Se isso for uma cilada, pior para o senhor!

Ele não respondeu.

Em Saint-Germain, ele parou em frente a uma grande loja de confecções e comprou uma blusa e um véu de enfermeira.

Uma hora depois, ela era admitida na clínica como enfermeira e foi designada especialmente para cuidar do ferido. Simon Lorient, devorado pela febre, esgotado pelo ferimento, não a reconheceu.

Muito pálida, o rosto contraído, mas senhora de si mesma, rígida em seu traje de enfermeira, ouviu as instruções que lhe davam e murmurou:

— Eu vou salvá-lo, meu querido... eu vou salvá-lo...

Ao sair da clínica, Raoul encontrou Rolande Gaverel que acabava de levar para o quarto de Jérôme Helmas flores que ela colhera no túmulo da falecida. O estado de saúde do jovem apresentava melhoras. Ele havia chorado com a moça. A febre havia diminuído. Ele seria interrogado no dia seguinte.

Caminhando ao lado dela, Raoul perguntou:

— Já refletiu?

— Só penso nisso. É a vontade de saber que me sustenta.

— E o que concluiu até agora?

— Até agora, nada. Procuro nas minhas lembranças. Busco nos guardados de Élisabeth. Nada.

Chegando à *Clématites*, ela mostrou-lhe o diário da irmã. Havia meses falava apenas da expansão suave, lenta e radiosa do amor, que às vezes se confundia com a melancolia de uma doente, para desabrochar na alegria de convalescente e de noiva feliz.

— Leia a última página — disse Rolande. — Como ela estava tranquila e despreocupada! Entre eles e a felicidade tão próxima não havia obstáculo.

Lá fora, o sr. Rousselain terminava a última investigação no local. Acenou para Raoul, que se aproximou:

— As coisas vão mal para o jovem Félicien.

— Por quê, senhor juiz de instrução?

— As acusações ficam mais definidas. Aqui está a última, que me foi apresentada pelo criado Édouard e pelo seu jardineiro, que ficaram amigos aqui. Há duas semanas, no final da tarde, Édouard veio conversar

com o amigo. Estavam perto da cerca viva que separa seu jardim do terreno reservado aos jardineiros. Na conversa, falaram sobre o tio dessas moças e o criado cometeu o erro de fofocar sobre o sr. Philippe Gaverel. “Um sujeito que acumula, acumula!...” — disse ele. — “Um avarento! Há tempos, teve problemas com o fisco. Então, a partir daquela época, sei que ele esconde dinheiro em casa... Vai acabar se dando mal.” Um pouco depois, eles viram uma pequena chama através da cerca viva e sentiram o cheiro de fumo. Alguém fumava do outro lado... Félicien Charles e Simon Lorient. Os dois tinham escutado tudo.

Raoul perguntou:

— Como sabe que eram eles?

— Acabei de falar com Félicien Charles, que não negou.

— E o que concluiu?

— As conclusões de um juiz de instrução não são tão rápidas. Antes de concluir, existem etapas. No máximo, tem-se o direito de considerar que a ideia de um golpe poderia ter germinado no cérebro de um deles e que encarregaram a execução do golpe ao velho Barthélemy, cúmplice subalterno e habituado a tarefas como essa...

— E depois?

— Durante a noite seguinte, depois de a sacola de tecido cinza ter sido roubada, perdida e encontrada no jardim por um deles, os dois amigos a disputaram, com punhais nas mãos.

— E o papel de Jérôme Helmas em tudo isso?

— É um papel de figurante que perturba um dos atores do drama e do qual é preciso se livrar.

Dois dias depois, Raoul soube que Simon Lorient havia piorado. Correu para a clínica.

O sr. Rousselain já estava lá, assim como o inspetor Goussot. Um pouco afastada, Faustine voltava-lhes as costas. Raoul viu o rosto dela, duro e sem esperança.

Simon Lorient agonizava. Por um momento, sentou-se na cama e passeou pelos que ali estavam um olhar lúcido. Viu sua amante e sorriu para ela.

No entanto, a névoa da agonia o envolveu de novo e, muito suavemente, como uma criança, gemeu, delirando. Ouviram-se estas palavras:

— O esconderijo... o velho encontrou a sacola... E depois... Eu procurei... Não sei mais nada... Félicien...

Repetiu várias vezes:

— Félicien... Félicien... Um golpe tão bem combinado... Félicien...

Depois caiu sobre o travesseiro, inerte.

Um longo silêncio se seguiu. Raoul encontrou o olhar cheio de ódio de Faustine. O homem que matara seu amante não seria aquele cujo nome acabara de ser pronunciado pela voz sincera de um moribundo?

O sr. Rousselain, acompanhado pelo inspetor Goussot, conduziu Raoul d'Averny para fora e disse:

— Lamento, sr. d'Averny, Félicien Charles era seu hóspede. O senhor o protegia. Mas, na verdade, as suspeitas são muito fortes...

Ele parecia hesitar, no entanto. Obcecado pelo desespero de Faustine, Raoul pensou que a prisão colocaria Félicien, culpado ou não, a salvo de um tolo gesto de vingança, e não protestou.

— Não posso discordar, senhor juiz de instrução. Félicien deve estar no pavilhão que ocupa em minha casa.

O prestígio de Raoul fez decidir o sr. Rousselain, que disse:

— Leve-o à prisão da delegacia, inspetor Goussot. Que fique à minha disposição.



A estátua

À noite, depois do jantar, sabendo por intermédio dos criados que a prisão de Félicien fora efetuada discretamente e sem o conhecimento de todos, Raoul dirigiu-se ao pavilhão onde o jovem morara até então. O pavilhão era uma construção térrea com dois cômodos, um que servia de ateliê e outro que Félicien utilizava como quarto, dotado de um banheiro.

Instalou-se no ateliê, deixando a porta aberta, assim como a porta de entrada.

A noite se aproximava, leve, e aos poucos mais fechada. Uma hora depois, ele ouviu ranger o portão do jardim, que nunca ficava fechado a chave. Passos cautelosos aproximaram-se do pavilhão, pisaram a grama, subiram os degraus da entrada e deslizaram pelo vestíbulo.

Raoul veio ao encontro de Faustine. Ela mal pareceu vê-lo e deixou-se conduzir a uma cadeira, sobre a qual caiu sentada.

Depois de um momento, ela murmurou:

— Onde está ele?

— Félicien?

— Onde?

— Na prisão. Não sabia?

Ela repetiu distraidamente:

— Na prisão?

— Sim, percebi em seu rosto tal expressão de ódio que, desconfiado, permiti que o prendessem. Fiz bem, não é?

Ela respondeu, abatida:

— Não sei... Não sei... Procuro... Quem atacou Simon Lorient? Ah, se eu soubesse !

— Conhece Félicien?

— Não.

— Então, por que veio aqui?

— Para interrogá-lo. Eu teria condições de ver se era ele...

Falava tão baixo e com tanta lassidão que Raoul tinha dificuldade em ouvi-la. Ele continuou:

— Certamente deve estar a par de algumas coisas. A respeito de Barthélemy, por exemplo, que a polícia não consegue identificar? E Simon Lorient? Tentaram em vão descobrir onde mora. Seguiram seu rastro em certos círculos de Montmartre, nos cafés de artistas onde é conhecido. Mas onde mora? Onde estão seus documentos? E que relação tinha com Félicien? E por que estou envolvido no caso? Você ouviu as últimas palavras de Simon... Num delírio de agonizante, acusou-se: “O esconderijo... o velho encontrou a sacola... Eu procurei...” Portanto, eram cúmplices, não eram? Eram cúmplices... e Félicien também.

Ela balançou a cabeça, parecendo dizer que Simon não era ladrão e que nunca tinha falado a ela sobre tudo aquilo. Raoul, perdendo a paciência, exclamou:

— Afinal, Simon Lorient me perseguia. Rondava ao meu redor? Responda, Faustine.

Mas encontrou um silêncio implacável. Faustine chorava. Lágrimas desesperadas cobriam-lhe o rosto, e ela ressaltava sua dor torcendo as mãos.

— Nunca amei ninguém senão ele... E ele morreu... Não o verei mais... Ele morreu. Quem o matou? Como viver se eu não o vingar? Preciso vingá-lo... Jurei fazê-lo.

Ela passou a noite inteira chorando, fazendo juramentos de vingança que acordavam algumas vezes Raoul, sentado não muito longe dela.

De manhã, os sinos da igreja tocaram. Era a missa pelos mortos.

— Estão tocando por ele — disse Faustine. — Ontem, na clínica, escolheram esta hora... Serei a única a rezar. E pedirei perdão por não o

ter vingado ainda.

Ela foi embora. O ritmo de seu andar era harmonioso e enérgico. As pernas eram longas e a cintura, sinuosa.

Naquela época, Raoul atingira um estágio de sua vida agitada em que a ideia de repouso se apresentava como uma perspectiva agradável. Não um repouso definitivo. Ainda era muito jovem e bastante ávido de ação para renunciar à sua grande paixão pela aventura. Mas por toda a França, na Côte d'Azur, na Normandia, na Savoia ou nos arredores de Paris, começava a organizar alguns oásis onde ficaria muito próximo desse eventual repouso. Um desses oásis era a propriedade de Vésinet. Instalara ali, como em suas outras propriedades, antigos camaradas, um criado-motorista, uma cozinheira e jardineiros-zeladores, aos quais oferecia assim um abrigo tranquilo em memória de serviços passados. E eis que de repente o destino lançava-o mais uma vez em uma luta temível que ele não buscara nem desejara.

Renunciar? Ele já não podia. Querendo ou não, precisava agir. Antes de mais nada tinha de descobrir, ponto essencial do problema, de que modo ele, personagem inocente, pacífico cidadão da aprazível Vésinet, envolvera-se em acontecimentos que pareciam ter-se combinado independentemente de sua vontade, e talvez até mesmo contra ele. Nesse caso, o acaso não explica nada. A explicação deve vir dos fatos. Mas onde encontrar esses fatos? E como motivá-los?

Raoul trancou-se na *Clair-Logis* e não saiu dali por mais de uma semana, sem ver ninguém, recusando-se a qualquer atividade, mas lendo todos os jornais. Soube assim que Félicien fora definitivamente incriminado, mas não colheu nenhuma outra informação.

O problema que se colocava cada vez mais no espírito de Raoul era saber como se envolvera naquele caso horripilante. Obstinava-se em resolvê-lo, construía hipóteses, abria árduos caminhos em todas as direções e inevitavelmente defrontava-se com obstáculos e impasses.

E sempre a mesma pergunta surgia de diferentes formas:

— O que tenho a ver com tudo isso? Se existem dois dramas ligados um ao outro, o que está fora de dúvida, por que sou ator em um deles? Por que meu refúgio de Vésinet foi perturbado? E quem o perturbou?

O dia em que o acaso quis que ele formulasse a questão sob esta última forma, foi obrigado a responder a si mesmo:

— Quem? Félicien, diabo!

E acrescentou:

— Como veio parar aqui? A recomendação do doutor Delattre era tão importante a meus olhos que não tomei informação alguma a respeito do jovem! De onde vem? Quem eram seus pais? Será que me enganaram sem que eu percebesse?

Consultou seu caderno de endereços: “Doutor Delattre, praça de l’Alboni”. Telefonou. O médico estava em casa. Raoul pulou para dentro do carro.

O doutor Delattre, um velho alto e magro de barba branca, recebeu-o imediatamente, apesar da multidão de pacientes que o aguardava.

— Sempre de boa saúde?

— Excelente, doutor.

— Então, do que se trata?

— De uma informação. Quem é Félicien Charles?

— Félicien Charles?

— O senhor não lê os jornais, doutor?

— Não tenho tempo.

— Félicien é o jovem arquiteto que o senhor me recomendou há seis ou oito meses.

— De fato... lembro-me.

— Tem boa opinião a respeito dele?

— Eu? Mas nunca o vi.

— No entanto, foi-lhe recomendado?

— Sem dúvida... Mas por quem? Vejamos, deixe-me pensar... Ah, eu me lembro... É até bem engraçado. Pois bem! Eu tinha naquela época um criado de quem gostava muito. Um homem de certa idade, inteligente, discreto, que também me servia um pouco como secretário. No dia em que recebi seu último cartão e lhe pedi para anotar seu endereço, ele examinou aquele cartão com curiosidade, como se conhecesse a caligrafia, e disse, lembro-me perfeitamente: “É um cavalheiro muito inteligente, este sr. d’Averny. O doutor deveria recomendar-lhe este jovem arquiteto para cujos pais trabalhei outrora e

sobre quem já lhe falei”. Ele mesmo datilografou uma carta e eu assinei. Eis toda a história.

Raoul perguntou:

— Esse criado ainda trabalha para o senhor?

O médico desatou a rir.

— Percebi que ele furtou uma bela soma de dinheiro e tive de mandá-lo embora. Ele ficou desesperado: “Suplico-lhe, doutor. Não me jogue na rua... Eu me regenerarei aqui... Tenho medo de deixá-lo... Não me expulse. A má vida vai recomeçar”.

— O nome dele, doutor?

— Barthélemy.

Raoul não pestanejou. Esperava esse nome.

— Esse Barthélemy tinha família?

— Dois filhos, dois patifes, confessou-me naquele dia, choramingando. Um deles, em especial, arrasta-se pelos prados de corrida e pelos bares de Grenelle.

— Seus filhos vinham visitá-lo aqui?

— Nunca.

— Ninguém o visitava?

— Sim, várias vezes eu o surpreendi conversando com uma mulher, uma mulher de classe média... mas refinada e majestosamente bela. E um dia, dezoito meses atrás, ela veio me procurar, meio desvairada, e conduziu-me até um ferido que estava bem perto daqui.

— Pode me dizer quem era, doutor?...

— Não há indiscrição alguma, pois o caso foi noticiado nos jornais. Tratava-se de Alvard, o célebre escultor, aquele que expôs no Salão no ano passado aquela Frineia maravilhosa. Mas — acrescentou o médico, rindo —, espero que sua investigação não esconda nenhum desígnio tenebroso.

Raoul saiu, pensativo. Finalmente conseguira encontrar uma extremidade do fio e já podia supor um acordo entre o velho Barthélemy, a corsa e Félicien, acordo que levara este último a Vésinet.

Depois de ter se informado, dirigiu-se à casa do escultor Alvard, que morava a cinco minutos dali, e entregou seu cartão.

Em seu vasto ateliê, encontrou um homem ainda jovem, de aspecto delicado e belos olhos negros, a quem se apresentou como apreciador de pintura que viera à França para comprar obras de arte.

Examinou e apreciou, como verdadeiro conhecedor, os esboços, bustos, torsos e silhuetas inacabadas que se acumulavam no ateliê sem jamais deixar de observar o escultor. Que relações tivera com a corsa aquele homem um pouco afeminado, mas elegante e fino? Ela o teria amado?

Comprou duas encantadoras estatuetas de jade. Em seguida, mostrando sobre um pedestal uma grande estátua coberta por uma tela branca:

— E esta?

— Não está à venda — disse o escultor.

— É sua famosa Frineia?

— Sim.

— Posso vê-la?

Alvard descobriu a estátua e no instante em que a viu Raoul soltou uma exclamação que o escultor só pôde interpretar como um grito de êxtase, mas na qual havia ainda mais espanto, quase estupor. A mulher representava, sem dúvida, Faustine Cortina. Era dela a expressão e o formato do rosto, as linhas que suas roupas leves sugeriam.

Raoul permaneceu em silêncio por um longo tempo, deslumbrado por aquela visão magnífica. E suspirou:

— Infelizmente não existe mulher assim!

— Esta existe — disse Alvard sorrindo.

— Sim, mas interpretada pelo grande artista que o senhor é. Na verdade, desde as deusas do Olimpo e as cortesãs gregas, essa extrema perfeição não existe mais.

— Ela existe. Não precisei interpretá-la, mas copiá-la.

— O quê?! Um modelo, esta mulher?

— Um modelo, simplesmente, que recebia para posar. Um dia, ela veio me ver e disse que já havia posado para dois colegas meus, mas como seu amante era horivelmente ciumento, se eu consentisse, ela viria em segredo porque ela o adorava e não queria magoá-lo.

— Por que posava?

— Precisava de dinheiro.

— E ele nunca soube de nada?

— Ele a vigiava e um dia, enquanto ela se vestia, ele forçou a porta do meu ateliê e me agrediu. Ela foi buscar um médico na vizinhança. O ferimento não era grave.

— O senhor voltou a vê-la?

— Apenas nos últimos dias. Estava de luto pelo amante e pediu-me dinheiro emprestado para dar-lhe uma sepultura digna.

— Ela vai posar de novo?

— Para a cabeça, quando chegar o momento. Caso contrário, não. Ela jurou.

— Como ela vai se sustentar?

— Não sei. Não é mulher que se rebaixe.

Raoul olhou longamente para a bela Frineia e murmurou:

— Não a venderia por preço algum?

— Por preço algum. É a obra da minha vida. Nunca mais farei outra coisa com tanto entusiasmo e tanta fé na beleza feminina.

— Na beleza de uma mulher que amou — disse Raoul gracejando.

— Que desejei, confesso, mas foi em vão. Ela amava. Mas não lamento... resta-me Frineia.



Zanzi-Bar

O letreiro ostentara, há alguns anos, estas duas palavras:

“Au Vieux Mastroquet” [Ao Velho Taberneiro], que ainda se pode adivinhar em alguns pontos, sob a camada de tinta onde hoje se acha a fórmula mais moderna: “Zanzi-Bar”. Mas continua sendo o mesmo beco desolado no popular bairro de Grenelle, em pleno centro fabril e próximo do nobre Sena que atravessa pouco antes umas das mais majestosas paisagens parisienses, de Notre-Dame ao Campo de Marte.

O Zanzi-Bar é frequentado por todos os moradores do bairro que vivem das corridas ou nelas se endividam, apostadores habituais dos prados, *bookmakers* inconfessos, vendedores de palpites.

Ao meio-dia, hora de saída da fábrica, os negócios atingem o auge, assim como às cinco horas, quando se faz o acerto de contas.

À noite, é uma casa de jogo clandestina. Às vezes, há brigas. Os clientes se embriagam com frequência. E é então, nesse momento, que Thomas Le Bouc, abreviatura francesa de *bookmaker*, assume toda a sua importância. Thomas Le Bouc jogava firme e ganhava sempre. Bebia firme também, mas dificilmente se embriagava. Rosto bonachão de expressão cruel, cabeça fria, aspecto enérgico, bolsos recheados, vestido de cavalheiro, com um chapéu-coco que nunca tirava, passava por homem “que conhecia seu ofício”. Que ofício? Ninguém o especificava. Mas naquela noite foi visto em ação e a consideração que inspirava aumentou muito.

Perto das onze horas, um indivíduo pálido e com as pernas bambas que parecia suportar mal as recentes libações apareceu em uma mesa de jogo. Seu sobretudo, por mais gasto e sujo que estivesse, oferecia a

lembrança de um corte excelente. O colarinho falso estava imundo, mas ainda assim era um colarinho falso! Mãos limpas, queixo bem barbeado. Em suma, uma espécie de sujeito decaído.

Ele pediu:

— Kummel!

Desconfiado, o dono exigiu:

— Pagamento adiantado.

O indivíduo tirou uma carteira na qual se viam várias notas. Tirou uma de dez francos.

Thomas Le Bouc não hesitou e propôs:

— Jogamos o troco no pôquer de dados?

E imediatamente apresentou-se:

— Thomas Le Bouc.

O outro respondeu, com a mesma polidez, e com um leve sotaque inglês:

— *Gentleman*, mas não jogo dados.

— O que sugere?

— Carteadado.

O resultado do carteadado foi o mesmo que seria no pôquer de dados.

Gentleman pediu revanche. Depois de várias tentativas, perdeu duzentos francos.

Enquanto isso, pagara e engolira seu segundo *kummel*. Seria o *kummel* ou o azar? Choramingou e afastou-se ziguezagueando.

A proeza de Thomas foi aplaudida, mas não sem algum desconforto. O *gentleman* caído era simpático. Tinha classe.

Voltou na noite seguinte, perdeu mais duzentos francos, chorou e foi embora.

Quando chegou na terceira noite, estava em tal estado de embriaguez que não conseguia segurar suas cartas. Estava claro que não eram as moedas de prata que o deprimiam, mas os copos de *kummel*, pois voltou a choramingar enquanto murmurava palavras desconexas. Algumas soaram tão estranhas a Thomas Le Bouc que este serviu-lhe três doses de *kummel* seguidas e absorveu a mesma quantidade, embora não tolerasse

esse licor quando misturado a outras bebidas alcoólicas.

Saíram cambaleando e sentaram-se em um banco no boulevard Émile Zola, onde adormeceram.

Quando despertaram, conversaram com menos inconsistência e Thomas Le Bouc, mais lúcido e com as ideias mais claras, passou o braço em volta do pescoço do companheiro, afetuosamente.

— Está tudo bem, camarada? Você bebe demais e isso o leva a contar histórias que podem levá-lo para a cadeia.

— Eu, na cadeia? — protestou o *gentleman*.

— Claro! Que história é essa de Vésinet que você contou no bar?

— Vésinet?

— Sim, Vésinet. É um caso de polícia. Os jornais estão tagarelando a respeito. Você surrupiou o dinheiro?

— Que atrevido.

— Você não surrupiou?

— Não. Alguém me deu.

— Quem?

— Um sujeito.

— Um sujeito de Vésinet?

— Não.

— Afinal, você esteve em Vésinet?

— Sim.

— Quando?

— Antes da guerra.

— Você está de brincadeira... O dinheiro que você tem não é de antes da guerra.

— Não.

Foram necessários vinte minutos de lengalenga e discussão antes que o *gentleman* finalmente declarasse:

— Você tem razão, Le Bouc. Deve ser dinheiro mais recente.

— Dez ou doze dias, talvez?

— É possível.

— E o nome do sujeito?

— Ah, isso não posso dizer, Le Bouc.

— Não pode?

— Não, o sujeito me proibiu.

- Por que ele deu o dinheiro a você?
- Como recompensa.
- Como recompensa por uma coisa que você fez?
- Não, por uma coisa que precisava ser feita.
- Que coisa?
- Já não sei mais.

Novas discussões intermináveis. Os dois camaradas arrastaram-se pela avenida e entraram em outro bar onde o *gentleman* bebeu mais dois *kummels* com a condição de que Le Bouc também bebesse. Depois saíram cantando e assim chegaram ao cais.

Desceram à calçada inferior que margeia o Sena, onde atracam as barcaças. O *gentleman* desabou entre montes de areia. Thomas foi lavar o rosto, molhou o lenço e passou-o no rosto do *gentleman*.

Este respirou com mais facilidade e Thomas voltou à carga, ansioso por obter uma resposta. Mas procedeu de outra maneira, tentando em primeiro lugar avivar as ideias no cérebro daquele bêbado.

— Deixe-me explicar... Roubaram em uma casa de Vésinet uma sacola de tecido cinza que tinha uma grande quantia. A sacola sumiu. Deram-lhe cinco notas para encontrá-la?

- Não.
- Sim, um rapaz alto com uma gravata de bolinhas...
- Nada disso... Não havia sacola nenhuma, nem gravata de bolinhas...
- Está mentindo! Então, por que te deram quinhentos francos?
- Não me deram quinhentos francos.
- Quanto, então?
- Cinco notas de mil.
- Cinco mil francos!

Thomas Le Bouc estava em um estado de excitação extraordinária. Cinco mil francos! E ele não conseguia descobrir a verdade. Ela fugia entre seus dedos como água. Sua embriaguez aumentava e, estupidamente, foi ele quem começou a chorar e a fazer confidências, que escapavam de forma involuntária, como queixas.

— Escute, meu velho... Agiram como patifes comigo... Sim, o velho Barthélemy e Simon... Pronto... Eles sempre me deixavam fora de seus golpes. Disseram apenas: “Alugue uma caminhonete e espere perto da

ponte de Chatou... Depois do golpe, iremos nos encontrar com você”. E os dois foram mortos. Mas tudo isso não tem importância. Não falemos mais nesse assunto... Há outra coisa...

Nas sombras, o *gentleman* ergueu-se pouco a pouco sobre uma das mãos, e com olhos que nenhuma embriaguez perturbava, fitou graças aos vagos clarões da noite o rosto lacrimajante de Thomas Le Bouc.

— Outra coisa? Qual? — murmurou. — De que outra coisa está falando, Le Bouc?

— De um golpe que eles combinaram — gaguejou este. — Um golpe formidável. Sei muita coisa, mas não tudo. Sei contra quem planejaram, mas não me disseram que nome o sujeito tem agora, ou onde ele mora... se eu soubesse, ganharia centenas de milhares de francos... Centenas de milhares... Ah, se eu soubesse!

— Sim... — murmurou o *gentleman*. — Se soubéssemos! Eu o ajudaria.

— Você me ajudaria, não é? — choramingou Le Bouc.

— Com os diabos, claro que ajudaria. Existem firmas para resolver certos negócios...

— Você conhece alguma?

— Se conheço? Foi assim que recebi cinco mil francos...

— Você me disse que foi um sujeito.

— Um sujeito de uma agência... Ele me disse: “*Gentleman*, há um senhor que quer saber quem é o sujeito chamado Félicien que acabam de prender. Saia a campo. Receberá a mesma quantia quando conseguir a informação”.

Thomas Le Bouc sobressaltou-se. O nome de Félicien perturbou-o em sua embriaguez. Ele disse:

— O que você está falando? Você tem de procurar um sujeito chamado Félicien?

— Sim, aquele que está na prisão. E tenho de falar pessoalmente com o tal senhor.

— Aquele que lhe deu os cinco mil francos?

— Sim.

— Marcou encontro com ele?

— Com o motorista dele, que me levará à casa dele.

— Onde é o encontro?

— Na Place de la Concorde, em frente à estátua de Strasbourg.

— Quando?

— Dentro de três dias... Quinta-feira às onze da manhã. O motorista estará segurando o *Journal* na mão... Você verá que eu posso ajudá-lo.

Thomas Le Bouc apertava a cabeça com as mãos, como se quisesse reter suas ideias e dar-lhes forma, compreender e saber. Félicien? O sujeito dos cinco mil francos? Não seria uma pista?

Ele perguntou:

— Onde esse senhor mora?

O *gentleman* respondeu:

— Parece que em Vésinet... Sim... Ele mora em Vésinet...

— Disseram o nome dele, não é?

— Sim, os jornais falaram do caso... É algo como Taverny... d'Averny...

A voz do *gentleman* parecia muito cansada. Ele não disse mais nada.

Fazendo muito esforço, Le Bouc tentou reduzir ao silêncio o tumulto de seu cérebro e colocar ordem no que estava acontecendo. Tudo aquilo era bastante obscuro. Mas, mesmo assim, ainda que não fosse capaz de perceber as contradições da narrativa que lhe era feita, percebia nas trevas dois ou três pontos mais fixos, mais luminosos, em torno dos quais giravam em torvelinho suas ideias.

Junto a Le Bouc, com a cabeça inclinada sobre o peito, o *gentleman* cochilava. A noite, quente e abafada, se adensava sob um véu de grandes nuvens. Luzes de barcas imóveis dançavam na superfície do rio. Na outra margem via-se a silhueta das casas negras, a massa do Trocadero e os arcos das pontes. Nenhum transeunte no cais.

Lentamente, Thomas Le Bouc enfiou a mão entre o casaco e o colete do *gentleman* e apalpou-lhe os bolsos. Foi apenas no bolso interno do colete, preso por um alfinete inglês (como era difícil abri-lo!), que sentiu sob os dedos o papel mais resistente das notas. Puxou-as. Infelizmente arranhou-se profundamente na ponta do alfinete, o que o lhe provocou um leve movimento de reação.

Despertado subitamente, o *gentleman*, talvez sem ter consciência do que lhe acontecia, encolheu-se. Le Bouc não se incomodou e fez um esforço para se livrar, enquanto o adversário agarrava com as duas mãos a mão que queria se soltar.

A resistência foi muito mais vigorosa do que Thomas poderia prever. As unhas cravaram-se na carne até rasgá-la. E a vítima começou a gritar por socorro.

Le Bouc assustou-se. Sacudiu o inimigo com energia e arrastou-o pelo chão. De repente, o outro, exausto, deixou-se cair. Mas a raiva de Le Bouc não o permitiu parar. Já menos embriagado, percebeu que fizera confidências e, sem saber quais, ficou furioso. Quando conseguiu retirar a mão, os dois estavam ajoelhados como lutadores na beira do rio. Le Bouc olhou ao redor.

Ninguém.

Empurrou o *gentleman*, que caiu no vazio, e ficou ali por alguns momentos, desorientado, apavorado com o que fizera quase involuntariamente. Por que agira assim? Para roubar o *gentleman*? Ou para impedi-lo de ir ao encontro marcado pelo senhor dos cinco mil francos?

Lá embaixo, porém, ele o viu debater-se, afundar, voltar à superfície e finalmente desaparecer.

Então Le Bouc voltou para casa...

O *gentleman* nadou durante um minuto debaixo d'água, na direção da correnteza. Certo de que não estava mais sendo visto por Le Bouc, emergiu e deu braçadas rápidas seguindo o cais, como bom nadador que era. Saiu da água um pouco antes da ponte de Grenelle.

O motorista esperava-o bem perto dali. Entrou no carro, trocou de roupa e seguiu para Vésinet.

Às três horas da manhã, Raoul estava placidamente deitado em sua cama, na *Clair-Logis*.



Thomas Le Bouc

A investigação não avançava. No dia seguinte, Raoul encontrou o juiz de instrução, que estava de muito bom humor, como todas as vezes que o sr. Rousselain pressentia a necessidade iminente de encerrar um caso cuja solução teimava em escapar-lhe das mãos.

— Observe — disse ele — que não chegamos ao fim. — Caramba, claro que não! Ainda há pontos a considerar e pistas a verificar. Goussot está muito confiante. Mas eu sou como a irmã Anne no alto de sua torre. Não vejo nada vindo.

— Algum indício em relação a Barthélemy?

— Nenhum. As fotografias de um cadáver publicadas nos jornais dão apenas uma ideia muito vaga do homem que seria em vida. Além disso, Barthélemy devia frequentar apenas lugares suspeitos, onde ninguém tem pressa em ajudar a polícia. Se alguém reconheceu sua imagem, ficará em silêncio por medo de se comprometer.

— Descobriu alguma ligação entre Barthélemy e Simon Lorient?

— Nenhuma. Apenas que Simon Lorient é um nome falso e também não sabemos de onde veio.

— No entanto, a investigação revelou que ele frequentava certos círculos e que tinha sido visto em cafés... e até, como disse um jornal, com uma mulher muito bonita.

— Tudo isso é muito vago. Quanto à mulher, nada de preciso foi obtido. Essa gente, é óbvio, se escondia e muitas vezes mudava de identidade.

— E quanto ao meu jovem arquiteto?

— Félicien Charles? O mistério também deste lado. Nenhum documento. Não se sabe seu estado civil. Papéis do serviço militar em ordem, ficha de descrição física com informações corretas, mas perguntas habituais sobre a data e o local de nascimento respondidas com a expressão “nada consta”.

— E ele, o que diz?

— Nada. Guarda o mais absoluto silêncio sobre seu passado.

— E quanto ao presente?

— Mesma atitude. “Não matei. Não roubei.” E se eu pergunto: “Então, como explica isto? E aquilo?” Ele replica: “Não cabe a mim explicar. Eu nego tudo”. Por outro lado, constatou-se que ele não recebia nenhuma correspondência na sua casa.

— Nenhuma — ratificou Raoul. — E também ignoro tudo sobre a vida e o passado dele. Eu precisava de um arquiteto e de um decorador. Um amigo, não me lembro qual, me deu o nome e o endereço de Félicien. Era o endereço de uma pensão familiar onde estava de passagem. Eu escrevi. Ele veio.

— Admita, sr. d’Averny, que existe, em torno de Félicien Charles, sempre a mesma atmosfera nebulosa — concluiu o sr. Rousselain.

No dia seguinte, Raoul bateu à porta da *villa Clématites*. O criado lhe disse que a srta. Rolande estava no jardim.

Ele a viu, de fato. Ela estava costurando diante da casa, em silêncio. Não muito longe dela, Jérôme Helmas, ainda em tratamento na clínica, mas que começava a sair, estava estendido em uma espreguiçadeira, lendo. Tinha emagrecido muito. Os olhos com olheiras e as bochechas encovadas demonstravam seu cansaço.

Raoul não ficou por muito tempo. Achou a moça bastante mudada, talvez até mais no moral que no físico. Parecia absorta e avessa a qualquer conversa. Mal respondeu às perguntas que ele fez. Jérôme tampouco falou mais. Anunciou que viajaria proximamente, pois os médicos recomendaram-lhe que passasse o fim do verão nas montanhas. Além disso, já não tinha coragem de ficar mais tempo em Vésinet, onde tudo reacendia sua dor.

Assim, fosse para onde fosse, d'Averny encontrava os mesmos obstáculos. Inquérito estacionário, para começar. Entre as pessoas, silêncio e desconfiança. Félicien Charles, Faustine, Rolande Gaverel, Jérôme Helmas, todos se fecharam, guardando seu segredo, ou recusando-se a dar suas impressões e a contribuir para a descoberta da verdade.

Mas, na manhã da quinta-feira seguinte, um grande lance aconteceria. Thomas Le Bouc viria? Não teria nenhum pressentimento, nenhuma reflexão o avisaria da verdadeira personalidade do *gentleman* e da maneira, afinal duvidosa, com que este procurara encaminhá-lo à *Clair-Logis*? Durante aqueles dois dias, seu espírito mais lúcido não teria vislumbrado a cilada?

D'Averny esperava que não, e na hora marcada enviou seu motorista ao local designado, com a convicção de que Thomas Le Bouc, incapaz de suspeitar das divagações de um bêbado, compareceria ao encontro. Além disso, uma razão mais poderosa dominaria Le Bouc. Ele matara o *gentleman*. Não estaria inclinado a querer que seu crime lhe trouxesse algo diferente das poucas notas recolhidas do bolso da vítima?

De fato, Raoul ouviu o ruído de um motor e reconheceu-o. O carro entrou no jardim. Raoul havia se acomodado imediatamente em seu escritório, depois de dar instruções, e esperou. O encontro tão desejado por ele e preparado com tanto esforço estava prestes a acontecer. Thomas Le Bouc, o único homem que poderia lhe contar sobre a maquinação urdida contra Arsène Lupin e que dava continuidade ao plano que Barthélemy e Simon haviam preparado, estava ali.

Raoul passou o revólver do bolso da calça para o do casaco, bem ao alcance da mão. Precaução necessária, pois o sujeito era perigoso.

— Entre — disse ele quando o criado bateu.

A porta se abriu. Le Bouc entrou, mas era outro Le Bouc, de classe social mais alta, terno limpo, calças vincadas e chapéu em bom estado. Mantinha-se ereto, altivo e o peito estufado.

Os dois homens se olharam por alguns segundos. Raoul ficou imediatamente convencido de que Le Bouc não o reconhecera como o *gentleman* do Zanzi-Bar e não fizera nenhuma conexão entre o desclassificado que atirara no rio e Raoul d'Averny, proprietário da *villa Clair-Logis*.

Disse-lhe:

— O senhor é a pessoa que encarreguei, por meio de uma agência, de fazer um levantamento da vida de Félicien Charles?

— Não.

— Ora! Então, quem é o senhor?

— Sou alguém que tomou o lugar dessa pessoa.

— Com que intenção?

Thomas disse:

— Estamos sós? Não seremos incomodados?

— Então teme que possamos ser incomodados?

— Sim.

— Por quê?

— Porque devo dizer certas coisas que só devem ser ouvidas por uma única pessoa no mundo.

— Quem?

— Arsène Lupin.

Le Bouc elevou a voz ao dizer estas duas palavras, como se esperasse uma reação de estupor. Logo de início, assumia a posição de adversário e a ofensiva começou. O tom, a atitude não deixavam dúvidas. Lupin não se alterou. Naquele mesmo lugar, Faustine o chamara pelo mesmo nome, e Faustine tinha ligações com Simon Lorient, e com Thomas Le Bouc.

Ele respondeu simplesmente:

— Se veio ver Arsène Lupin, acertou. Eu sou Arsène Lupin. E o senhor?

— Meu nome não lhe diria nada.

Thomas Le Bouc ficou um pouco desconcertado com a calma inesperada de Raoul e procurou outra maneira de atacar.

Raoul tocou a campainha. Seu motorista entrou.

— Leve o chapéu que este senhor tem na cabeça — ordenou.

Le Bouc compreendeu a lição, entregou o chapéu ao criado, que o levou. Irritado e sarcástico, exclamou:

— Maneiras de aristocrata, não é? De fato, Arsène Lupin... nobreza antiga! Sempre um título no bolso. Não faz meu gênero. Não sou aristocrata, não tenho título. Portanto, tenha a bondade de descer um grau. Será melhor para conversarmos.

Acendeu um cigarro e zombou:

— Isso o perturba, não é? Caramba! Quando a pessoa está habituada a lidar com marqueses e duques e encontra pela frente um tipo destemido...

Sempre impassível, Raoul respondeu:

— Quando tenho de lidar com marqueses e duques, tento ser o mais educado possível. Quando lido com um comerciante de porcos, eu o trato...

— O senhor o trata...

— À Lupin.

Com um gesto, arrancou-lhe o cigarro da boca e disse bruscamente:

— Vamos, termine de uma vez. Estou com pressa. O que quer?

— Dinheiro.

— Quanto?

— Cem mil.

Raoul fingiu surpresa:

— Cem mil! Então tem algo realmente grande a me propor?

— Nada.

— Então, é uma ameaça?

— De preferência.

— Chantagem, então?

— Exatamente.

— Ou seja, se eu não pagar você fará isto ou aquilo contra mim?

— Sim.

— E o que vai fazer?

— Vou denunciá-lo.

Raoul balançou a cabeça.

— Calculou mal. Nunca ajo em situações dessas.

— Você vai ter de agir.

— Não. E então?

— Escreverei para a polícia dizendo que o sr. Raoul d'Averny, que esteve envolvido nos crimes de Vésinet, não é outro senão Arsène Lupin.

— E depois?

— Depois? Será preso, Lupin.

— E depois? Ganhará os cem mil francos?

Raoul encolheu os ombros.

— Idiota! Só conseguirá algo de mim se eu estiver livre e com medo do mal que você poderia fazer contra mim. Ache outra coisa.

— Já achei.

— O quê?

— Félicien.

— Tem provas contra ele? É cúmplice do roubo? Cúmplice dos assassinatos? Corre o risco de ser preso? Enforcado? O que me importa isso tudo?

— Se não se importa, por que deu cinco mil francos para saber mais a respeito dele?

— Isso é outra coisa. Mas que ele esteja na prisão ou em outro lugar, não me faz a menor diferença. Sabe quem mandou prender Félicien? Eu.

No silêncio que se seguiu, Raoul percebeu uma risadinha nos lábios do homem e sentiu uma ligeira inquietação.

— Por que está rindo?

— Por nada... Uma lembrança que me veio à memória.

— Que lembrança?

A inquietação de Raoul dissipou-se. Tinha a impressão de que algo estava finalmente prestes a surgir do passado e que estava a ponto de descobrir as razões pelas quais estava envolvido naquela tenebrosa história.

— Que lembrança? Fale.

O outro disse:

— Conhece o doutor Delattre?

— Sim.

— Foi ele que os seus cúmplices sequestraram há muito tempo e enviaram para a província, para um albergue onde você agonizava e onde ele o operou e o salvou, não é³?

— Ah! Está a par dessa velha história — disse Raoul, bastante surpreso.

— E de muitas mais. Então, foi o doutor Delattre quem lhe recomendou o jovem Félicien?

— Sim.

— E como o doutor Delattre nunca tinha ouvido falar do seu protegido, deve saber que a recomendação foi inspirada e redigida pelo criado do médico, um homem chamado Barthélemy, que mais tarde foi

assassinado na *Orangerie*.

— Não me contou nada de novo até agora.

— Paciência. Não vou demorar. Mas precisa compreender exatamente o mecanismo do caso. Então, foi Barthélemy quem fez Félicien entrar na sua casa.

— Com a cumplicidade de Félicien?

— É claro.

— E qual o objetivo dessa maquinação?

— Roubá-lo.

— Portanto, o plano fracassou, já que Barthélemy está morto e Félicien está na prisão.

— Sim, mas vou continuar por minha conta. Este é o segredo da minha visita.

— E é o que não compreendo. De que se trata, na verdade?

— Paciência. Estou contando a história às avessas, ou seja, de frente para trás. Há quinze anos, Barthélemy acompanhava de longe a vida de Félicien, enquanto este batalhava para se formar em arquitetura. Anteriormente, havia sido empregado de uma mercearia. Antes disso, trabalhava em uma administradora. E antes disso, numa garagem na província. E assim voltamos à época em que Barthélemy o conheceu em uma fazenda do Poitou. Félicien foi criado ali, com os filhos da fazendeira.

Raoul ficou cada vez mais interessado pela história, procurando, não sem alguma apreensão, descobrir aonde o outro queria chegar. E perguntou:

— É claro que Félicien não ignora nenhum desses detalhes, embora tenha se recusado a fornecê-los no inquérito?

— Provavelmente.

— Mas como Barthélemy soube?

— Pela fazendeira, cujo marido acabava de morrer e de quem ele se tornou amigo. E foi ela quem contou secretamente que uma criança lhe fora trazida um dia por uma mulher que lhe entregou uma grande soma em dinheiro para as despesas futuras.

Raoul d'Averny estava começando a perturbar-se, sem saber por quê. Ele murmurou:

— Em que ano foi?

— Não sei.
— Mas poderíamos saber pela mulher?
— Ela morreu.
— Mas Barthélemy sabia!
— Ele morreu.
— Mas ele falou, já que você sabe.
— Sim, ele me falou sobre o assunto uma vez.
— Neste caso, explique-se. E essa mulher? A mãe da criança?
— Não era a mãe.
— Não era a mãe?
— Não, ela tinha raptado a criança.
— Por quê?
— Por vingança, eu acho.
— E como era essa mulher?
— Muito bonita.
— Rica?
— Parecia rica. Viajava de carro. Disse que voltaria. Nunca mais voltou.

A inquietação de Raoul aumentava. Ele gritou:

— Ora, vamos! Ela deve ter dado informações? O nome da criança? Félicien?

— Era a fazendeira que o chamava assim... Félicien Charles, dois prenomes. Chamava-o ora por um, ora por outro.

— Mas e o verdadeiro?

— A fazendeira não sabia.

— Mas ela sabia de mais alguma coisa?! — gritou Raoul.

— Talvez... talvez, mas não disse nada...

— Você está mentindo! Vejo que está mentindo. Ela sabia de outra coisa e falou.

— Ela não sabia nada. Mas Barthélemy, durante sua ligação com ela, investigou. O carro quebrou dez quilômetros depois da aldeia, em uma cidadezinha próxima, onde a senhora teve de parar enquanto aguardava uma peça de reposição. E, na oficina, o mecânico encontrou uma carta debaixo de uma das almofadas. A senhora chamava-se condessa de Cagliostro.

D'Averny sobressaltou-se:

- A condessa de Cagliostro!
- Sim.
- E o que aconteceu com essa carta?
- Barthélemy roubou-a do mecânico.
- Você a viu?
- Barthélemy leu-a para mim.
- E você se lembra?
- Do texto, não.
- O quê, então?
- De um nome.
- Qual?
- Do nome do pai da criança.
- Diga! Diga imediatamente!
- Raoul.

Raoul saltou sobre o homem e agarrou-o pelos ombros.

— Está mentindo.

— Juro.

— Está mentindo! Inventou tudo isso. Raoul não significa nada. Existem cem mil pessoas chamadas Raoul na França. Raoul de quê?

— Raoul de Limésy... Quase como o seu nome, Raoul d'Averny. Um nome à Lupin.

Raoul oscilou. Ele adotara o nome de Raoul de Limésy no passado! Que horror! Todo um período terrível de sua vida ressurgia das sombras. Mas seria possível que Félicien?...

Revoltou-se contra tal hipótese e disse em voz baixa:

— Tolices! Você é capaz de imaginar qualquer coisa.

— Não poderia imaginar o nome de Limésy.

— Quem o revelou a você?

— Barthélemy.

— Barthélemy era um impostor. Eu não o conhecia. Ele não me conhecia.

— Conhecia, sim.

— Como?

— Ele esteve sob suas ordens.

— O que está dizendo?

— Era um dos seus antigos cúmplices.

— Barthélemy?
— Ele não usava esse nome.
— Como se chamava?
— Auguste Daileron, que Lupin havia colocado como chefe dos contínuos da Presidência do Conselho, quando Lupin era chefe da Sûreté⁴⁻⁵.

³ Ver *Arsène Lupin e a Agulha Oca*. (N.T.)

⁴ Antigo serviço de informação e de vigilância policial, que funcionou na França até 1934 (N. T.)

⁵ Ver *Arsène Lupin*, 813. (N.T.)



O chefe

Raoul baixou a cabeça. Ele se lembrava. Na primeira parte de sua vida aventureira, Auguste Daileron fora um de seus cúmplices mais ativos que ele, sem reserva alguma, envolvia em vários de seus mais secretos empreendimentos. Desde o caso da Presidência do Conselho, não ouvira mais falar dele.

E eis que Auguste Daileron transformara-se em Barthélemy e planejava toda aquela maquinação contra o antigo chefe!

Diante da atitude de Raoul, Thomas Le Bouc redobrou sua audácia. Com ar vitorioso, declarou:

— São duzentos mil agora. Nem um centavo a menos.

E com ar mais familiar, em tom condescendente, explicou:

— Está compreendendo, não é? Recusou-se a pagar quando se tratava da sua pessoa. Mas quando se trata do seu filho, caramba, a história é mais delicada! Se não me pagar trezentos mil... (digo trezentos mil, pois vale isso), revelo ao juiz de instrução os detalhes irrefutáveis do passado de Félicien e demonstro por $a + b$ que ele é filho de Raoul d'Averny, ou seja, filho de Arsène Lupin. Um belo golpe duplo, não é? D'Averny é Lupin e Félicien é filho de Lupin que, sob o nome de barão de Limésy, casou-se com a senhorita...

Raoul ergueu a cabeça e ordenou com voz imperiosa:

— Cale-se. Proíbo-o de pronunciar esse nome.

Mas Raoul pronunciou esse nome nas profundezas de si mesmo. E toda a trágica aventura ressuscitava em seu espírito, o amor sincero e encantador que tivera por Claire d'Étignes, depois sua desenfreada paixão por Joséphine Balsamo, condessa de Cagliostro, criatura

impiedosa e bárbara... E depois lutas violentas, seu casamento com Claire d'Étignes. O desenlace? Cinco anos depois, nascia uma criança, inscrita regularmente no registro do civil sob o nome de Jean de Limésy. E dois dias depois de seu nascimento, tendo a mãe morrido no parto, a criança desaparecia, sequestrada pelos emissários da condessa de Cagliostro.

Seria esse Jean de Limésy a criança que a terrível criatura, gênio do ódio e da vingança, confiara um dia à fazendeira do Poitou? Esse Jean, que ele tanto procurara em memória da doce Claire d'Étignes, seria o esquivo e sombrio Félicien, que viera à sua casa para tramar contra ele? Era seu filho, seu próprio filho, que ele fizera jogar na prisão?

Ele insinuou:

— Julguei que a condessa de Cagliostro tivesse morrido.

— E daí? A criança não morreu, já que é Félicien.

— Você tem provas?

— A justiça as encontrará — desdenhou Le Bouc.

— Você tem provas? — insistiu Raoul.

— Elas existem e são das mais formais. Foram pacientemente reunidas por Barthélemy. Você percebe, não é? Era o grande golpe da vida dele! Depois de colocar o filho na sua casa, ele o tinha sob as garras. O que vim fazer hoje por minha conta, com que violenta alegria ele se propunha a fazer, só para jogar-lhe na cara:

“Salve-me da miséria, ou eu os entrego à justiça, a você e ao seu filho... A você e a seu filho!”

— Você tem provas? — repetiu Raoul pela terceira vez.

— Barthélemy mostrou-me um dia a pasta onde as reunira depois da investigação que realizou durante anos.

— Onde está essa pasta?

— Creio que a entregou a uma amante de Simon, uma corsa, com quem se dava bem.

— Podemos ver essa mulher?

— Será difícil. Não a vejo desde a morte de Barthélemy. E suspeito que a polícia a procura.

Raoul ficou calado por bastante tempo. Em seguida, tocou a campainha para chamar seu criado.

— O almoço está pronto?

— Está, senhor.

— Coloque mais um lugar à mesa.

Ele conduziu Le Bouc à sala de jantar.

— Sente-se.

Desconcertado, o outro obedeceu. Estava convencido de que as negociações estavam terminadas e hesitava apenas quanto ao valor, que gostaria de fixar em quatrocentos mil francos. Raoul d'Averny, arrasado sob o ataque imprevisto, não iria regatear.

Raoul comeu pouco. Se não estava arrasado, como seu adversário supunha, estava muito preocupado. O problema parecia-lhe terrivelmente complexo e ele o revirava em todos os sentidos para chegar a uma solução. Aliás, era um problema duplo e, portanto, exigia uma dupla solução. Tinha de encontrar uma solução em relação a Félicien. E outra, mais imediata, para enfrentar a gravíssima ameaça de Thomas Le Bouc. Passaram para o escritório.

Outra meia hora de silêncio. Le Bouc, estendido em uma poltrona, fumava voluptuosamente um gordo charuto que escolhera em uma caixa de havanas. Raoul andava de um lado para o outro, com as mãos para trás, pensativo.

Finalmente, Le Bouc falou:

— Depois de muito refletir, não aceito menos de quinhentos mil francos. É um preço razoável. De resto, veja que tomei minhas precauções. Caso me pague uma peça, a carta de denúncia será colocada no correio por um amigo. Portanto, nada a fazer. Você está preso à engrenagem. Não pechinche. Quinhentos mil. Nem um centavo a menos.

Raoul não respondeu. Parecia calmo e muito menos absorto, como quem tomou uma decisão, da qual nada o fará desviar-se.

Ao cabo de dez minutos, consultou o relógio da escrivaninha. Em seguida, sentou-se ao telefone e discou. Quando a chamada foi atendida, perguntou:

— Delegacia de Polícia? Por favor, transfira a ligação para o gabinete do sr. Rousselain.

E logo em seguida acrescentou:

— Quem fala é Raoul d'Averny. É o senhor juiz de instrução? Muito bem, obrigado... Sim, tenho novidades. Está aqui na minha casa um

indivíduo que participou ativamente dos dramas de Vésinet... Não, ele ainda não confessou, mas a situação é tal que será obrigado a fazê-lo... Alô?... É isso mesmo... O melhor é que mande buscá-lo... O inspetor-chefe Goussot? Muito boa ideia. Oh, não tenha medo. Ele não me escapará. Ele está no chão, amarrado... Obrigado, senhor juiz.

Raoul desligou.

Thomas Le Bouc escutara com crescente estupefação. Estava lívido, irreconhecível, e gaguejou:

— Você está louco! O que significa isso? Quer entregar-me... a mim? É o mesmo que entregar a si mesmo e a Félicien.

Raoul parecia não escutá-lo. Agira e continuava a agir como se Thomas Le Bouc não estivesse ali e como se obedecesse a um plano de conduta com o qual Thomas Le Bouc não tivesse nenhuma relação. Tudo aquilo dizia respeito a Raoul d'Averny e não a Thomas Le Bouc.

Este, fora de si, mostrou o revólver, engatilhou-o e apontou.

— Os loucos têm de ser abatidos — disse ele.

Mas não atirou. Não seria abatendo d'Averny que ele alcançaria seu objetivo e colocaria as mãos no dinheiro. Aliás, seria admissível que Raoul d'Averny se lançasse em pessoa ao fogo só para ter o prazer de atingir ao mesmo tempo Le Bouc? Não. Havia blefe, mal-entendido ou erro. E, de qualquer modo, ele dispunha de uma boa meia hora para se explicar.

Acendeu um segundo charuto e gracejou:

— Boa jogada, Lupin. Decididamente, você está à altura de sua reputação e do que Barthélemy me contou. Incrível, que bela réplica! Mas não afeta. Vamos lá, reflita, Lupin, mesmo admitindo que você me entregue à polícia, você apenas entregaria um sujeito que quis dar um golpe em um dos seus semelhantes, no caso Arsène Lupin. O prato principal seria você. Afinal, você nem me conhece! Por que acha que tenho algo a temer da polícia? Eu? Sou completamente inocente. Não tenho um pecadilho a me censurar.

— Então — disse Raoul —, por que você ficou verde? Por que está olhando para o relógio?

— Não mais que você, meu velho. Repito que sou um homem honesto.

— Volte-se, homem honesto. Pegue esta chave e abra esta escrivaninha. Muito bem. Está vendo um fichário neste escaninho? Passe-o para mim. Obrigado. Mantenho um certo número de dossiês sempre atualizados, ou quase. Sua ficha está neste aqui.

Raoul procurou enquanto enumerava as iniciais sucessivas iniciais:

— P. Q. R. S. T... Chegamos. Você está na divisória T.

— Divisória T.?

— Evidentemente. Classifiquei-o como Thomas.

Pegou o arquivo e leu em voz alta:

— “Thomas Le Bouc, ou Thomas, o Bookmaker. Altura: 1,75 m. Torso: 95 cm. Bigode tipo escova. Calvo. Expressão vulgar, às vezes bestial. Domicílio: rua Hardevoux, 24, em Grenelle, em cima de uma charcutaria, de cuja proprietária é amante. Perfume favorito: lilás branco. Em sua cômoda, duas ceroulas de seda azul-celeste, quatro pares de meias idem.” Estamos conversados, Thomas le Bouc.

Thomas fitou-o com um olhar perplexo.

— Prossigo — disse Raoul. — “O mencionado Thomas Le Bouc era irmão do aprendiz de pintor Simon Lorient e ambos eram filhos do velho Barthélemy, o ladrão da *Orangerie*.”

Thomas Le Bouc ergueu-se.

— O que significa isso? Um monte de mentiras!

— Verdades que a polícia confirmará na investigação que não tardará a fazer, seja na sua casa, na casa da sua charcuteira, ou no Zanzi-Bar, que você frequenta assiduamente.

— E daí? — exclamou Le Bouc, que apesar de atordoado ainda tentava desafiar. — E daí? Que me importa? Imagina que existe algo nessa história para me condenar?

— Há o suficiente para prendê-lo, pelo menos.

— Junto com você, então!

— Não, pois tudo isso é apenas a parte superficial e insignificante do registro criminal que preparei para a justiça e que deixaremos sobre esta mesa até a chegada do inspetor-chefe Goussot. Mas há algo melhor.

— O quê? — perguntou Le Bouc com uma voz que denotava pouca segurança.

— Sua vida secreta... Existem certos detalhes, certos atos que você cometeu, para os quais me será fácil orientar a polícia. Tenho todos os

elementos.

Thomas Le Bouc empunhava o revólver com a mão crispada. Recuava aos poucos em direção à porta-janela que dava para o jardim, próximo da garagem. E gaguejou:

— Balela! Truques de Lupin... Nem uma única palavra verdadeira. Nem uma prova.

Raoul aproximou-se dele e disse, cordialmente:

— Largue seu Browning... E não tente fugir... Não estamos brigando, estamos conversando. E ainda temos uns bons quinze minutos. Escute. É verdade, ainda não tive tempo de reunir verdadeiras provas. Mas encontrá-las será uma brincadeira para Goussot e seus colegas. Além disso, há novidades. Hein? Percebe a que estou me referindo? Há três dias apenas... E isso não se trata de um pecadilho!

Thomas Le Bouc empalideceu. O crime era demasiado recente para ele não se lembrar dele com pavor. E Raoul precisou:

— Você esqueceu aquele bom rapaz que chamavam de *gentleman* e que a agência encarregou de fazer uma investigação para mim? Por que tomou o lugar dele e veio até aqui?

— Foi ele quem pediu...

— Isso não é verdade. Telefonei para a agência. Faz vários dias que não o veem... Desde domingo à noite... Então entrei em campo, fui ao Zanzi-Bar, o seu quartel-general. No domingo à noite, vocês saíram juntos, muito bêbados. Nenhuma notícia desde então.

— Isso não prova...

— Sim. Duas testemunhas viram você no cais em companhia dele.

— E daí?

— E daí que ouviram vocês dois à margem do Sena... Vocês estavam brigando... O sujeito gritou por socorro... Tenho o nome de todas essas testemunhas...

Le Bouc não protestou. Poderia ter perguntado por que aquelas invisíveis testemunhas não intervieram e nem mesmo deram sinal de sua presença. Mas ele já não raciocinava. Estava ofegante de medo.

— Então — prosseguiu Raoul, que não o deixava tomar fôlego —, terá de explicar a esses senhores o que fez ao seu companheiro e de que modo ele se afogou. Pois ele se afogou. Encontraram o cadáver dele ontem à noite... ao longo da Ilha dos Cisnes.

Le Bouc enxugava a fronte com a manga. Evocava, sem dúvida alguma, o momento assustador do crime, a visão do bêbado caindo, debatendo-se e desaparecendo na água negra. Ainda assim, tentou objetar:

— Não sabem de nada... Não viram nada...

— Talvez, mas acabarão descobrindo. O *gentleman* havia avisado seu chefe e seus colegas da agência. Dissera-lhes naquela mesma manhã: “Se me acontecer alguma coisa, procurem um certo Thomas Le Bouc. Desconfio dele. Está sempre no Zanzi-Bar de Grenelle”. De fato, foi lá que descobri sua pista...

Raoul sentiu que seu adversário estava esmagado. Toda a sua resistência acabara. Thomas Le Bouc sofria sua dominação total e definitiva e, reduzido à impotência, incapaz de refletir e de compreender aonde Raoul o conduzia pela força imperiosa de sua vontade, estava pronto para a aceitação irracional de tudo o que ele ordenasse. Não sentia apenas a angústia do criminoso, mas principalmente a derrota de um ser diante de outro ser que ordena, diante de um chefe. Raoul colocou a mão no ombro de Le Bouc, forçando-o a sentar-se. E disse-lhe, com cordial indulgência:

— Você não vai fugir, vai? Meus criados estão aí, espreitando-o. Acredite em mim, contra Lupin não há nada a fazer. Ao passo que, se você me ouvir, pode se safar, e em excelentes condições. Mas é preciso que me obedeça, e sem reclamar. Coragem e franqueza. Responda: tem ficha criminal?

— Não.

— Nenhuma história suja de roubos ou fraudes?

— Nenhuma que tenha sido conhecida.

— Alguém desconfia de você e poderá acusá-lo?

— Não.

— Nenhuma ficha antropométrica no Serviço da Identificação?

— Não.

— Você jura?

— Eu juro.

— Neste caso, você me serve. Em alguns minutos, Goussot e seus homens chegarão. Você se deixará prender.

Le Bouc revoltou-se, aterrorizado, com os olhos desvairados:

— Você é louco!

— Que diferença faz ser pego pela polícia, uma vez que já foi pego por mim, o que é muito mais grave! Você muda de mãos, só isso. E me presta um serviço.

— E lhe presto um serviço! — exclamou Thomas Le Bouc, cujo olhar se iluminou.

— É evidente, e um serviço desse calibre tem de ser bem pago! E como! Só há uma maneira de saber se Félicien é meu filho: interrogando-o! Preciso vê-lo a qualquer custo. E, se for meu filho, imagina que vou deixá-lo na prisão?

— Não existe remédio para isso...

— Existe sim. Eles têm apenas hipóteses. Nada de sólido. Sua prisão e confissão vão demolir todo o sistema de acusação.

— Que confissão?

— O que você fazia durante o dia em que o velho Barthélemy estava roubando e durante a noite em que seu irmão Simon foi ferido?

— De acordo o que combinei com eles, aluguei uma caminhonete e esperava os dois perto de Chatou, no caso de precisarem de mim. Por volta da meia-noite e meia, pensando que tinham voltado para casa por outro caminho, fui embora.

— É capaz de provar a que horas voltou?

— Sim, já que coloquei a caminhonete na garagem e conversei com o vigia da noite. Era pouco mais de uma hora da manhã.

— Perfeito. Você dirá exatamente isso no interrogatório. Dirá que esperou perto de Chatou, mas que antes da meia-noite, antes da meia-noite, ouviu bem?, inquieto, você rondou Vésinet nas imediações da *Orangerie*. Depois, fez o caminho que desemboca no lago, pegou o barco e foi ver o que estava acontecendo na frente da *Orangerie*. Como não encontrou o velho Barthélemy nem Simon, e tampouco os avistou pelas avenidas, voltou à caminhonete. E isso é tudo.

Thomas Le Bouc ouviu com atenção, balançou a cabeça e disse.

— Muito perigoso! Serei acusado de cumplicidade. Reflita. Falar da *Orangerie* e desse passeio de barco é dizer que eu estava a par do caso.

— Cumplicidade passiva. Seis meses de prisão. O essencial é que pode demonstrar que quando seu irmão e Jérôme Helmas foram atacados, você já estava de volta a Paris.

— Sim, mas não escaparei com menos de dois a três anos. E Félicien será solto.

— Exatamente. Assim que a polícia não tiver mais certeza de que foi Félicien a pessoa vista no barco, passará a crer que foi você quem rondou a *Orangerie* para procurar o dinheiro. As já frágeis suspeitas reunidas contra Félicien desabarão.

Depois de uma última hesitação, Le Bouc declarou:

— Está bem. Mas...

— Mas?...

— Tudo depende do preço. Arrisco muito mais do que você pensa.

— E receberá um pagamento muito maior do que vale.

— Quanto?

— Cem mil no dia em que Félicien for solto. Cem mil no dia em que você for solto. Receberá as duas somas de uma vez.

Os olhos de Le Bouc pestanejaram. Ele balbuciou:

— Duzentos... É uma boa soma.

— É um bom motivo para se tornar honesto. Com isso, você pode comprar uma charcutaria na província ou no exterior. E você sabe que um compromisso de Lupin vale uma assinatura do Banque de France.

— Confio em você. Mesmo assim, pode haver complicações.

— Quais?

— Admitamos que consigam descobrir algumas coisas do meu passado e me mandem para a prisão.

— Farei com que você fuja.

— Impossível!

— Idiota! E se eu tivesse denunciado o seu pai, quando ele era chefe dos contínuos da presidência? Não fiz com que fugisse em plena Paris, e no mesmo dia em que anunciei que o faria publicamente?

— É verdade. Mas terá dinheiro suficiente?

— Seu ingênuo!

— Uma fuga custa caro.

— Não se preocupe.

— Custa centenas de milhares! O preço da fuga e a indenização que você me prometeu... É muita coisa. Tem certeza?

— Vire-se de novo... Passe a mão pelo fundo da minha escrivaninha, sobre a prateleira em que está o fichário... Achou?

Thomas Le Bouc obedeceu e tirou uma sacola de tecido cinza.

— O que é isto? A sacola de tecido cinza. — balbuciou Le Bouc.

— Veja... Fiz um corte no tecido... Está vendo os maços de notas? É o dinheiro do tio Gaverel que o velho Barthélemy encontrou na *Orangerie*.

Aturdido, Le Bouc deixou-se cair em uma cadeira.

— Diabo! Diabo! Que sujeito terrível!

— É preciso viver — zombou Raoul —, e ajudar os camaradas quando estão em dificuldades.

— Mas como conseguiu?

— Fácil! Quando cheguei, na manhã posterior ao crime, pensei imediatamente que Simon Lorient devia ter encontrado a sacola no jardim ou em outro lugar, e que talvez a polícia fosse procurá-la em vão. Corri para o local onde ele fora atacado. Não me enganei. A sacola tinha rolado pela grama por uma boa distância e ninguém percebera... Não quis que o dinheiro se perdesse.

Thomas Le Bouc ficou perplexo e disse, abandonando o tom de intimidade desrespeitosa:

— Ah! O senhor é mesmo o chefe.

Em um gesto espontâneo, estendeu os punhos.

— O carro da polícia não vai demorar. Prenda-me, chefe. O senhor tem razão, sou o homem que lhe convém. Onde passou o pai, o filho também passará. É preciso ser idiota para se voltar contra o senhor!

— De fato... Seu pai foi um bom homem no passado. E soube que ele tentou o impossível para voltar a ser honesto.

— Sim, mas o caso de Félicien o preocupava. Simon obrigou-o a dar o golpe, assim como ainda por cima obrigou-o a dar o golpe na *Orangerie*. “Um roubo, que seja, aceito”, disse ele. “Uma chantagem é divertida, ficaremos ricos. Mas nada de assassinato, hein?”

— E, no entanto, ele matou. Estrangulou Élisabeth Gaverel.

— Quer saber minha opinião, chefe? O velho matou sem querer. Mais ainda, correu atrás da moça para salvá-la, quando ela caiu na água. Sim, para salvá-la... O velho era capaz desses arrebatamentos. Mas, quando ele a tirou da água, viu o colar de pérolas e perdeu a cabeça.

— É a minha opinião — disse Raoul.

Ouviu-se ruído do motor e um carro. Ele prosseguiu:

— Não diga o verdadeiro nome do seu pai. Essa velha história da Presidência do Conselho, misturada com a de hoje, chamaria atenção para Lupin. E isso eu não quero, minha situação nesse caso já é bastante difícil. Portanto, seja prudente, não se afaste nem um pouco da versão que adotamos. Nem uma palavra fora disso. Na dúvida, não há melhor resposta que o silêncio. E conte comigo, meu velho.

Aproximou-se de Le Bouc e disse em tom cordial:

— Mais uma coisinha: não se preocupe muito com a história do *gentleman* que você matou.

— Ah! E por quê?

— O *gentleman* era eu.

Thomas Le Bouc entregou-se ao inspetor Goussot em uma espécie de êxtase. O roubo da sacola de tecido cinza, a audácia e perfeição com que Lupin representara o papel do *gentleman*, a alegria imprevista ao saber que ele, Thomas Le Bouc, não havia matado, tudo isso o deixou fora de si de alegria. O que tinha a temer com um protetor como aquele? Entrara na *Clair-Logis* disposto a subverter toda a situação e seguia para a prisão como quem conquistou a mais bela vitória e se prepara para repetir essa vitória entregando-se à justiça e prestando um serviço ao seu benfeitor.

— Todos os meus cumprimentos, senhor d'Averny — disse o inspetor Goussot a Raoul, radiante de prazer. — Então esse sujeito está envolvido no nosso caso?

— E como! É irmão de Simon Lorient!

— O quê? Irmão? Mas por que prodígio o capturou?

— Oh! — fez Raoul modestamente. — Não tenho grande mérito por isso. O idiota deixou-se prender.

— O que ele queria?

— Extorquir-me dinheiro.

— Sob que pretexto?

— Félicien Charles. Veio dizer-me que tinha provas de que Félicien, cúmplice de Simon Lorient, irmão dele, matara Simon para roubar-lhe a sacola de tecido cinza. E pediu-me uma grande soma se eu quisesse que o segredo fosse mantido. Como resposta, telefonei para o sr. Rousselain.

Deixe-o de molho, inspetor-chefe, e tenho certeza de que obterá uma confissão da qual tirará proveito e glória.

Na soleira da porta, Thomas Le Bouc, arrastado pelo policial, voltou-se para Raoul e, fingindo cólera e rancor, disse:

— Vai me pagar por isso, meu bom senhor!

— Combinado. E com juro!

Le Bouc saiu assobiando.

Raoul ouviu os passos dos homens se afastando. O carro arrancou.

Ao contrário de seus hábitos, não fez um único gesto para manifestar alegria pela vitória. No entanto, que bela vitória mandar Thomas Le Bouc para a prisão! Mas não, ele permaneceu taciturno e absorto. Pensava em Félicien, trancado em uma cela. Seria seu filho? Conseguiria libertá-lo? E quem seria aquele filho equívoco, cúmplice dissimulado de Barthélemy e de Simon Lorient?



“Eu, condessa de Cagliostro, ordeno”

Em um domingo de calor, Raoul parou em uma rua de Chatou, cidadezinha próxima a Vésinet. Uma casa de dois andares, situada entre a rua e uma horta que se estendia ao longo do Sena, oferecia quartos mobiliados para alugar. Ele passou diante do café dirigido pela proprietária, subiu ao segundo andar e seguiu um corredor um tanto escuro até encontrar o quarto número 5. A chave estava na porta. Depois de bater, como ninguém respondeu, entrou silenciosamente.

Faustine dormia sentada na humilde cama de ferro que, juntamente com a cômoda, duas cadeiras e uma mesa, compunha toda a mobília do modesto aposento.

Ela não havia deixado Vésinet. Seu implacável desejo de vingança mantinha-a na região onde Simon Lorient morreria. Na clínica, havia sido mantida como auxiliar de enfermagem, mas, como o espaço era pequeno, ela alugara um quarto fora. Dormia lá todas as noites e se trancava no domingo.

Naquele dia, devia ter adormecido enquanto costurava o corpete, pois tinha os ombros nus e o corpete repousava sobre os joelhos. Segurava ainda o dedal e uma agulha com linha.

Por sobre as árvores do jardim, pela janela, avistava-se uma serena paisagem fluvial.

Muitos jornais, todos abertos, espalhavam-se ao seu redor sobre a cama e a mesa, o que demonstrava a atenção com que acompanhava os acontecimentos dos últimos dias. De longe, Raoul leu as manchetes: “Preso irmão de Simon Lorient. Primeiro interrogatório”. “Os dois irmãos seriam filhos do velho Barthélemy”.

Contemplou novamente Faustine. Pareceu-lhe tão bonita quanto na azáfama da vida, mais bela talvez, com a pureza dos traços pacificados. E evocava a magnífica Frineia do escultor Alvard.

No entanto, um raio de sol entrou pela janela, entre duas nuvens. Sem tirar os olhos dela, Raoul aproximou-se delicadamente e esperou que o raio atingisse o rosto adormecido, os olhos fechados. Quando foi incomodada pela luz, ergueu lentamente as pálpebras, que exibiam longos cílios.

Mal teve tempo de despertar e Raoul já a segurava pelos ombros. Deitou-a na cama e envolveu-a nas cobertas, imobilizando-lhe braços e pernas.

— Não grite! Nem uma palavra — murmurou.

— Covarde! Covarde! — gemeu ela, exasperada e tentando se libertar.

Raoul tapou-lhe a boca com a mão.

— Cale-se. Não venho como inimigo. Nada tem a temer se me obedecer.

Debateu-se furiosamente, insultando-o, apesar da mão rígida que lhe fechava a boca. Mas aos poucos sua resistência foi cedendo e, inclinado sobre ela, Raoul repetiu:

— Não venho como inimigo... Não venho como agressor. Mas quero que me escute e me responda. Caso contrário, pior para você.

Segurou-a pelos ombros, mantendo-a deitada. Inclinado sobre ela, disse em voz baixa:

— Estive com o irmão de Simon, Thomas Le Bouc. Conversei muito com ele. Revelou-me o que sabia sobre Félicien. O resto é você que vai me dizer. Você me conhece, Faustine, eu não cedo. Ou você fala, e já, ou então...

Seu rosto desceu até o rosto arisco e apavorado de Faustine. Os lábios dela se afastaram dos dele, que se aproximavam.

— Fale, Faustine, fale — ordenou com voz alterada.

Ela viu, muito próximos dos seus, os olhos implacáveis de Raoul. Sentiu medo.

— Deixe-me — murmurou, vencida.

— Você vai falar?

— Sim.

— Agora?... Sem rodeios e sem reservas?

— Sim.

— Jure em nome de Simon Lorient.

— Juro.

Soltou-a e foi até a janela, dando as costas à jovem.

Quando ela se recompôs, Raoul voltou-se, olhou-a por um momento com pesar, como se fosse uma bela presa que lhe escapasse, e o diálogo começou, rápido e preciso.

— Thomas Le Bouc afirma que Félicien é meu filho.

— Não conheço Thomas Le Bouc.

— Mas, por intermédio de Simon Lorient, você conhecia o pai dele, o velho Barthélemy?

— Sim.

— Ele confiava em você?

— Sim.

— O que sabia sobre a vida secreta dele?

— Nada.

— E sobre a vida de Simon Lorient? Seus projetos?

— Nada.

— Nem mesmo a maquinação deles contra mim?

— Não.

— No entanto, eles disseram que Félicien é meu filho.

— Eles me disseram.

— Sem apresentar provas?

— Não as pedi. O que me importava?

— Mas a mim importa — fez Raoul, com o rosto contraído. — Preciso saber se ele é meu filho ou não. Era uma farsa que estavam representando, aproveitando algumas informações acolhidas ao acaso? Ou era uma verdade da qual tentaram se aproveitar, ameaçando-me com a divulgação? Não posso viver com tal incerteza... Não posso...

Ela parecia surpresa com a emoção contida que o tom de voz revelava. No entanto, repetiu com mais força:

— Eu não sei nada.

— Talvez. Mas pode saber, ou pelo menos pode me colocar em condições de saber.

— Como?

— Thomas Le Bouc afirma que Barthélemy entregou a você uma pasta contendo documentos sobre o caso.

— Sim, mas...

— Mas?...

— Um dia, depois de reler esses documentos, ele os queimou na minha frente, sem dizer a razão. Guardou apenas um, que colocou em um envelope. Ele lacrou este envelope e me entregou.

— Com instruções?

— Disse-me apenas: “Guarde isto. Mais tarde, nós veremos”.

— Você pode me dar o envelope?

Ela hesitou:

— Por que não? — insistiu ele. — Barthélemy morreu. Simon Lorient também. E foi Thomas Le Bouc quem me contou tudo.

Ela refletiu por longo tempo, com a fronte levemente franzida, o olhar ausente. Em seguida, tirou uma pasta contendo cartas de uma gaveta da cômoda. Entre essas cartas, encontrou um envelope, cujo lacre rompeu sem hesitar, e retirou um pedaço de papel dobrado ao meio.

Queria verificar, antes de qualquer coisa, o que significavam as poucas linhas escritas naquele papel e se ela devia comunicá-las.

Ao lê-las, sobressaltou-se. Mesmo assim, entregou o papel a Raoul sem dizer uma palavra.

Era uma frase, ou melhor, eram duas, formuladas como a ordem imperiosa que algum déspota ou chefe de gangue poderia impor a um subalterno. A escrita era alta, empastada, bem calcada por toda parte. Como Raoul não reconheceria, à primeira vista, a letra daquela a quem chamara no passado de criatura infernal? E como não reconhecer a maneira brutal e desdenhosa com que sempre dava suas ordens mais monstruosas?

Raoul leu e releu três vezes as linhas assustadoras:

Faça da criança um ladrão, um assassino se possível. Mais tarde, volte-a contra o pai.

E a assinatura altiva, cortada por uma dupla espada.

A palidez de Raoul impressionou a jovem. Provinha de um sofrimento inexprimível, terrores ressuscitados, de toda a angústia de

um passado que mesclava ao presente uma trágica ameaça. Com que curiosidade, quase simpática naquele momento, ela observou a fisionomia atormentada e o violento esforço que ele fazia para se controlar!

— Ódio... vingança... — enfatizou ele. — Você compreende isso, Faustine... Mas essa mulher não era somente ódio e vingança... Era a necessidade, a volúpia do mal... Que monstro de orgulho e de maldade! Ainda hoje sua obra persiste... Essa criança que educaram para se opor a mim, para ser um criminoso... Nada me assusta na vida. Mas não consigo pensar nela sem terror. E a ideia de que será necessário recomeçar a horrível luta...

Faustine aproximou-se dele e hesitou; depois, disse com voz surda:

— O passado não voltará... A condessa de Cagliostro morreu.

Raoul voltou-se bruscamente e, ofegante, perguntou:

— O que está dizendo?... Ela morreu? Como sabe?

— Ela morreu.

— Não basta afirmar. Você a viu? Você a conheceu?

— Sim.

Ele exclamou:

— Você a conheceu! Será possível? Como é estranho! Por duas ou três vezes, eu me perguntei se você não era uma emissária dela... Se não continuava sua obra de destruição contra mim.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Ela nunca me disse nada.

— Fale.

— Eu era uma criança. Quinze anos atrás, levaram-na à minha aldeia na Córsega e instalaram-na em uma pequena casa. Ela estava meio louca, mas era uma loucura mansa e tranquila. Ela me chamava com gentileza. Nunca conversava... Chorava muito, lágrimas que não enxugava. Ainda era bonita... Mas uma doença consumiu-a muito rapidamente... E um dia, seis anos atrás, vlei junto a seu leito de morte.

— Tem certeza? — perguntou ele, dominado pela emoção. — Quem revelou o nome dela a você?

— Todo mundo sabia na aldeia. E, além disso...

— Além disso?

— Fiquei sabendo pelo velho Barthélemy e por Simon Lorient, que a procuravam por toda parte e a encontraram lá, um pouco antes de sua morte. Foi durante essas poucas semanas que nos apaixonamos, Simon e eu. E ele me levou para Paris...

— Por que eles a procuravam?

Depois de um momento de indecisão, ela explicou:

— Já disse que nada sabia sobre a vida secreta de Simon e do pai... Hoje compreendo que fizeram coisas erradas, mas esconderam isso de mim. Porém, pouco a pouco fui adivinhando a história de Félicien. Não toda, pois nem eles mesmos sabiam de tudo.

— Barthélemy encontrou-o realmente em uma fazenda no Poitou?

— perguntou Raoul.

— Sim.

— Entregue pela condessa de Cagliostro?

— Não se sabe ao certo... Simon pensava que talvez o pai tivesse forjado a carta que o mecânico encontrou.

— Mas a ordem que está nesse papel... com certeza essa ordem foi escrita pela Cagliostro, de onde vem?

— Simon não sabia.

— Mas a ordem dizia respeito à criança criada pela fazendeira, ou seja, Félicien Charles?

— Em relação a isso também existe dúvida. Barthélemy não disse nada de preciso. Simon e ele encontraram a pista da Cagliostro e foi assim que chegaram à Córsega, inutilmente, aliás.

— O objetivo deles era?

— O objetivo de Barthélemy sempre foi, hoje eu percebo isso, apresentar a você um dossiê provando que Félicien é seu filho.

— E, portanto, extorquir-me dinheiro. Mas Félicien era cúmplice desse plano? Foi graças a um acordo entre eles, como afirma Thomas Le Bouc, que veio à minha casa? Tornou-se o que a Cagliostro queria? Um vigarista, um assassino?

— Não sei — disse ela com uma voz sincera. — Isso fazia parte da vida secreta deles e nunca falei com Félicien Charles.

— Portanto, não há ninguém além dele que pode me informar — disse Raoul — e é a ele que devo interrogar para compreender toda a aventura.

Ele fez uma pausa e terminou:

— Fui eu quem mandou prender Thomas Le Bouc, com o consentimento dele, aliás. Ele vai confundir o inquérito e demolir as acusações acumuladas contra Félicien. Se, como espero, ele for libertado, não correrá o risco de se deparar com a sua vingança, Faustine?

— Não — fez ela claramente. — Não, se não foi ele o causador da morte de Simon. Para mim, isso determina tudo. É impossível eu viver sem essa ideia de vingança. Parece-me que Simon só terá paz na morte se o crime for punido.

A conversa estava encerrada. Raoul estendeu a mão a Faustine, que se recusou a apertá-la.

— Está bem — disse ele. — Sei que não tenho sua confiança nem sua amizade, mas não sejamos inimigos, Faustine. Quanto a mim, agradeço-lhe por ter falado...

Raoul, que havia retornado à *Clair-Logis*, saía apenas para caminhadas curtas em Vésinet ou nas redondezas. Várias vezes viu Jérôme Helmas, que parecia ter desistido da viagem às montanhas e que sempre estava a caminho da *villa Clématites* ou dali voltava. Chegou a vê-lo em companhia de Rolande Gaverel. Os dois jovens caminharam lado a lado por uma avenida, em silêncio.

Raoul os cumprimentou de longe. Teve a impressão de que Rolande não desejava falar com ele.

Um dia, Raoul foi convocado pelo juiz de instrução, o qual estava muito perplexo, pois Thomas Le Bouc restringia-se ao extremamente estreito círculo de defesa que Raoul lhe designara. Não cometia um erro. Suas afirmações não variavam e as habilidades do sr. Rousselain não conseguiam pegá-lo em falta. “Eu fiz isso... eu fiz aquilo... Quanto ao resto, não sei de nada.”

— Tudo se resume às declarações tanto de Le Bouc quanto de Félicien Charles — disse o sr. Rousselain, admitindo seu embaraço. — Frases prontas, sempre iguais, ou silêncios. Nenhuma brecha por onde entrar um pouco de luz. Parecem lições aprendidas de cor. Sabe qual a minha impressão, senhor d’Averny? É como se uma força superior

tentasse substituir Thomas Le Bouc por Félicien Charles.

O sr. Rousselain olhou para Raoul, que pensou:

“Nada tolo, o homem!”

E o sr. Rousselain continuou:

— É muito estranho! Estou começando a não acreditar mais que Félicien seja culpado. Mas ainda não aceito a ideia de que Le Bouc, que se acusa, tenha feito o passeio noturno pelo lago. Chamei o proprietário do barco. Confrontei-o com Félicien e Le Bouc. Ele foi menos categórico. Então, o que acha?

Não tirava os olhos de Raoul, que balançou a cabeça com ar de aprovação. Finalmente, o juiz disse, mudando repentinamente de assunto:

— É muito apreciado nos altos círculos, senhor d'Averny. Sabia disso?

— Ora! — exclamou Raoul. — Tive oportunidade de prestar alguns serviços a esses cavalheiros.

— Sim, foi o que me disseram... sem mais detalhes, aliás.

— Um dia desses, quando tiver tempo, senhor juiz, eu lhe darei esses detalhes. Minha vida não carece de um tempero pitoresco.

Em suma, os acontecimentos pareciam encaminhar-se na direção certa e algumas questões haviam sido esclarecidas. Assim, o papel de Faustine nada mais tinha de misterioso, um elo muito frágil prendera-a no passado à Cagliostro e o acaso de seu amor por Simon Lorient, levando-a à França, envolvera-a inadvertidamente e de longe nos estratégias do velho Barthélemy e de seu filho. Era apenas uma apaixonada, sem outro propósito senão o de vingar o homem que amava.

Por outro lado, a certeza da morte da Cagliostro fazia com que Raoul se regozijasse, e nada permitia crer que a ordem abominável que ela assinara se aplicasse a Félicien. Portanto, o plano contra Raoul, que poderia ter tido êxito apenas sob a direção da Cagliostro, só poderia chegar a um resultado negativo e absurdo nas mãos de homens de segunda categoria como Barthélemy e seus filhos. De fato, como Raoul d'Averny viu-se de repente diante de um rapaz que talvez fosse seu filho, ou que talvez não fosse, não dispunha, agora que o destino suprimira Barthélemy e Simon Lorient, de nenhum meio para descobrir uma

verdade que, como tudo indicava, ninguém neste mundo conhecia.

Passaram-se três semanas. Uma manhã, Raoul soube que Félicien fora solto por insuficiência de provas.

Às onze horas, por telefone, Félicien pediu-lhe autorização para vir buscar seus pertences durante a tarde.

Depois do almoço, flanando ao redor do grande lago, Raoul, viu Rolande e Jérôme sentados em um banco da ilha. Era um belo dia de agosto. Soprava uma brisa do norte que mal agitava os galhos das árvores.

Pela primeira vez, Raoul percebeu que os dois conversavam. Jérôme, sobretudo, falava com animação. Rolande escutava, respondia brevemente e depois escutava de novo, com os olhos fixos nas flores que tinha nas mãos.

Calaram-se. Um minuto depois, Jérôme, voltando-se para a moça, disse mais algumas palavras. Ela balançou a cabeça, olhou para ele e sorriu ligeiramente.

Raoul voltou à *Clair-Logis* sem muita pressa, mas com alguma emoção com a ideia de reencontrar aquele desconhecido que de repente assumia tanto lugar em sua vida e para quem nenhum ímpeto o impelia. Sua simpatia por Félicien nunca fora muito grande e reduzira-se agora que o jovem poderia talvez invocar certos direitos à sua afeição.

Em todo caso, ele não admitia que Félicien se limitasse a pegar suas coisas e lhe apertar a mão. Não. Queria primeiro uma explicação e a retomada de uma vida comum na qual pudesse estudá-lo à vontade. Ainda não se tratava de saber se Félicien era ou não seu filho, mas se queria apresentar-se a ele como tal. Em uma palavra, Félicien era cúmplice de Barthélemy e de Simon Lorient? Félicien teria participado do complô? Todas as provas concluíam pela afirmativa. A prova formal só seria dada pelos atos e palavras do rapaz.

— O sr. Félicien já chegou? — perguntou Raoul ao jardineiro.

— Faz quinze minutos, senhor.

— Está bem de saúde?

— O sr. Félicien parecia muito agitado. Trancou-se imediatamente no pavilhão.

— Estranho — murmurou d'Averny.

Ele correu para o pavilhão.

A porta estava trancada.

Inquieto, deu a volta, sacudiu a janela do quarto, não conseguiu abri-la e se pôs a escutar.

Ouviu gemidos.

Quebrou uma das vidraças e girou o trinco. Com um salto, transpôs a janela e afastou as cortinas.

Félicien estava ajoelhado contra uma cadeira, com a cabeça baixa e um lenço manchado de sangue encostado ao pescoço. No chão, perto dele, um revólver.

— Ferido! — gritou Raoul.

O jovem tentou responder, mas desmaiou. Raoul ajoelhou-se rapidamente, auscultou o coração, examinou o ferimento, manuseou o revólver e disse a si mesmo:

“Tentou se matar. Mas seu braço tremeu e o ferimento não é muito grave”.

Enquanto cuidava do ferimento, olhava o rosto pálido de Félicien. Muitas perguntas subiram-lhe aos lábios:

“Você é filho meu e de Claire d'Étignes? Você é um ladrão e um assassino, cúmplice de dois bandidos mortos? E por que você quis se matar, infeliz?”

Cinco minutos depois, os criados rodeavam o ferido.

— Nem uma palavra a respeito, está claro? — ordenou Raoul.

Escreveu algumas linhas em uma folha de papel de carta:

Faustine,

Félicien tentou suicidar-se. Não diga a ninguém e venha cuidar dele. Não quero médicos. Diga na clínica que alguém precisa de uma enfermeira particular.

D'Averny

Lacrou o bilhete e mandou seu motorista para a clínica.

Quando o carro trouxe Faustine, Raoul a esperava diante da porta do pavilhão.

— Vocês nunca se encontraram antes?

— Não.

— Simon Lorient não lhe falava sobre ele?

— Não.

— Félicien não foi à clínica durante os poucos dias em que Simon lutava contra a morte?

— Sim. Mas não prestou mais atenção em mim do que em qualquer outra enfermeira.

— Está bem. Não diga a ele quem você é nem quem eu sou.

Ela entrou no pavilhão.

SEGUNDA PARTE

O PRIMEIRO DOS DOIS DRAMAS



Noivado

Dessa forma, portanto, em seis semanas, a situação gradualmente tinha evoluído em uma direção que a transformava completamente. Como Raoul d'Averny intuía desde o início, dois dramas distintos tinham se misturado, dois caminhos haviam se cruzado em um ponto de interseção determinado pelo mero acaso. Um dia, por um lado, Raoul d'Averny, seguindo os passos de quem carregava maços de notas, chegara a Vésinet e comprara ali um imóvel, com a intenção de cobrir suas despesas — e seu deslocamento — com o roubo das cédulas. Essa série de atos levava Barthélemy e seu filho ao mesmo lugar, os quais, enquanto preparavam sua chantagem contra Raoul, acabaram lucrando ao roubar o dinheiro escondido na *Orangerie*.

Por outro lado, nesse mesmo dia — e esse é o ponto de interseção, a encruzilhada —, um drama absolutamente independente, já em vias de execução, conduziu Élisabeth Gaverel à frente daquela mesma *Orangerie*, quando Barthélemy terminava seu trabalho. E, de imediato, tudo iria se enredar numa complicação de mistérios insondáveis, em que a justiça estava imobilizada como no meio de uma floresta de trevas.

“Hoje”, dizia Raoul d'Averny para si mesmo, “tudo isso está claro e simples, pelo menos para mim. Os dois casos estão claramente separados um do outro. O segundo (caso de chantagem de Barthélemy) foi liquidado pela morte de Barthélemy e de Simon, pela captura de Thomas Le Bouc e pela confissão de Faustine. O primeiro (caso das irmãs Gaverel, que só me interessa indiretamente) continua sem nenhuma solução à vista. Resta Félicien, cuja ação mal definida parece ter se estendido de um caso a outro.”

E ele repetiu pensativo:

“Resta Félicien; próprio objeto e condição essencial de uma chantagem cujos organizadores desapareceram... personagem conturbado, perturbador, de aparência fria e indiferente, para quem as peripécias do caso Barthélemy deixaram todo o seu mistério, e que só tenho chance de desmascarar se conseguir desvendar o drama das duas irmãs. Qual seu papel nisso? Quem é? Ninguém se mata sem uma boa razão. Então, há algo poderoso o suficiente nele para perturbá-lo e fazê-lo rolar até a beira do abismo? Quem é ele? E o que quer de mim?”

Com que olhos penetrantes ele o examinava, agora, a cada uma das visitas que levavam Raoul até o quarto do pavilhão! E como ele mal podia esperar para falar com ele! A febre havia diminuído. Faustine havia parado com os cuidados. Mas Félicien continuava cansado, oprimido, como se a causa de sua terrível tentativa tivesse continuado a fazê-lo sofrer.

Uma manhã, Faustine, que estava dormindo no ateliê, chamou Raoul de lado.

— Alguém veio vê-lo esta noite.

— Quem?

— Não sei. Ao ouvir um barulho, tive vontade de entrar. A porta estava trancada. Eles cochicharam por um longo tempo com intervalos de silêncio. Então, a pessoa foi embora sem que eu pudesse surpreender nada.

— Então, você não tem nenhum indício?

— Nenhum.

— Pena!

Seja como for, Raoul pôde constatar, nos dias seguintes, o resultado dessa entrevista noturna: Félicien não era mais o mesmo. Instantaneamente, o rosto ganhara nova vida. Ele estava sorrindo. Conversava com Faustine. Até queria pintar seu retrato e planejava voltar ao trabalho.

Raoul não hesitou mais. Três dias depois, no pavilhão onde o jovem estava descansando, ele se sentou ao lado dele e começou:

— Fico feliz em vê-lo recuperado, Félicien, e espero que nossas relações sejam retomadas aqui como antes. Mas, para que essas relações sejam mais cordiais, devemos falar francamente. Aqui está: a decisão do

sr. Rousselain o colocou fora da questão em relação aos fatos ligados ao inquérito aberto por ele. Mas há outros que se relacionam mais especificamente com você e comigo.

E ele perguntou, com gentileza amigável:

— Por que não me contou, Félicien, que tinha sido criado em uma fazenda por uma brava camponesa do Poitou?

O jovem corou e murmurou:

— Não é fácil admitir que se é um enjeitado...

— Mas... antes dessa época?...

— Não tenho nenhuma lembrança anterior. Minha mãe adotiva, que foi minha mãe verdadeira, morreu sem me contar nada. Limitou-se a me dar uma quantia em dinheiro que havia sido confiada a ela por uma senhora... que não era minha mãe, ao que parece.

— Você se lembra de que nos últimos anos um homem se instalou na fazenda?

— Sim... um amigo... um parente, eu acho...

— Qual era o nome dele?

— Nunca soube com certeza, pelo menos não me lembro.

— Seu nome era Barthélemy — afirmou Raoul.

Félicien teve um sobressalto.

— Barthélemy?... O ladrão?... O assassino?...

— Sim, o pai de Simon Lorient. Desde então, esse homem nunca mais perdeu você de vista. Ele se manteve a par do que estava fazendo em Paris e de todos os seus endereços. E, no final, foi ele quem fez com que você fosse recomendado a mim por um de meus amigos.

Félicien parecia atordoado. Raoul não tirava os olhos dele, atento a todos os seus gestos e reações, observando os menores sinais de sinceridade ou dissimulação.

— Por quê? — disse o jovem. — Qual era o seu objetivo?

— Não sei. É certo que Barthélemy o fez colocar perto de mim com certa intenção e que seu filho Simon veio aqui para que você o ajudasse na execução de determinado plano dirigido contra mim. Mas qual era a intenção? Qual era o plano? Não consegui descobrir. Simon Lorient não fez alusão a isso para você?

— Não... Não estou entendendo nada disso.

— Nesse caso, no que lhe diz respeito, seu desejo foi sempre apenas o de trabalhar nesta casa?

— O que mais eu faria aqui? — perguntou Félicien.

Raoul ficou feliz. Félicien estava dizendo a verdade. Não era cúmplice da chantagem e se, por mais absurdo que fosse, soubesse de alguma coisa, de qualquer forma não estava pedindo nada.

— Outra coisa, Félicien: Thomas Le Bouc acusa a si mesmo, não é, de ser o homem que foi visto no barco na noite do crime e do roubo. Essa confissão não o surpreendeu?

— Por que teria me surpreendido — disse Félicien —, já que não era eu? Naquela hora, eu estava dormindo.

Mas dessa vez a entonação não era a mesma. O olhar fugia, sem lealdade. O rubor subia até as maçãs do rosto.

“Ele mente”, pensou Raoul, “e se mente sobre isso, mente sobre todo o resto.”

Caminhou pelo quarto, batendo o pé. A duplicidade do jovem tornava-se de novo evidente. Ele era um enganador, um impostor. Um dia ou outro, invocaria seu direito de filho e faria ameaças, como seus cúmplices. Incapaz de conter sua raiva, Raoul caminhou em direção à porta. Mas Félicien se interpôs e disse com voz ansiosa:

— O senhor não acredita em mim — disse ele. — Não... não... eu sinto isso... Ainda sou aquele que voltou à noite para perguntar sobre o saco de notas roubadas e que, talvez, feriu e matou, em consequência, seu cúmplice Simon Lorient. Nessas condições, é melhor eu ir embora.

— Não — disse Raoul brutalmente. — Pelo contrário, peço-lhe que fique até que uma verdade irrefutável seja estabelecida entre nós... Num sentido ou em outro.

— Essa verdade existe no sentido indicado pelo juiz de instrução.

Raoul exclamou com veemência:

— A decisão do sr. Rousselain não significa nada. Ela foi causada pelas falsas declarações de Thomas Le Bouc que encontrei e a quem paguei para fazê-las. Mas seu papel pessoal desde o início permanece inexplicável. Nem mesmo por um momento — continuou Raoul — senti em você um daqueles lampejos de franqueza ou revolta que iluminam os recônditos de uma natureza. Você esconde nas sombras seus atos mais graves e violentos. Veja, seu suicídio, por exemplo. Você voltou aqui para

se despedir de mim, não é? E para se explicar comigo. E eu o encontro quase em agonia, o revólver na mão. Por quê?

Félicien não respondeu, o que deixou d'Averny exasperado.

— Silêncio... sempre silêncio... ou então evasivas, lacunas, como com o juiz de instrução. Mas responda, droga! O que nos separa nada mais é que esse muro de silêncio e de reserva que você está construindo entre nós. Derrube tudo isso, se quiser que eu sinta confiança! Caso contrário, desconfio, suponho, imagino, mesmo que isso signifique cometer um erro e acusá-lo injustamente. É isso o que quer?

Ele o agarra pelo braço.

— Na sua idade, é por amor que as pessoas se matam. Fiz uma pesquisa sobre seu procedimento, no dia da sua tentativa. De longe, você seguiu Rolande Gaverel e Jérôme Helmas que saíam em direção ao lago. Eles se sentaram em um banco da ilha. E você viu... o que eu vi, que havia uma intimidade entre eles que nada fazia prever. Você questionou meu jardineiro com ar de desinteresse e soube que eles se encontravam todos os dias. Uma hora depois, você pegava seu revólver. Estou certo?

Com o rosto contorcido, Félicien ouvia.

— Eu continuo — disse Raoul. — Rolande Gaverel, não sei como, soube de sua tentativa. Perturbada, ela veio vê-lo à noite, há três dias, para implorar-lhe que vivesse e para lhe dizer que suas suspeitas eram infundadas. Suas explicações o convenceram a tal ponto que desde aquela noite você está feliz e curado. Estou certo?

Dessa vez, parecia que o jovem não podia e não queria se esquivar de tais perguntas tão insistentes. Ele hesitou no entanto, pelo menos quanto à forma como iria responder. Finalmente, disse:

— Senhor, nunca mais revi Rolande Gaverel desde o dia da tragédia, e a pessoa que veio à minha casa na outra noite não era ela. Minhas relações de amizade com Rolande não lhe teriam permitido dar esse passo. E, menos ainda, a decisão que ela tomou e que me anuncia numa carta que seu criado acaba de me trazer.

Félicien entregou a carta a Raoul, que a leu com crescente surpresa:

Félicien,

O infortúnio nos uniu, Jérôme Helmas e eu. Por força de chorar juntos por nossa pobre Élisabeth, sentimos que não havia outro consolo

para nós senão permanecermos fiéis, um ao lado do outro, à sua querida memória. Tenho a impressão profunda de que é ela mesma quem nos aproxima e nos pede para criar um lar no mesmo lugar onde foi tão feliz e onde sonhava ser ainda mais feliz.

Não sei a época do nosso casamento. Preciso dizer que muitas coisas me retêm, que tenho medo de enganar e que, até o último momento, esse medo me fará hesitar? Mas, então, como viver? Não tenho mais forças para ficar sozinha diante de mim.

A você que a conheceu, Félicien, peço-lhe que venha amanhã à Clématites e diga-me se ela teria me aprovado.

Rolande.

Raoul releu a carta em voz baixa e lentamente:

— Aventura engraçada! — ele zombou. — Essa jovem tem um jeito de ser fiel à memória da irmã! Vá vê-la, Félicien, e dê-lhe seu apoio. O trabalho aqui não tem pressa, e você precisa mesmo de alguns dias de descanso.

Depois de pensar por um momento, ele se inclinou para o jovem.

— É-me impossível, no entanto, esconder de você uma ideia que muitas vezes me passou pela cabeça: a de um entendimento entre os dois noivos.

— Obviamente — disse Félicien espantado —, obviamente há entendimento entre eles, uma vez que estão noivos.

— Sim, mas isso não é bem mais antigo?

— Bem mais antigo? De que época?

Sílaba por sílaba, Raoul destacou esta terrível frase:

— *Da época em que Élisabeth Gaverel ainda estava viva.*

— O que isso significa?

— Significa que a armadilha criminosa preparada para Élisabeth Gaverel, dois meses antes de seu casamento, é muito estranha.

Félicien fez um gesto de indignação e exclamou:

— Ah, senhor, seu palpite é impossível! Conheço os dois, sei do amor de Rolande por sua irmã... Não, não, não temos o direito de acusá-la de tal infâmia.

— Não estou acusando. Estou fazendo uma pergunta que não pode deixar de ser feita.

— Por que não pode?

— Por causa dessa carta, Félicien. Há uma grande inconsciência nessas linhas!...

— Rolande é uma criatura de lealdade, de nobreza.

— Rolande é uma mulher... uma mulher que está esquecendo.

— Tenho certeza de que ela não esquece.

— Não, mas vai fundamentar seu lar em condições... que não devem ser desagradáveis para ela — brincou Raoul.

Félicien levantou-se e falou em tom grave:

— Não diga mais nada sobre isso, por favor, senhor. Rolande está acima de qualquer suspeita.

Raoul lhe devolveu a carta e deu alguns passos no gramado. Tinha a impressão de que com perseverança seria possível insinuar-se naquela natureza sombria e secreta, em que discernia arrebatamento e revolta, e ia insistir quando ouviu a barreira da entrada que se abria.

— Caramba! É o inspetor-chefe Goussot. O que nos traz esse pássaro de mau agouro?

O inspetor caminhou em direção ao bosque onde os dois homens se encontravam e apertou a mão de Raoul, que lhe disse rindo:

— Como assim? Não estamos livres do senhor, inspetor?

— Mas sim, mas sim — respondeu Goussot, em um tom brincalhão que não lhe era habitual. — Mas quando a justiça teve um problema com alguém, ela ainda tem direito sobre esse alguém...

— De vigilância.

— Não, um direito de atenção cordial. É por isso que, continuando minha investigação, vim saber as novidades sobre nosso paciente.

— Félicien Charles está muito bem, não está, Félicien?

— Melhor assim! Melhor assim! — disse Goussot. — Correu um boato na área de que houve disparo, suicídio, etc. Recebemos até uma carta anônima datilografada a esse respeito. Enfim, muitas piadas nas quais não acreditei nem por um segundo. Uma pessoa inocente cuja inocência é proclamada não se mata.

— Decerto que não!

— A menos que ela não seja inocente — insinuou Goussot.

— Essa é uma questão que ninguém está considerando nesse caso.

— Sim.

— Ora, vamos!

— Perfeitamente. Então eu soube... desculpem os procedimentos policiais... que ao sair da prisão, seu jovem amigo tinha telefonado...

— Para mim, de fato.

— E em seguida para a srta. Rolande Gaverel a fim de solicitar permissão para ir vê-la ao longo do dia.

— E daí?

— E então a dita senhorita se recusou a vê-lo.

— O que isso quer dizer?

— Que essa dita jovem de fato não acredita que ele seja inocente...

Caso contrário...

Raoul zombou.

— Foi só isso que obtive com sua vil investigação, senhor inspetor?

— Acredite, foi sim.

— Nesse caso...

Ele indicou-lhe o caminho da barreira. Goussot deu meia-volta, mas encarando novamente o adversário falou:

— Ah, estava esquecendo. Uma mala que pertencia a Simon Lorient foi descoberta no guarda-volumes de uma das estações de Paris e, no bolso de uma peça de roupa, encontrei este cartão de visita. Dá para ver, atrás, o desenho a lápis de um andar de uma casa, com uma cruz em tinta vermelha. Esse é o andar onde o pai de Simon Lorient, amigo de Félicien Charles, roubou o dinheiro do sr. Philippe Gaverel.

— E que nome está no cartão?

— Félicien Charles.

O inspetor cumprimentou Raoul e Félicien e, de forma irônica e zombeteira, retirou-se dizendo:

— Documento de segunda mão, que menciono apenas como lembrete. Mas pode haver uma sequência...

Raoul correu e o alcançou na barreira.

— Então diga, inspetor!

— O que posso fazer pelo senhor, senhor d'Averny?

— Nada. Sou eu quem posso fazer pelo senhor. Vê os dois postes desta barreira?

— Claro!

— Bem, aconselho-o a nunca mais cruzar a linha ideal que os une.

— Meu cargo de policial...

— Seu cargo só tem valor se se comportar como um policial cortês e bem-educado, como seus colegas, e não como beleguim amargo e rancoroso. Para bom entendedor, até logo!

Raoul voltou-se para Félicien, que, durante toda a cena, não reagira nem proferira uma palavra e lhe disse:

— Tinha me garantido que nunca mais vira Rolande.

— Ela se recusou a me ver.

— E ainda afirma que não pretendeu se matar por ela?

O jovem não respondeu.

— Outra coisa — continuou Raoul. — Esse cartão de visita?

— Simon Lorient deve tê-lo levado daqui, um dia, antes da sua chegada.

— E esse plano da *Orangerie*?

— Ele mesmo deve tê-lo desenhado. Não tenho nada a ver com isso.

— E tudo isso, que mostra que você ainda é considerado suspeito pela polícia, não o preocupa?

— Não, senhor. Tentaram de tudo contra mim, e nada foi encontrado. Não tendo feito nada de culpável, não me preocupo.



Visita misteriosa

Raoul desistiu. Nenhuma explicação teria sucesso com Félicien. Nenhuma ameaça de perigo poderia interferir naquela atitude despreocupada, talvez aparente, mas que tinha o valor de uma resistência inflexível. Palavras não arrancariam dele seu segredo.

Portanto, era preciso agir.

De início, os acontecimentos não se prestaram a isso. Faustine havia retornado ao seu trabalho na clínica. Félicien, que almoçava ao mesmo tempo que ela no pavilhão, começou a fazer a refeição na *Clématites*, onde passava a tarde.

No quinto dia, Raoul, para investigar, também foi até lá.

A cozinheira abriu e lhe disse:

— Acho que a senhorita está no gramado. O senhor pode chegar até ela pela sala de jantar.

No vestíbulo, havia duas portas. Raoul entrou na sala. Mas, em vez de descer para o jardim, espiou pelas cortinas de tule que recobriam as portas de vidro do estúdio. Um espetáculo imprevisto o esperava lá.

À esquerda do cômodo, em plena luz, de frente para Félicien, que estava sentado diante de seu cavalete de pintura, Faustine posava, com os ombros largamente descobertos e os braços nus.

Raoul foi mordido por um sentimento de irritação a que se misturava — ele não negava isso em relação a si mesmo — um mau humor ciumento.

“Essa vadia!”, ele pensou. “O que está fazendo aqui? E o que esse gaiato quer dela?”

Ele podia ver bem seu rosto, mas os olhos da jovem estavam um pouco voltados para o lado, na direção da ampla abertura na parede que dava para o gramado e o lago. Os ombros inundados de luz eram cheios, harmoniosos, de uma alvura um pouco dourada. Mais uma vez, e essa era uma memória que o assombrava com frequência, ele se lembrou da radiante Frineia do escultor.

Sem fazer barulho, ele entreabriu a porta, curioso para ouvir o que diziam, e percebeu que os dois noivos, Rolande e Jérôme Helmas, estavam sentados no parapeito da janela, com as pernas para fora.

Conversavam em voz baixa. De vez em quando, Félicien Charles virava a cabeça na direção deles.

E Raoul ficou profundamente convencido de que todo o drama da *Clématites* e da *Orangerie*, o primeiro dos dois dramas, estava lá, no estúdio, e se desenrolava entre os quatro personagens ali presentes. Inútil procurar para além daqueles quatro atores. Tragédia de amor, ou de ódio, ou de ambição, ou de ciúme, tudo fervilhava naquele ambiente restrito. Todos os quatro pareciam calmos e atentos às suas ocupações atuais. Mas o passado e o futuro, o crime e o castigo, a morte e a vida, defrontavam-se como adversários desenfreados.

Qual era a participação de cada um naquele conflito? Que papel Félicien, que sem dúvida amava Rolande, desempenhava entre os dois noivos?

Como a enfermeira Faustine se introduzira naquele círculo? E por que motivos Rolande, de classe tão diferente, a admitira ali? Tantas perguntas insolúveis.

Porém, tendo os dois noivos desaparecido no jardim, Raoul entrou lentamente e, quando Faustine voltou a olhar para o cavalete, viu-o, por cima da tela e de Félicien.

Imediatamente, confusa e ruborizada, ela se cobriu com um xale.

— Não se levante, Félicien — disse ele. — Mas, meu Deus, que modelo linda você tem aí!

— Admirável, e do qual sou totalmente indigno — confessou o jovem.

— Então você não tem pretensões?

— Nenhuma, diante de tanta beleza.

Raoul zombou:

— E você, Faustine? Gosta mais de posar com essa roupa que de tratar seus pacientes na clínica?

— Há poucos doentes agora — disse ela —, e minhas horas da tarde são livres.

— E suas noites também, assim como suas madrugadas. Aproveite, Faustine. Aproveite sua juventude.

Ele se juntou aos dois noivos no jardim e os felicitou pelo casamento, ao mesmo tempo que observava Rolande. Ele a achava menos deslumbrante, é claro, que Faustine, de uma beleza menos teatral, mas ela era mais comovente e, como Faustine, oferecia aquele encanto sensual do rosto e das formas que perturba mais que a beleza em si. Jérôme Helmas a contemplava com admiração apaixonada.

Como Jérôme precisava terminar o dia em Paris, Rolande e Raoul o conduziram à horta da *Orangerie*, por onde ele iria sair. Assim, eles passaram em frente ao local dos degraus sinistros cujo rompimento tinha causado a queda e depois a morte de Élisabeth. Os dois jovens não pareceram dar atenção alguma a isso. Todos os dias eles caminhavam por aquele lado. Eles até pararam, despreocupados e ociosos, e viram no outro lado do lago, perto do beco sem saída, o barco que balançava, ocupado por três homens, Goussot e dois de seus inspetores, um dos quais raspava o fundo da água.

— A investigação continua — disse Jérôme. — Estão procurando a arma com a qual fomos atingidos, Simon Lorient e eu.

Rolande estremeceu e cochichou:

— Então, esse pesadelo nunca vai acabar?

Jérôme se despediu dela. Rolande e Raoul lentamente voltaram à *Clématites*, e Raoul disse a sua companheira, em um tom que enfatizava seu pensamento secreto:

— Você continuará morando aqui depois do casamento?

Ela respondeu:

— Sim, acho... vamos fazer os ajustes necessários...

— Mas, sem dúvida, depois de uma viagem... uma longa viagem?

— Nada foi decidido ainda...

Ele lhe fez mais perguntas. Rolande, que respondia em pequenas frases vagas, interrompeu o interrogatório dizendo:

— Alguém tocou a campainha. Não estou esperando nenhuma visita.

Ao chegarem à escadaria, foram alcançados pelo som de uma discussão, que imediatamente se transformou em briga barulhenta. Ouviram a voz do criado Édouard, que gritava furiosamente:

— Não vai entrar! Enquanto eu for vivo, não vai colocar os pés nesta casa.

Rolande atravessou correndo a sala de jantar. Félicien e Faustine já estavam no vestíbulo. Perto da entrada, o velho criado tentava barrar o caminho de um senhor idoso que dizia baixinho:

— Por favor, controle-se. Quero falar com a srta. Rolande... Por favor, avise-a da minha visita.

Rolande parou na soleira, examinou o recém-chegado e disse:

— Não acho que tenho a honra, senhor...

Sem dizer uma palavra, ele lhe entregou seu cartão. Ela lhe lançou um olhar e ficou perturbada.

Ele insistiu, como se temesse uma recusa.

— Quero lhe falar, Rolande... Essa conversa é imprescindível... Não pode recusar... em seu próprio interesse...

Ele estava curvado, os cabelos brancos, com traços finos e distintos, e de uma palidez excessiva que indicava doença e esgotamento.

Após hesitar, ela ordenou ao criado:

— Deixe-nos, Édouard... Sim, deixe-nos, eu lhe peço.

Édouard saiu, furioso. Então, dirigindo-se ao cavalheiro, ela lhe disse:

— Lamento que meu noivo não esteja aqui. Eu o teria apresentado ao senhor.

— Sei de fato que está noiva, Rolande...

— Sim, de Jérôme Helmas.

— Sei disso... Ele ia se casar com sua irmã, certo?

— Ele ia se casar com ela.

Ele continuou:

— Conheci bem a mãe dele no passado. Ele era muito criança.

Mas Rolande pareceu se recusar a continuar a conversa na presença de testemunhas, e lhe disse:

— Vamos subir ao meu toucador, senhor, poderemos conversar melhor. Eu lhe mostro o caminho.

Ela o conduziu. Ele subia lentamente, com esforço.

Raoul só precisou de um rápido olhar para se convencer de que Félicien e Faustine estavam tão intrigados quanto ele, e que nada para eles explicava aquela visita.

Os três esperaram, cada um se ocupando à sua maneira, e em silêncio.

Só depois de duas horas, o senhor desceu as escadas, apoiado em Rolande. Ela tinha os olhos vermelhos e uma expressão perturbada.

— Então, Rolande, seu casamento... será quando?

Ela reagiu nitidamente, como se tomasse uma decisão repentina:

— Doze dias. O tempo de publicar os proclamas.

— Seja feliz, Rolande.

Ele a beijou na testa, enquanto ela chorava, então ela gentilmente se afastou e o conduziu até a porta.

— Posso acompanhá-lo? — ela disse.

— Não, a estação não fica longe. Prefiro ir sozinho. Até breve, Rolande. Ficaria muito feliz em vê-la em minha casa! Você me prometeu. Mas não demore muito, Rolande.

Ele não se virou. Rolande o seguiu com os olhos, fechou a porta e voltou pensativa ao estúdio. Sem esperar, Raoul saiu pela sala de jantar da *Clématites* com a intenção de seguir o estranho e recolher algumas informações. Mas ele imediatamente o viu na avenida, apoiado no braço de um criado em traje de motorista. Perto da estrada nacional, achava-se estacionado um automóvel luxuoso. O motorista o ajudou a entrar e foram embora. Raoul só pôde notar que o carro estava muito empoeirado, como se, para chegar até ali, já tivesse percorrido um longo trajeto.

Por volta das sete horas, ele abordou Faustine, quando ela estava saindo da clínica.

— Não sabemos nada sobre aquele senhor? Rolande não disse nada?

— Não.

— Diabos — ele disse —, ainda que tivessem lhe contado, você não diria uma palavra sobre isso! Que seja, vou cuidar disso sozinho. Não é muito difícil, nesse caso, e ainda é um pouco de verdade que vai se somar a tudo o que descobri. Estamos avançando, Faustine.

Ele lhe disse, em uma voz mais dura e agressiva:

— Outra coisa: que jogo você joga na *Clématites*? Eis aí você, a amiga da casa. A que título? O que vocês quatro têm em comum? É para virar a cabeça de Félicien que você exhibe seus encantos? Alto lá, garota. Caso contrário, faço o rapaz desaparecer e você vai acabar sem lucrar nada com isso.

Ela não ficou com raiva e sorriu:

— Ganhei alguma coisa para lhe agradar?

— Com certeza, não!

— E ainda assim, eu o agrado.

— E bastante, é verdade! — ele disse acalmando-se e rindo. — E talvez seja por isso que estou perdendo um pouco a cabeça...

À noite e na manhã seguinte, Raoul realizou uma investigação que o levou em vinte minutos de carro à frente de um asilo de idosos localizado perto de Garches. A seu pedido, chamaram ao parlatório o velho Stanislas, homem valente, todo trêmulo e curvado, a quem ele explicou o propósito de sua visita.

— O senhor é originário da comuna de Vésinet, onde viveu e trabalhou como criado por mais de quarenta anos, dos quais trinta anos com o mesmo patrão, que era pai do senhor Philippe Gaverel, atual proprietário da *Orangerie*. Não estou enganado, estou? No entanto, o município de Vésinet incluiu-o numa distribuição de ajuda, e fui por ela encarregado de lhe entregar uma nota de cem francos.

Depois de cinco minutos de efusões e uma hora de conversa sobre Vésinet, sobre os habitantes de Vésinet, sobre as pessoas que frequentavam a *Orangerie*, sobre as pessoas que ocupavam as propriedades vizinhas dessas pessoas, Raoul ficou sabendo exatamente o que queria descobrir.

Em particular, ele sabia que o pai de Élisabeth e Rolande, o sr. Alexandre Gaverel, irmão do tio Philippe, se dava mal com a esposa. Era um conquistador, que a fazia infeliz. Era também um ciumento que, no final das contas, tivera sem dúvida algum motivo para sê-lo, dada a presença assídua de um parente distante da sra. Alexandre Gaverel.

— Em suma — contou Stanislas —, houve discussões, que puderam ser ouvidas do jardim da *Orangerie*, e, um dia... veja, a srta. Élisabeth tinha acabado de fazer três anos... um dia, o sr. Alexandre expulsou o primo da senhora, chegaram mesmo a brigar no vestíbulo, e o criado Édouard, amigo meu, teve de dar uma mãozinha ao patrão. E como eles gritavam! Em casa, na cozinha, costumávamos dizer que o verdadeiro pai da srta. Élisabeth era o primo Georges Dugrival.

— Mas o casal Gaverel acabou por se entender? — disse Raoul.

— Mais ou menos, mesmo tendo uma filha três ou quatro anos depois, a srta. Rolande. Mas ele voltou à vida antiga, tanto que morreu de derrame, após uma farra em Paris com amigos.

— E não se viu mais o primo?

— Nunca. Só que, todos os anos, até sua morte, a sra. Alexandre passava o verão com as filhas à beira-mar, em Cabourg. E Cabourg fica a vinte quilômetros de Caen, onde hoje mora o sr. Georges Dugrival, o primo da sra. Alexandre. Lá em casa, na cozinha, dizia-se que ele tinha sido encontrado várias vezes na praia de Cabourg com a sra. Alexandre e sem as duas meninas, é claro. E a cozinheira, na *Orangerie*, uma vez disse: “Você verá que ele deixará toda a sua fortuna para a srta. Élisabeth. É uma decisão já tomada. A coisa está acertada entre ele e a sra. Alexandre. Ah! ela vai ter um grande dote, a srta. Élisabeth!...”

Raoul ficou muito satisfeito com sua expedição. Quanto mais pensava no assunto, mais entendia a importância dos resultados alcançados. Todo um halo de luz se formava em torno desse conflito familiar, no qual ele pressentia a origem de tantos atos tenebrosos que começavam a adquirir certo significado para ele.

A tarde e o dia seguinte ele passou na *Clématites*, onde encontrou, apesar do acolhimento cordial que lhe era dispensado, o mesmo sentimento de isolamento da primeira vez e a mesma atmosfera patética. Cada um vivia em si mesmo, com seus próprios pensamentos e seu propósito particular. No que todas aquelas pessoas estavam pensando? De vez em quando, Rolande e Jérôme trocavam olhares afetuosos. E, de vez em quando, os olhos de Félicien deixavam Faustine e o retrato que

pintava para olhar Rolande e Jérôme.

No silêncio, Rolande disse ao noivo:

— Seus papéis estão prontos, Jérôme?

— Com certeza.

— Os meus também. Hoje é terça-feira, 7. Vamos marcar nosso casamento para sábado, dia 18, está bem?

Jérôme tomou-lhe a mão e beijou-a com uma exaltação que revelou todo o ardor de seu amor. Ela sorriu e fechou os olhos.

Félicien trabalhava diligentemente.

Raoul disse a si mesmo: “Faltam onze dias para 18 de setembro. É preciso que tudo seja providenciado até lá e que suas paixões façam explodir a verdade, ainda tão distante e tão complexa”.

Não mais se tratara da misteriosa visita recebida por Rolande. Qual fora o motivo dela? Por que Rolande, tão hostil no início, parecia tão gentil e tão emotiva na partida? E Jérôme Helmas fora informado a respeito?

No sábado, 11 de setembro, Raoul foi convocado por Rolande para a *Clématites*, onde o inspetor Goussot deveria ir às três horas para uma comunicação importante. Rolande queria que o sr. d'Averny e Félicien Charles fossem testemunhas.

Raoul chegou pontualmente ao encontro, assim como Félicien. Faustine não apareceu.

A comunicação feita pelo inspetor Goussot foi breve. Fingindo não notar a presença de Raoul e Félicien, ele se dirigiu apenas a Rolande e Jérôme.

— Aqui estão várias cartas anônimas que recebemos. Todas são datilografadas, de uma forma um tanto grosseira, e todas são colocadas no correio à noite, em Vésinet. Minha investigação, que dizia respeito a pessoas que possuíssem uma máquina de escrever, deve ter ficado conhecida, porque esta manhã uma máquina, de fabricação antiga, foi encontrada em um monte de lixo, a três quilômetros daqui. Mas, pela última vez, a tinham usado ontem, e à noite chegou à Prefeitura esta carta, cuja leitura peço que ouçam:

Ao longo da avenida onde Simon Lorient foi atingido, durante a famosa noite, estende-se uma propriedade desabitada há meses, e cujo muro baixo é encimado por uma grade. Através das barras desta grade, pode-se ver um lenço sob as folhas dos arbustos. Talvez fosse bom verificar a proveniência desse lenço.

— Segui o conselho dado — continuou o inspetor-chefe. — Esse lenço, que se pode ver aqui, está obviamente sujo e molhado de chuva e orvalho. Mas é fácil distinguir a marca comprida, angular e avermelhada deixada por uma faca vermelha de sangue que se limpa com um pano. Quanto às iniciais, há apenas uma, assim como acontece com a maioria dos lenços comprados nas lojas: a letra F. Já que o senhor está aí, senhor Félicien Charles, teria a bondade?

Félicien obedeceu e estendeu seu lenço. Goussot comparou-os entre si.

— Não há inicial neste último. Mas pode-se perceber a mesma tela fina, e rigorosamente as mesmas dimensões. Obrigado. Essas peças serão incluídas no inquérito e o laboratório verificará se as manchas marrons são manchas de sangue. Nesse caso, haveria uma acusação das mais sérias contra aquele que atingiu Simon Lorient e que primeiro atingira o sr. Helmas.

O inspetor não disse mais nada, cumprimentou os dois noivos e saiu.

— Meu caro Félicien — observou Raoul, levantando-se —, os acontecimentos estão se precipitando. A polícia não tem mais a menor dúvida sobre você. Em alguns dias, o sr. Rousselain será obrigado a chamá-lo de volta a seu gabinete e então...

Félicien não respondeu. Parecia estar pensando em outra coisa bem diferente. Raoul o odiava.

À noite, após o jantar, ao passar à sombra do jardim, ouviu-se um leve apito na avenida e ele viu a silhueta de uma mulher caminhando ao longo do grande lago e se afastando, em direção à esquerda, em uma direção oposta à *Clématites*.

Raoul achou que o apito devia ter sido um sinal. E, de fato, Félicien não demorou a surgir do pavilhão. Abriu lentamente o portão e também virou à esquerda.

Raoul teve o cuidado de ir pelo interior da *Clair-Logis* e pela saída da garagem.

Percebeu no caminho que margeia o lago duas silhuetas que se afastavam. A noite ainda não estava muito densa. Ele reconheceu Félicien e Faustine, que conversavam animadamente.

Seguiu-os de longe.

Eles cruzaram a ponte e se sentaram no mesmo banco onde ele vira Rolande e Jérôme Helmas.

Como estavam de costas para ele, ele foi capaz, sem medo, de se aproximar deles a uma distância de vinte e cinco ou trinta metros.

Muito claramente, percebeu que Félicien estava nos braços de Faustine e que sua cabeça repousava no ombro da jovem.



O sequestro

A reação brutal de seus instintos teria impellido Raoul a atacar os dois amantes e lhe teria proporcionado a satisfação imediata de jogar Félicien na água e estrangular Faustine. Se não o fez, se chegou mesmo a parar imediatamente, depois de dois ou três passos em direção à ponte, foi por razões que só percebeu depois.

Portanto, ele ficou quieto. A hora não se prestava a acessos de raiva nem a ataques impensados. Nunca sentira por Faustine senão um desejo em que não havia o mais ínfimo amor, e, no momento em que tudo anunciava a tempestade que se aproximava e a borrasca do desenlace, ele não obedeceria a uma crise de loucura orgulhosa que arriscava pôr tudo a perder. Os fatos, dos quais alguns estavam começando a ser classificados em sua mente, apesar de seu emaranhado, poderiam ficar confusos novamente se ele interviesse de forma inesperada.

E então, acima de tudo, a imagem da condessa de Cagliostro surgia diante dele. Pai e filho um contra o outro, lutando pela mesma criatura, que vitória para a morta! Com que rigor execrável seria cumprida a vingança que ela confiara ao destino!

Raoul voltou para casa. Fechou a barreira e montou um dispositivo que nunca usava e que ativava uma campainha elétrica quando ela era aberta.

Meia hora depois, a campainha soou. Félicien estava de volta. Raoul adormeceu.

Passou toda a manhã seguinte a ruminar contra Félicien, a quem odiava cada vez mais. Àquela altura, apesar de todas as contradições e inverossimilhanças, tendia a admitir como certa a cumplicidade de Rolande e Jérôme. Os planos dos dois noivos deveriam se basear naquela história, tão mal definida, da herança de Dugrival. Deu um pequeno passeio, almoçou e resolveu ir a Caen para investigar, obter informações sobre Georges Dugrival, talvez o encontrar, em todo caso para fazer-lhe, na noite seguinte, uma interessante visita domiciliar.

Mas, quando estava prestes a entrar no carro, o toque do telefone o chamou à *Clair-Logis*. Jérôme Helmas lhe implorava que viesse, com urgência, sem perder um minuto. O jovem parecia desesperado.

Dois minutos depois, Raoul chegava. Jérôme estava esperando na soleira com o criado, e imediatamente gaguejou, com a voz sufocada:

— Sequestrada!...

— Quem?

— Rolande. Sequestrada por aquele miserável.

— Aquele miserável?

— Félicien Charles.

— Ora, vamos! — protestou Raoul, que ainda via Félicien nos braços de Faustine. — Rolande teria consentido?

— Está louco? — gritou Jérôme, indignado. — Sequestrada à força! De carro! Vou lhe explicar... Pensei imediatamente que só o senhor poderia...

Ele saltou para o assento.

— Mas qual estrada? — perguntou Raoul.

— Para os lados de Saint-Germain. Não é, Édouard? Você os viu?

— Sim. Saint-Germain — afirmou o criado.

O carro de Raoul já estava dando partida.

A trezentos metros, dobraram na estrada nacional, à direita, e cruzaram o Sena. A estrada nº 190 ia na direção de Rouen, da Normandia...

Jérôme resmungava, fora de si:

— Ela não suspeitava de nada... Tão pouco eu... Ele havia trazido de Paris um carro que supostamente queria comprar. Ele aproveitou o fato de eu estar no jardim para propor a ela experimentar o carro... Ela subiu no veículo. Mas, quando ele ligou o motor, ela provavelmente quis sair e

ele acabou por impedi-la, pois ela soltou gritos que Édouard ouviu, assim como eu. Quando Édouard saiu, o carro já estava longe.

— Que tipo de carro?

— Um conversível.

— Nenhuma característica especial?

— Carroceria amarelo-claro.

— Há quanto tempo partiram?

— Dez minutos no máximo.

— Vamos alcançá-los. Félicien dirige mal.

Raoul se dirigiu para os lados de Saint-Germain. Mas de repente virou na direção de Versalhes.

— Dez a doze quilômetros de linha reta. Estamos indo a toda velocidade.

— Mas por que mudar?

— Uma ideia!... Félicien foi criado em Poitou. Como não temos indicações precisas, devemos reduzir o risco de erro e supor que ele está se refugiando em uma região que conhece. A estrada nacional nº 10 deve ser a correta.

— E se você estiver errado?

— Pior para nós.

Atravessaram a toda velocidade a praça de armas de Versalhes e seguiram para Saint-Cyr e Trappes.

— Já deveríamos ver o conversível amarelo. Félicien deve estar indo a toda velocidade.

— Mas você tem certeza?...

— Oh, absoluta. Estamos a cento e dez por hora. Nesse ritmo, com certeza vamos alcançá-lo antes de Rambouillet...

Ele estava feliz com sua vitória imediata. Que vingança contra aquele maldito Félicien, a quem nada poderia salvar da derrota e do ridículo!

— Tem certeza? Tem certeza? — objetou Jérôme. — E se tiver escolhido o caminho errado?

— Impossível... Veja, não são eles, ali... que estão entrando na floresta?

— Sim! Sim! — gritou Jérôme.

E, de repente exaltado, ele proferiu insultos:

— O miserável! Eu sabia que ele a amava... Disse isso vinte vezes para Rolande... Ele sempre a amou... Desde o início, girava em torno dela. Mesmo no tempo da pobre Élisabeth... Foi ela quem percebeu. Ele a ama, estou lhe dizendo, senhor... Ah, o cabotino... Ele esconde, finge se ocupar de Faustine, mas eu podia sentir seu ódio contra mim... seu ciúme feroz. Quando ela lhe anunciou o casamento, ele bem que disfarçou, mas estava tremendo de raiva. Ele a ama... Ele a ama e a está levando embora... Ah, se ele escapar... Veja que ele está escapando e Rolande não pode fugir dele. Ah, o horror!... Mas vá depressa! Não estamos avançando...

No fundo, Raoul experimentava uma satisfação confusa da qual se dava conta e a qual saboreava. Realmente, esse Félicien às vezes parecia ter porte. Em meio à angústia, perseguido pela polícia, o que ele estava fazendo? Conquistando Faustine e sequestrando Rolande! Em vez de se defender ou de se proteger do perigo, permanecia em plena batalha e até mesmo partia para a ofensiva, não importava o que pudesse acontecer. O patife, que ousadia!

Em Rambouillet, a longa e tortuosa rua de paralelepípedos os obrigou a reduzir a velocidade, especialmente porque havia dois caminhos que se ofereciam, um para Chartres, outro para Tours.

— Vamos pegar ao acaso — disse Raoul.

Jérôme estava com medo, tendo perdido todo o controle sobre si próprio.

— O covarde! Eu disse a Rolande para tomar cuidado! Sorrateiro... Hipócrita... Sem falar de tudo o mais... Sim, tudo o mais... Tenho minha opinião sobre todas essas histórias da *Orangerie*... Ah, se eu pudesse pegá-lo!

Ele estendia os punhos para a frente. Raoul pensou que ele era alto, sólido, bem construído, muito atlético e que facilmente esmagaria Félicien, mais magro e de aparência menos sólida. Mas nada teria impedido Raoul de pisar fundo e alcançar o fugitivo em relação ao qual seu ressentimento exigia uma derrota.

E de repente, depois de uma curva, o carro amarelo apareceu, a trezentos ou quatrocentos metros de distância. O carro de Raoul pareceu dobrar de velocidade em um segundo, como um cavalo de corrida na reta final. Nenhum obstáculo, nenhuma distância agora poderia impedir

que o sequestrador fosse capturado.

Não houve nem mesmo uma progressão na reaproximação. O intervalo foi eliminado de forma repentina. E de súbito o carro de Raoul se viu colocado na frente do outro, obrigando-o a reduzir a velocidade sob o risco de bater, e forçando-o parar no espaço de cinquenta metros, na beira da estrada.

À frente e atrás, não havia ninguém.

— Só nós dois! — gritou Jérôme Helmas, saltando do carro.

Félicien também já saía do carro. No meio da estrada, Rolande tinha descido, cambaleando.

Jérôme, o primeiro a entrar em combate, começou a andar pesadamente, como um boxeador se preparando para um ataque.

Félicien não se mexia.

A jovem queria se jogar entre eles. Raoul d'Averny se interpôs e agarrou-a pelos ombros.

— Fique aqui.

Ela quis se libertar.

— Não! Eles vão lutar.

— E depois?

— Eu não quero... Ele vai matá-lo...

— Fique calma... Quero saber...

— É abominável... Deixe-me...

— Não — disse Raoul —, quero saber se ele vai ficar com medo...

Rolande se contorcia em seus braços, mas ele a segurava firmemente e observava Félicien com avidez.

Félicien não estava com medo. Estranhamente se poderia dizer que ele estava sorrindo. Um sorriso provocador, cheio de desprezo e de segurança. Era possível?

A dois metros dele, Jérôme Helmas parou e rosnou duas vezes:

— Suma daqui... Suma daqui... Se não...

O outro encolheu os ombros. Seu sorriso se alargou. Ele nem mesmo se colocou na defensiva.

Mais um passo, e mais outro. Com todo o impulso de seu corpo poderoso, Jérôme adiantou o punho em direção ao rosto que se apresentava.

Félicien fez um movimento de cabeça e deu um passo para o lado para evitar o choque.

Jérôme foi projetado, virou-se e vociferou:

— Não se mexa, Rolande, o caso está encerrado!

E uma sessão de boxe começou, ardente e furiosa. Félicien havia se apoiado nas pernas semiabertas e não recuou um passo. Após um primeiro embate, Jérôme provavelmente sentiu que não obteria uma decisão daquela forma e correu para o adversário, agarrou-o e abraçou-o com toda a força, usando seu peso para o derrubá-lo.

Félicien resistiu por um momento, curvado para trás, os rins quase se rompendo. Então cedeu e se deixou cair, arrastando Jérôme Helmas sobre ele.

A jovem ainda se debatia e gritava. Raoul lhe tapou a boca.

— Cale-se... não há nada a temer... Se algum deles sacar alguma arma, estou aqui. Eu reagirei imediatamente.

— É odioso — ela gaguejou.

— Não... a briga deve ser resolvida... Não tem jeito...

Não demorou muito para que isso acontecesse. Os dois lutadores rolaram no chão e na grama empoeirada. Félicien dava sinais de fraqueza. O desfecho estava próximo. Mas foi o oposto do que se poderia esperar. Félicien se levantou e alisou suas roupas com a palma da mão, enquanto Jérôme gemia e permanecia inerte.

— Ótimo — Raoul zombou —, foi muito bom.

Ele correu para o vencido, inclinou-se e descobriu que não sentia nada além de uma dor no braço.

— Daqui a dois minutos já está de pé — disse ele —, mas aconselho que fique aí... já que estamos diante de um selvagem!

Félicien se afastava lentamente. Seu rosto não expressava emoção nem prazer, e ninguém poderia acreditar que ele acabara de vencer o homem que parecia ser seu odiado rival. Ele passou perto de Rolande sem que ela o repreendesse e sem que ele lhe dirigisse a palavra...

Rolande, libertada dos braços de Raoul, parecia ansiosa e indecisa. Olhou para os dois homens. Olhou para Raoul e observou em volta.

Não muito longe, na estrada, um carro chegava, devagar. Era um táxi vazio voltando para Rambouillet. Ela deu sinal para o motorista, entendeu-se com ele e entrou no carro.

Jérôme, que havia se levantado, fez um sinal, subiu no carro e sentou-se ao lado dela. O táxi partiu.

Félicien nem pareceu registrar o incidente. Enquanto se preparava para ocupar seu lugar em seu carro, Raoul gritou para ele:

— Meus cumprimentos. Um belo golpe de jiu-jítsu... clássico aliás... mas tão bem executado... a torção do braço... Onde diabos aprendeu isso? E que mestria como boxeador! Mais uma vez o parabênz, principalmente pela vantagem de tamanho e de massa que Jérôme tinha.

Félicien fez um gesto de indiferença e abriu a porta. Mas Raoul de imediato o segurou.

— Você sempre me surpreende, Félicien. Que personagem engraçado! Você ama Rolande o suficiente para enlouquecer e sequestrá-la, e então eis que a abandona para seu adversário sem mais se preocupar com ela.

O outro murmurou:

— Eles estão noivos.

— Justamente, luta-se até o fim, quando se tem a vantagem.

Félicien encarou Raoul e disse-lhe, numa voz educada, mas muito clara:

— Eu teria lutado até o fim e poderia ter vencido o jogo, se o senhor não intervisse a favor de Jérôme. O senhor também os considera como noivos, e quanto a mim sou visto apenas como o intruso... que se persegue como a um ladrão. Agora, tudo que resta a fazer é deixar as coisas tomarem seu rumo... Venha o que vier!...

Palavras enigmáticas, como eram todos os atos dos três jovens, como era a atitude de Rolande. Enquanto Félicien ia embora, Raoul refletiu longamente, novos fatos eram ligados àqueles cujo significado secreto ele havia descoberto, confirmando-os ou modificando-os. Outras novas suposições tomavam forma em sua mente. A verdade estava se tornando mais consistente e mais lógica. Nada mais emocionante que esse rasgar das brumas!

Em vez de retornar a Paris, ele continuou seu caminho, virando para noroeste. Sentia-se animado e não podia deixar de rir às vezes e em voz

baixa, de construir alegremente um monólogo:

“Ora! Um esportista? Um atleta completo? Sob essas formas de arquiteto que se preocupa exclusivamente com seu trabalho, há músculos, nervos, vontade, coragem, ousadia? Mas ele é charmoso, esse jovem! Com algumas aulas particulares de jiu-jítsu, boxe e lutas com pontapés, eu faria dele um cavalheiro muito honrado. Diga, meu velho Lupin, como filho ele não seria tão ruim quanto você pensava! Teremos que ver isso, meu velho Lupin.”

Raoul aumentou a velocidade. A vida estava se iluminando. Decididamente, as ações do jovem Félicien ganhavam força.

Nonancourt... Évreux... Lisieux... Por volta das oito horas, Raoul desceu num grande hotel em Caen, mandou tirar do carro uma mala sempre pronta e jantou.

Naquela mesma noite, ele começou sua investigação sobre Georges Dugrival, o antigo amigo da sra. Gaverel, e o suposto pai de Élisabeth Gaverel.

Era domingo, 12 de setembro. No sábado seguinte, Rolande se casaria com Jérôme Helmas.



O estojo azul

Georges Dugrival sempre vivera de forma muito confortável. Sua fortuna, baseada em grandes participações em empresas de mineração e de forjas normandas, lhe permitia interessar-se pela criação de animais e possuir um haras e uma pequena estrebaria de corridas regionais.

Morava sozinho com os criados em uma velha mansão, como as que ainda se pode encontrar na antiga e pitoresca cidade de Caen. A fachada, em que se viam esculturas da Regência e cujas janelas altas marcavam claramente o estilo e a época, dava para uma rua tranquila e pouco movimentada. Raoul passou por ali várias vezes naquela mesma noite. Três dessas janelas mantiveram as luzes acesas até altas horas. Uma delas iluminava o pavilhão dos porteiros, as outras duas, localizadas no primeiro andar, e parcialmente veladas por cortinas, deviam ser de um quarto de dormir.

A primeira ideia de Raoul foi de visitar Georges Dugrival e explicarlhe a situação. Mas, na manhã seguinte, ele soube que Georges Dugrival, que sofria de uma doença hepática incurável, estava no meio de uma crise e que não havia chance alguma de que alguém pudesse ser recebido por ele. O quarto iluminado era exatamente o que ele ocupava. Dois enfermeiros cuidavam dele dia e noite. O porteiro não se deitava, sempre pronto a buscar o médico.

“Conclusão”, resmungou Raoul para si mesmo, “uma visita domiciliar noturna.”

Mas por onde entrar?

A mansão era ampla e a fachada posterior dava para um pátio ajardinado separado de uma rua paralela por um muro muito alto, no

qual havia uma porta enorme. O muro tinha uns cinco metros de altura e a rua era uma das mais movimentadas da cidade. A empreitada, portanto, prometia ser difícil, senão impraticável.

Raoul voltou ao hotel, mas, ao passar do corredor para a sala de jantar, parou imediatamente, perplexo. O espetáculo mais extraordinário o atingiu. Pelas vidraças, pôde ver, sentados no restaurante, almoçando, Félicien Charles e Faustine. Eles estavam conversando animadamente.

Por qual obra tenebrosa estavam lá? Que tarefa vinham realizar como cúmplices unidos entre si pelas circunstâncias e, sem dúvida, também, como ele vira, por suas relações íntimas?

Ele esteve prestes a ir sentar-se à mesa deles e ali pedir seu almoço. Se não o fez foi porque sabia com que tom áspero e com que risada perversa falaria com eles. Além disso, por que eles também tinham vindo rondar Georges Dugrival?

Com pressa, comeu em seu quarto, enquanto habilmente questionava o rapaz do andar.

O casal chegara em um trem noturno e havia solicitado dois quartos. O hotel estava quase cheio, a senhora dormia no segundo andar e o cavalheiro no quarto.

De manhã, só o cavalheiro havia saído. A senhora não deixara o quarto.

Raoul desceu. Eles ainda estavam conversando, inclinados um em direção ao outro, como pessoas que discutem um assunto ou buscam juntas a melhor decisão a tomar.

Antes que terminassem, Raoul postou-se não muito longe do hotel, em um jardim público.

Vinte minutos depois, Félicien saiu. Estava sozinho.

Por entre as grades, Raoul notou sua expressão resoluta. Obviamente, Félicien sabia o que ia fazer e estava pronto para executá-lo ponto por ponto. Conhecia seu objetivo e a maneira mais segura e mais rápida de alcançá-lo. Nenhum minuto seria desperdiçado.

Ele se dirigiu para a parte da cidade onde vivia Georges Dugrival, mas em vez de ir direto para a casa, seguiu o caminho que levava à rua

paralela, aquela que margeava o pátio ajardinado.

“Ora!”, disse Raoul para si mesmo, “ele não vai escalar o muro em plena luz do dia e na frente de todos os transeuntes e lojistas da vizinhança! Que eu saiba, não tem uma escada no bolso. Por outro lado, quebrar uma fechadura é algo que não se faz numa hora dessas, é uma tarefa complicada, que chama a atenção e em geral faz a pessoa ser levada para a delegacia.”

Félicien não parecia de forma alguma ponderar esses problemas, preocupar-se com os obstáculos e escolher entre várias alternativas. Seu andar era vívido, mas sem excessos que chamassem a atenção para ele. Ele seguiu o muro alto e parou na frente da porta, uma chave na mão.

“Parabéns!”, disse Raoul para si mesmo, “eis um indivíduo cheio de precauções! Acreditando que o processo mais simples e banal de abrir uma porta fechada é ter a chave dessa porta, ele tem essa chave. O proprietário simplesmente entra na casa. Quem se importaria com isso?”

De fato, o jovem girou duas vezes a chave na fechadura, girou duas vezes outra chave que acionava o ferrolho interno, entrou e desapareceu.

Raoul teve a ideia de que, se Félicien se contentava — uma suposição provável — em cerrar a porta, não seria impossível reabri-la. Arrombar uma fechadura que não seja duplamente fechada é a infância da arte. Só é preciso um gancho e muita experiência. Ele tinha ambos. Empregou, portanto, o método deliberado que Félicien havia usado, atravessou a rua, inseriu um gancho, manobrou-o... e “um segundo proprietário simplesmente entrou na casa”.

Metade da parte esquerda do pátio era ocupada por um anexo da casa, de um só pavimento, de forma que, pelas janelas da mansão, não era possível ver quem entrava ou saía desse andar térreo.

Raoul entrou ali sem fazer barulho. Primeiro, havia um pequeno vestíbulo que dava, de um lado, para um vestiário onde alguns casacos estavam pendurados, e, de frente, um cômodo isolado que Dugrival tinha reservado para si e que havia mobiliado com uma grande escrivaninha, formado por armários e estantes de livros. Havia tapetes por toda parte.

Em um canto, um armário aberto, onde um cofre estava escondido. De joelhos, na frente desse cofre, Félicien.

Estava tão absorto no trabalho que não ouviu a chegada cautelosa de Raoul, que, aliás, permaneceu na soleira, com apenas a cabeça emergindo da abertura.

Em frente ao cofre, Félicien atuou com a mesma rapidez. Girou os três botões sem hesitar, como se soubesse o número da combinação, e usou uma chave que cumpriu fielmente a tarefa da chave verdadeira daquele cofre.

O pesado batente de aço foi puxado.

Dentro, havia muitos documentos, dos quais ele não olhou nem os títulos. Estava obviamente procurando por outra coisa.

Empurrou os de cima, depois os da prateleira do meio, passando a mão por trás da papelada. Na segunda tentativa, pegou um estojo azul, bem grande, e que devia ser a coisa pela qual ele estava procurando.

Ainda ajoelhado, voltou-se um pouco para a janela a fim de ver melhor, o que permitiu a Raoul não perder um único de seus movimentos.

A tampa foi levantada. O estojo azul continha meia dúzia de diamantes que o jovem examinou lentamente, um a um, e que colocou no bolso, um a um, com os mesmos gestos fleumáticos.

E foi essa fleuma que surpreendeu Raoul. Ele tinha a prova de que o caso fora preparado de tal forma, as informações tão bem recolhidas e as medidas tão bem tomadas que Félicien podia agir com toda a tranquilidade. Ele nem prestava atenção nos ruídos do quintal e da casa. Sabia que àquela hora nenhuma intervenção o perturbaria.

“Faça da criança um ladrão...”, havia prescrito a condessa de Cagliostro. Se Félicien era a criança designada, a ordem fora executada. Félicien roubava. Félicien assaltava. E com que maestria! Nenhum movimento desnecessário. Frieza, método. Reflexão. Arsène Lupin não teria se saído melhor.

Depois de esvaziar o estojo, certificou-se de que não havia fundo falso e também de que a prateleira inferior do cofre continha apenas papéis, e cuidou de fechar.

Raoul, preferindo evitar o encontro, deslizou para o vestiário e se escondeu por trás das roupas penduradas. Além disso, nenhuma apreensão afligira Félicien, que se afastou sem suspeitar nem por um momento que podia ter sido observado.

Ele cruzou o fim do pátio, saiu e, do lado de fora, trancou a fechadura e o ferrolho.

Então, Raoul voltou para o grande cômodo. E a segurança de Félicien tinha sido tão profunda que ele guardou disso, em si mesmo, uma sensação agradável e se sentou confortavelmente em uma poltrona, para meditar à vontade.

“Faça da criança um ladrão.” A vontade da Cagliostro se cumpria. Félicien estava roubando, e roubara diante dos olhos de seu pai. Que assustadora vingança!

“Sim, assustadora”, disse Raoul para si mesmo, “se ele realmente for meu filho. Mas posso admitir que meu filho seja um ladrão? Vamos, caro Lupin, você é franco consigo mesmo, não é? Ninguém o está ouvindo. Você não precisa desempenhar um papel. Pois bem, se, no fundo de sua consciência leal, você tivesse acreditado, por um segundo, que esse vigarista vulgar poderia ser seu filho, você não teria sofrido a pior das mortes? Sim, não é? No entanto, você não sofreu quando viu Félicien assaltar. Então, Félicien não é seu filho. É claro como a água e desafio qualquer um a me provar o contrário. Decididamente, meu velho Félicien, suas ações estão degringolando de novo! Você pode roubar se gostar, eu não me importo.”

E acrescentou em voz alta:

— Agora, a pergunta pode ser feita de outra forma...

Mas Raoul não se fez essa outra pergunta. Ele tinha coisas melhores para fazer que raciocinar. Precisava examinar as gavetas daquela escrivaninha.

Forçou adequadamente as fechaduras e pensou com ironia que, ao remexer nas gavetas, não sentia aquela aversão vingativa pelo ofício de ladrão que o abalava quando o roubo era executado por outra pessoa.

O principal ali era ser bem-sucedido. Ele estava sendo bem-sucedido.

Uma descoberta, de considerável importância, o recompensou.

Numa mesma caixa, colocada no fundo de uma gaveta secreta, encontrou duas dúzias de cartas, em caligrafia feminina, não assinadas, mas com certos detalhes que marcavam a procedência. Tinham sido escritas pela mãe de Élisabeth e de Rolande e provavam que, apesar das aparências, a sra. Gaverel ainda era leal ao marido quando do rompimento entre os dois homens.

Só mais tarde é que se teve o direito de supor, com algumas alusões veladas e uma ênfase mais terna da correspondência, que ela se rendera ao amor de Georges Dugrival. Consequentemente, se uma das duas irmãs era filha de Georges Dugrival, só poderia ser Rolande. Mas isso ninguém sabia, e ninguém tinha o direito de afirmar, e, sem dúvida, Rolande ignorava o segredo de seu nascimento, e devia ignorá-lo para sempre. Era mesmo uma das preocupações da mãe, e uma das frases mais precisas dizia:

“Que ela nunca saiba de nada, eu lhe suplico...”

Raoul meditou longamente sobre sua descoberta, sobretudo pelo fato de que lhe era impossível sair por onde havia entrado e ele precisava esperar até o anoitecer.

Por volta das sete horas, ele subiu os quatro degraus que levavam ao pavimento térreo da casa. Um grande salão surgiu primeiro diante dele, quase às escuras sob as cortinas cruzadas, as capas sobre os móveis e o piano. Depois, havia um vestíbulo, onde começava uma ampla escadaria, e da qual, através de óculo, se avistava o alojamento dos porteiros.

Por volta das oito horas, houve uma agitação na casa. Dois cavalheiros desceram. Foram buscar o médico que, assim que chegou, subiu a escadaria após ter trocado algumas palavras com os dois cavalheiros.

Estes últimos, bastante malvestidos, conversaram em voz baixa com o porteiro, depois, aguardando, sentaram-se nas cadeiras do vestíbulo, muito perto da porta entreaberta do salão, onde, novamente, cochicharam entre si. Raoul ouviu algumas palavras. Eram primos de Georges Dugrival. Tratou-se da questão da saúde do paciente e do desenlace que dificilmente poderia ser adiado para mais de uma ou duas semanas. Eles também aludiram aos selos que deveriam ser colocados no gabinete de trabalho do pátio, tendo em vista a “caixa de joias trancada no cofre, e onde havia diamantes de grande valor”.

O médico desceu as escadas. Enquanto, para acompanhá-lo, os dois primos pegavam seus chapéus em um cômodo contíguo, Raoul saiu do salão como um familiar da casa, estendeu a mão para o médico a quem o porteiro, de seu pavilhão, havia aberto a porta, e foi embora tranquilamente.

Às dez horas da noite, ele deixava a cidade de Caen. Surpreendido no caminho por uma violenta tempestade, acompanhada de rajadas de água, dormiu em Lisieux, e só quando a manhã já estava bem adiantada foi que cruzou a ponte do Pecq, no sopé da colina de Saint-Germain.

Seu motorista estava lá, de sentinela.

— Então, o que há? De novo? — disse Raoul.

O homem sentou-se rapidamente perto dele:

— Sim, patrão, fiquei com medo que voltasse por outro caminho!...

— Fale.

— O inspetor Goussot revistou a casa esta manhã.

— Minha casa? A *Clair-Logis*? Em que isso me afeta?

— Não, não a sua casa, o pavilhão...

— A casa de Félicien? Ele estava lá?

— Sim, voltou a noite passada. Revistaram em presença dele.

— O que descobriram?

— Não sei.

— Eles o levaram?

— Não. Mas a propriedade está cercada. Félicien está proibido de sair. Os próprios funcionários devem solicitar autorização dos agentes. Previ a situação e saí antes.

— Estou envolvido nisso?

— Sim.

— Um mandado?

— Não sei... Em todo caso, Goussot tem um papel da prefeitura que diz respeito ao senhor. E aguardam seu retorno.

— Diabos! Fez muito bem em vir me encontrar aqui. Não vale a pena me jogar na ratoeira.

Entre os dentes, ele disse:

— O que será que querem? Prender-me? Não, não... eles não ousariam. Mesmo assim... mesmo assim, pode muito bem ser que revistem a casa... E depois?

Após um instante, ele determinou:

— Volte para casa. Quanto a mim, não saio de nossa casa de Ranelagh, exceto amanhã de manhã. À tarde, ligo para você.

— Mas Goussot? Seus homens?...

— Se eles não tiverem ido embora até então, é porque está tudo perdido. Vamos, vá. Ah, uma última observação... Faustine?...

— Falaram dela... Eles devem ir à clínica... muito em breve, acho.

— Oh, isso está ficando sério... Vá...

O motorista foi embora. Raoul, para evitar a estrada nacional e o Vésinet, contornou a península por Croissy-sur-Seine e foi até Chatou.

Do correio, ligou para a clínica:

— A srta. Faustine, por favor?

— Quem gostaria de falar?

Ele teve que dar seu nome.

— O sr. d'Averny.

A jovem foi chamada.

— É você, Faustine? Sou eu, d'Averny... Veja... Você está correndo risco... Acredite em mim... Precisa se colocar a salvo. Pague pelo seu hotel, encontre-me fora de Chatou, na estrada para Croissy. Não se apresse. Você tem tempo.

Ela não respondeu. Mas cerca de trinta minutos depois surgia, com a mala na mão.

Sem dizer uma palavra, enveredaram por Bougival e Malmaison. Em Neuilly, ele perguntou:

— Onde devo deixá-la?

— Na Porte Maillot.

— Como um endereço, é vago — ele zombou. — Você continua desconfiando de mim?

— Sim.

— Tolice! Todos os nossos problemas vêm de sua desconfiança, todos. Para que serve isso? Acha que isso me impediu de almoçar ontem, à mesma hora que você, em Caen, no hotel onde estava hospedada, e de presenciar o roubo de Félicien na mansão de Dugrival? E acha que isso

me impedirá de ter sucesso com você, Faustine, e de obter de você o que nunca deixei de querer? Adeus, querida.

Raoul refugiou-se num dos seus retiros de Paris, em Ranelagh, e, depois de almoçar, dormiu ali durante todo o dia e a noite.

No dia seguinte, ele foi à Prefeitura e mandou entregar seu cartão para o sr. Rousselain, juiz de instrução.

Era quarta-feira, 15 de setembro.

Rolande e Jérôme deveriam se casar no sábado seguinte.



Casamento?

Embora alguns minutos já se houvessem passado desde que fora introduzido no gabinete do juiz de instrução, Raoul ainda percebia os sinais de espanto provocados por sua visita ao sr. Rousselain. Acaso, por si mesmo, o sr. d'Averny se oferecia aos perigos que o ameaçavam? O juiz entrou.

Raoul estendeu-lhe a mão. Surpreso, o sr. Rousselain apertou-a.

— É o que se chama forçar a mão — disse Raoul, com um sorriso.

E, como o outro também sorrisse, brincou:

— De resto, essa é em parte a nota dominante de nossa aventura. Querem de novo forçar sua mão contra Félicien Charles. E hoje querem forçá-la também contra mim.

— Contra o senhor? — espantou-se o sr. Rousselain.

— Sem dúvida! Ouvi dizer que mestre Goussot tinha no bolso um mandado com meu nome.

— Uma convocação, se tanto.

— Já é muito, senhor juiz de instrução. Em se tratando de mim, foi suficiente que me telefonasse: “Caro senhor, preciso de suas luzes”. Eu vim correndo. E cá estou. Em que posso servi-lo?

O sr. Rousselain, recompondo-se, achou graça naquele diabo de homem que, com algumas palavras, restabelecia sua situação de colaborador. Resultado: dispensou seu escrivão pedindo-lhe que passasse na polícia judiciária e ali solicitasse o envio imediato da pessoa que ele acabara de chamar. Em seguida, replicou com ar jovial:

— Em que pode me servir? Ora, dizendo-me o que sabe.

— Uma parte vou lhe dizer hoje, a outra no sábado ou no domingo. Até lá, que me deixem trabalhar à vontade.

— Já faz dois meses que trabalha à vontade, senhor d'Averny, manipulando os acontecimentos, fazendo prender Félicien e substituindo-o depois por Thomas Le Bouc... Isso não lhe basta?

— Não. Dê-me mais três dias.

— Veremos isso. Mas falemos primeiro de Félicien Charles. Ontem de manhã, o inspetor Goussot, que encarreguei de convocá-lo, não o encontrando no *Clair-Logis*, pensou que poderia aproveitar sua ausência para fazer outra vistoria na casa de Félicien Charles. Descobriu, em um esconderijo muito bem disfarçado, dois objetos: uma faca e a lâmina de uma serra. Ora, sabemos que essa faca...

— Permita-me interrompê-lo, senhor juiz — disse Raoul —, mas não vim para defender Félicien Charles.

— Veio para defender quem, então?

— A mim. Sim, a mim, a quem o senhor parece fazer certas censuras. E são essas censuras, que no fundo formam uma verdadeira acusação, que eu gostaria de conhecer. Estou enganado?

O sr. Rousselain se divertia.

— Sempre fantasiando, senhor d'Averny! Não sou eu quem dirige a conversa, é o senhor. O senhor... Resumindo, o que quer saber?

— Quero saber do que me acusa.

— Pois seja — disse o sr. Rousselain com firmeza. — Aqui está: todas as peripécias dessa aventura, todos os desdobramentos da instrução que conduzo, todas as declarações e todas as reticências de Thomas Le Bouc me dão a impressão... não, a convicção de que, embora eu não saiba até onde, o senhor está diretamente envolvido no caso. E atrevo-me a perguntar-lhe a mesma coisa: estou enganado?

— Respondo-lhe com a mesma franqueza: não, o senhor não está enganado. Mas é para o senhor que trabalho.

— Contrariando-me?

— Exemplo?

— Foi o senhor quem mandou prender Thomas Le Bouc e lhe ditou suas respostas, não?

— Confesso que sim.

— Por quê?

— Queria livrar Félicien.

— Por qual motivo?

— Para descobrir seu papel no caso, o que a justiça era incapaz de fazer.

— Conhece esse papel?

— Vou conhecê-lo sábado ou domingo, se o senhor me der liberdade de ação.

— Não posso prometer isso enquanto continuar se opondo às minhas decisões.

— Tem outro exemplo a me dar?

— Aconteceu ontem.

— E qual é?

— Tínhamos boas razões para acreditar que a srta. Faustine, instalada pelo *senhor* como enfermeira na clínica e que cuidou de Simon Lorient, era amante desse sujeito. Estou certo?

— Está.

— Ora, à tarde, Goussot foi à clínica para interrogá-la. Sumira! Ao meio-dia, ela havia recebido um telefonema do sr. d'Averny. Goussot correu à pensão onde a moça morava. Sumira! Ao meio-dia e meia, ela entrara num automóvel. O seu, não?

— O meu.

Nesse instante, alguém bateu à porta do gabinete do sr. Rousselain, que pediu:

— Entre.

Entrou um rapaz vigoroso, hercúleo.

— Chamou-me, senhor juiz de instrução?

— Sim, para uma informação. Mas vou apresentá-los: Mauléon, comissário da polícia judiciária. Conhece o comissário Mauléon, senhor d'Averny?

— Sim, de nome. O comissário Mauléon foi inimigo implacável do famoso Arsène Lupin no caso das apólices do governo⁶.

— E você, Mauléon — continuou Rousselain —, por acaso conhece o senhor d'Averny?

Mauléon permanecia calado, sem ação, com os olhos fixos em Raoul. Por fim, endireitou-se e balbuciou:

— Mas sim... mas sim... com os diabos, é...

O juiz de instrução deteve-o, tomou-o pelo braço e levou-o para um lado. Conversaram durante um ou dois minutos, conversa animada, e em seguida o sr. Rousselain abriu-lhe a porta, dizendo:

— Fique aí no corredor, Mauléon. E chame alguém para lhe fazer companhia. Em todo o caso, silêncio! Bico calado, hein?

Voltou e se pôs a andar pelo gabinete, aflito, o ventre balançando sobre as pernas curtas e o rosto bondoso todo crispado.

Raoul o observava, ruminando: “Aí está, fui identificado. No fundo, apesar de sua discrição, ele bem que gostaria de mandar Lupin para o xadrez... Que glória! Mas ousará assumir essa responsabilidade? Tem tudo nas mãos. Se resolver agir e pôr sua assinatura em um mandado, ninguém no mundo poderá impedi-lo... Ninguém!”

O sr. Rousselain sentou-se de repente, golpeou a mesa com seu abridor de cartas e perguntou com voz rouca, na qual fremia uma grande emoção:

— E em troca, o que me dá?

— Em troca de quê?

— Nada de conversa fiada, por favor. Sabe muito bem do que estou falando.

Raoul sabia, com efeito, o que era aquela troca, aquela transação. Por isso, quando o sr. Rousselain repetiu a pergunta, respondeu sem papas na língua:

— O que dou? O nome da pessoa ou das pessoas que serraram as duas vigas de sustentação dos degraus, provocando assim a morte de Élisabeth Gaverel. E também o nome de quem feriu, isto é, matou Simon Lorient.

— Aqui estão pena e papel. Escreva os nomes.

— Daqui a três dias.

— Por que essa demora?

— Porque vai acontecer algo que me permitirá ter certeza.

— Hesita então entre dois culpados?

— Sim.

— Quais? Não permito que fique calado. Quais?

— O culpado é Félicien Charles ou...

— Ou?

— Ou o casal Jérôme e Rolande.

— Oh! — suspirou o sr. Rousselain, ofegante. — Que está dizendo? E que acontecimento é esse?

— O casamento que deverá ocorrer no sábado de manhã.

— Mas esse casamento não tem relação nenhuma...

— Tem, sim. Acho-o impossível, caso Félicien seja o culpado.

— Por quê?

— Porque ele ama loucamente Rolande. Não aceitará jamais que uma mulher por quem foi duas vezes criminoso, *e a quem já sequestrou*, pertença a outro... A outro que ele chegou a espancar... Lembra-se da noite do drama? E, depois, não é só o amor...

— Que mais?

— O dinheiro. Rolande deve herdar, em futuro próximo, uma grande fortuna de um primo... Na verdade, de seu pai. E Félicien sabe disso.

— E se ele aceitar o casamento?

— Nesse caso, estarei enganado sobre ele. E os culpados serão os que se beneficiam dos assassinatos. Rolande e Jérôme.

— E Faustine? Qual é seu papel?

— Não sei — confessou Raoul. — Mas sei uma coisa: Faustine só quer vingar seu amante, Simon Lorient. Ora, se ela vive rondando o trio Félicien, Rolande e Jérôme, é porque sua intuição feminina a conduziu até eles. Félicien, Rolande, Jérôme... não precisamos ir mais longe. Oh, não digo que tudo isso já esteja totalmente esclarecido! Não, ainda há coisas inexplicáveis e que só serão explicadas com a marcha dos acontecimentos. Mas, de qualquer modo, só eu poderei deslindar esse caso. Se a justiça se meter, tudo estará perdido.

— Perdido por quê? A pista que nos indicou...

— Ela não pode conduzi-los a nenhuma certeza. A verdade se encontra aqui, em meu cérebro, onde se reuniram todos os elementos do problema. Sem mim, continuarão desorientados, como estão há dois meses.

O sr. Rousselain hesitava. Raoul se aproximou dele e, num tom de voz amistoso:

— Não esquite demais a cabeça, senhor juiz de instrução — disse.

— Antes de tomar certas decisões, precisamos conhecer suas consequências.

O sr. Rousselain exaltou-se:

— Um juiz de instrução é senhor absoluto de suas decisões, senhor.

— Sim, mas antes de tomá-las precisa avisar que serão tomadas.

— Avisar a quem?

Raoul não respondeu. O sr. Rousselain estava muito agitado e retomara sua pequena caminhada saltitante. Sem dúvida, não ousava enveredar sozinho pelo caminho que sua consciência lhe apontava.

Mas por fim foi até a porta e abriu-a. Raoul entreviu o comissário Mauléon conversando com meia dúzia de colegas.

O sr. Rousselain ficou aliviado. A vigilância funcionava... Saiu.

Raoul d'Averny ficou sozinho.

Por um instante, Raoul entreabriu a porta. Mauléon precipitou-se vivamente em sua direção. Raoul lhe fez, com a mão, um leve sinal afável e fechou de novo a porta no nariz do comissário.

Decorreram dez minutos. Não mais. A opinião dos superiores, ou antes, do superior colocado bem alto na hierarquia que o sr. Rousselain acabava de consultar devia ter sido peremptória, pois ele entrou no gabinete com um ar carrancudo, que não lhe era habitual. Começou:

— Conclusão...

— Conclusão: não há nada a fazer até sábado — observou Raoul, sorrindo.

— No entanto, Félicien Charles é mais que suspeito...

— Eu me encarrego dele. Se tentar agir, entrego-o ao senhor de mãos e pés atados. Se o senhor não receber de mim um telefonema antes das onze horas da manhã de sábado, é que o casamento aconteceu. Nesse caso...

— Nesse caso?...

— Dê uma passadinha, no dia seguinte, por volta das nove horas e meia, pelo *Clair-Logis*. Será domingo, dia de folga. Conversaremos. E se quiser almoçar...

O sr. Rousselain deu de ombros e resmungou:

— Levarei Goussot e seus homens.

— Como quiser. Mas será inútil — ponderou Raoul, com um sorriso.

— Só entrego a mercadoria bem embrulhada e bem amarrada. Ah, ia me esquecendo! Tenha a bondade de escrever algumas linhas para Goussot, determinando que ele suspenda momentaneamente sua diligência no Vésinet. É necessário que tudo esteja bem calmo por lá neste fim de

semana.

Vencido, o senhor Rousselain pegou uma folha de papel.

— Não se dê esse trabalho — disse Raoul. — Eu mesmo escreverei o bilhete. O senhor só terá de assinar... Sim, esse papel aí.

O mau humor do sr. Rousselain se evaporou. Riu com gosto. Mas, em vez de assinar, preferiu dar um telefonema para Goussot. Em seguida, acompanhou até o fim do corredor Raoul d'Averny, que passou por Mauléon e o grupo de policiais com um leve meneio de corpo e algumas amáveis inclinações de cabeça.

Na quinta e na sexta-feira, Raoul e Félicien não saíram do recinto fechado pelo muro, encimado por uma grade, da *Clair-Logis*. Seria de pensar que nada do que acontecia lá fora os interessava e que a vida alheia podia decorrer sem sua interferência ou mesmo conhecimento.

Viram-se com frequência, mas apenas em virtude das necessidades da instalação e da decoração. Não disseram palavra sobre os acontecimentos da véspera e do dia seguinte. Buscas, acusações novas, ameaças da polícia, liberdade súbita de movimentos, casamento de Rolande e Jérôme... nada disso importava mais.

Com efeito, Raoul nem pensava em tais coisas. Os fatos, em sua brutalidade ou mistério, haviam perdido a seu ver todo significado. Em sua mente, o problema se colocava apenas do ponto de vista psicológico e, se ele procurava resolvê-lo por completo, era porque o caráter dos três atores do drama ainda lhe era em parte desconhecido.

Há dois meses, vinha acompanhando quase todos os passos de Félicien e não conseguia adivinhar seus atos furtivos, pois ignorava seus pensamentos e instintos profundos. E que sabia da alma verdadeira de Rolande e Jérôme, esses personagens distantes, perdidos na bruma como outros tantos fantasmas?

Raoul havia falado ao sr. Rousselain com aquela certeza que afetava sempre em momentos de indecisão; e o sr. Rousselain arcara com o peso dessa certeza como todos aqueles que ele curvava à sua autoridade. Mas, no fundo, não podia de forma alguma afirmar senão uma coisa, e graças a uma argumentação lógica mesclada de muita intuição: que o

casamento de Jérôme e Rolande era, por si mesmo, um desfecho ao qual Félicien, Jérôme e Rolande dariam sua nota explicativa.

Ora, até o último minuto, Félicien parecia indiferente a tudo. Certo, sua tentativa de sequestro lhe fechava as portas da *Clématites* e não lhe permitia ir nem à prefeitura nem à igreja; mas, no sábado de manhã, os músculos de seu rosto permaneciam descontraídos quando chegou a hora da assinatura na prefeitura e nenhuma emoção o abalou quando dobraram os sinos da igreja. No entanto, estava tudo terminado. Rolande lhe fugia. Tomava o nome de outro. Uma aliança de casamento ornava seu dedo.

Seria dissimulação de Félicien? Controle absoluto dos nervos? Repressão total do amor? Raoul, que o observava atentamente, não viu nenhum sinal de transtorno. O jovem continuava entregue às suas ocupações e trabalhava em seus planos de decoração como se nada de grave houvesse perturbado a tranquilidade de sua existência.

A tarde toda foi assim, na paz de um belo dia de setembro em que algumas folhas mortas se desprendiam e tombavam em silêncio.

E durante todo o dia e toda a noite Raoul continuava com seu monólogo interior.

“De modo que você não sofre? Não pensa no que está para acontecer? Como! A mulher que ama vai ser de outro e você aceita isso? Mas então por que a sequestrou?”

Escureceu. Noite fechada — uma noite negra, quente, prenhe de mistério —, Raoul saiu furtivamente da *Clair-Logis* pela porta da garagem, deu a volta na propriedade e postou-se perto da cancela, no escuro. Ideias tumultuosas invadiam seu cérebro. Imaginava Félicien em Caen, na casa de Georges Dugrival, ajoelhado na frente do cofre e embolsando as joias do escrínio azul. Evocava o duelo do rapaz com Jérôme Helmas diante dos olhos de Rolande, que balbuciava: “Ele vai matá-lo”. E lembrava também a conduta enigmática de Faustine. Que fora feito da moça? Sim, faltava ao drama em curso um de seus quatro personagens. Faustine seria mulher capaz de renunciar ao papel que desempenhava nas trevas?

Em algum lugar, um relógio soou dez horas. Raoul sabia, pelos criados, que o tio de Rolande, Philippe Gaverel, voltara do sul para o casamento, junto com seu filho e sua nora. E Félicien também devia

saber disso. O jantar de família já havia terminado. Não havia mais ninguém na *Clématites*, exceto os dois esposos. Estaria Félicien resignado? Não iria intervir, atacar o inimigo, eliminar o dono de Rolande?

Mais quinze minutos... Mais meia hora...

Raoul, escondido atrás de uma árvore, ouviu ranger o cascalho da alameda. Passos lentos se aproximavam, com precaução. A cancela foi empurrada suavemente e depois fechada.

Alguém se adiantou. Era sem dúvida a silhueta de Félicien Charles.

Mal passara pela árvore, Raoul se esgueirou sem ser visto, saltou sobre ele, agarrou-o pela cintura e derrubou-o.

A luta não durou muito. Pego de surpresa, Félicien não pôde resistir. Um capuz foi enfiado em sua cabeça e cordas o ataram solidamente.

Raoul tomou-o nos braços, levou-o para o *Clair-Logis*, amarrou-o com outras cordas a uma coluna do vestibulo, envolveu-o numa cortina que o imobilizou mais ainda e deixou-o lá, inerte, incapaz de fazer um único movimento.

E Raoul se foi, agora livre para agir...

“Quatro menos um!”, murmurou para si mesmo.

⁶ Ver *Arsène Lupin e Victor, da Brigada Anticrime*, capítulo “As apólices do governo”. (N.T.)



O ódio

Quando Raoul calculava que, mais dia, menos dia, poderia ter de fazer uma visita noturna a alguma casa, preparava a expedição com bastante antecedência. Por isso, tinha uma chave da horta que ladeava, à direita, o jardim da *Orangerie*. E por isso havia constatado a localização de ganchos que sustentavam a latada presa à fachada lateral da *villa Clématites*.

Entrou, pois, na horta, passou pelo lago fronteiro à *Orangerie*, notando que todas as suas luzes estavam apagadas, e chegou à *Clématites*. A sala de jantar e o aposento de cima estavam às escuras. O estúdio, todo iluminado — mas não havia ninguém lá. Rolande e o marido deviam ter subido para os cômodos superiores, de luzes acesas: o toucador da jovem, seu quarto e, após o vão da escada, uma grande peça preparada — Raoul o sabia — como câmara nupcial em seguida aos antigos aposentos de Élisabeth.

Tateou, encontrou os ganchos de ferro da treliça da fachada lateral e subiu, sem grande dificuldade, até a peça do canto, isto é, o banheiro. Pela cornija, alcançou a sacada que corria diante do banheiro e do toucador. As persianas deste último estavam baixadas, mas não fechadas, assim como a janela. Avistou Rolande sentada numa poltrona, de costas para ele. A jovem tirara seu vestido de noiva, colocara uma camisola e cobrira os ombros com um xale de musselina.

Jérôme, todo elegante em seu roupão, ia e vinha. Não falavam.

“Aí está”, pensou Raoul. “A cortina subiu.”

Raramente, no curso de sua vida movimentada, ele havia esperado com tanta paixão, quase dolorosa, as primeiras cenas, e mesmo as

primeiras palavras que lhe indicariam logo de início a atmosfera na qual evoluíam os dois esposos, seu estado de espírito, suas relações afetuosas, o próprio segredo de sua existência. O que não conseguira constatar com exatidão, estava prestes a descobrir.

Após um longo instante, Jérôme parou diante de Rolande e perguntou:

— Como se sente?

— Melhor.

— E então, Rolande?...

— Que quer dizer?

— Por que não foi para lá... para o *nosso* quarto?

— Um pouco de paciência — murmurou ela. — Preciso me recompor.

Pausa. Depois de se sentar, com os cotovelos apoiados no joelho e os olhos fixos nela, ele disse:

— Que estranho! Agora estamos casados e ainda não entendo bem...

— Não entende bem o quê?

— Nosso casamento... Tudo isso foi tão extraordinário! Passei da amizade ao amor sem perceber... E, quando fui falar com você, estava tão certo de sua recusa que tremia... Agora, amo-a de tal maneira que me parece não tê-la amado tanto assim quando lhe ofereci meu amor.

E acrescentou em voz baixa:

— Não estou fazendo uma declaração. Digo-lhe tudo isso porque sou obrigado e com uma angústia que não sei explicar.

Esperou uma resposta que não veio e ia continuar quando se virou e ficou atento.

— Acho que ouvi... em seu quarto...

— O quê?

— Um barulho...

— Impossível. Os criados dormem na outra ala, em cima.

— No entanto... escute.

Levantou-se, mas ela o precedeu, olhou para dentro do quarto, fechou a porta e tirou a chave, dizendo:

— Ninguém. Quem poderia ser, aliás?

Ele refletiu por um instante e disse:

— Você nunca me deixou entrar em seu quarto...

— Não. É meu quarto de moça.

— E que tem isso?

Ela havia se sentado, com ar de cansaço. Ele se ajoelhou a seu lado e ficou olhando-a por longo tempo; depois, docemente, com um gesto suave, tomou-lhe a mão e foi inclinando a cabeça na direção de seu braço nu. Mas quando ia tocá-lo com os lábios, a jovem se levantou de um salto.

— Não, não... Proíbo-o...

Ficaram frente a frente, olhos nos olhos, Jérôme tentando ver no fundo daquela alma que se esquivava. Mas se conteve e, com a mesma voz doce e terna:

— Não fique nervosa, querida Rolande. Você está insegura desde a manhã, desde o incidente que não preciso mencionar. No entanto, tudo isso fora combinado entre nós e eu lhe havia comunicado o desejo, a vontade de minha mãe... Lembra-se? Minha mãe não era rica, só me deixou sua aliança de casamento, que nunca quis vender. Sempre me dizia: “Quando você se casar, trate sua mulher como seu pai me tratou. Dê-lhe esta aliança ao sair da igreja, não antes, e coloque-a no dedo dela, por cima do anel...” Portanto, você sabia... estávamos combinados. Contudo... contudo, você caiu desmaiada quando eu lhe dei a aliança...

Ela murmurou:

— Simples coincidência... a emoção... o cansaço...

— Mas... você a aceita de bom grado?

A jovem mostrou a mão. Um dos dedos exibia o anel nupcial e um belo diamante preso em um engaste de ouro.

— O anel e a aliança... — disse ele, sorrindo. — O anel que escolhi, a aliança que minha mãe escolheu e que eu lhe dei... Então, Rolande, essa mão me pertence... Você a pôs na minha quando a pedi...

— Não — disse ela.

— Como não? Não pôs a mão na minha?

— Não. Você me perguntou apenas: “Posso esperar que, um dia, a senhorita resolva se casar comigo?”

— E você respondeu: “Sim”.

— De fato. Mas não pus minha mão na sua.

Continuavam de pé, um diante do outro. Jérôme balbuciou:

— Que significa isso? Você já me parecia um tanto estranha... Esta noite... esta noite está ainda mais distante de mim. Será possível?

Começava a irritar-se.

— Vejamos... Convém esclarecer tudo... Sua mão, Rolande, que traz o anel e a aliança, ponha-a na minha... Tenho o direito de pegá-la. Tenho o direito de beijá-la.

— Não tem, não.

— Como?! Mas isso é inconcebível!

— Por acaso já a beijou alguma vez? Por acaso já lhe permiti que o fizesse? Que beijasse meus lábios, minhas faces, minha fronte ou meus cabelos?

— Decerto que não. Decerto que não... — replicou ele. — Mas me explicou por quê. Por causa de Élisabeth... Em lembrança dela, sempre tão viva entre nós, você não queria, por uma espécie de pudor... Não aceitava minhas carícias e eu entendia... Na verdade, até mesmo aprovava. Mas agora...

— Alguma coisa mudou?

— Ora, Rolande, você é minha esposa...

— E daí?

Ele ficou estupefato e, com voz alterada:

— Então você gostaria... O que está pensando?

A jovem respondeu em tom grave:

— Acha mesmo que eu poderia consentir, nesta casa, onde ela viveu... onde você a amou?

— Vamos sair, vamos aonde você quiser! — disse ele, mais animado.

— E pela última vez: você é e será minha esposa.

— Não.

— Como assim, não?

— Não do jeito que você quer.

Num arroubo, ele a enlaçou com os dois braços e tentou beijá-la. A jovem o repeliu com uma energia imprevista, gritando:

— Não, não! Nem uma carícia, nada!

Ele ainda quis forçá-la, mas, diante de tanta resistência, acabou cedendo, desconcertado. Vendo que tinha diante de si uma criatura indomável, disse, tremendo:

— Há outra coisa, não? Se não houvesse, você não agiria assim. Há outra coisa.

— Muitas outras coisas... E uma, sobretudo, que o fará entender melhor a situação.

— Qual?

— Amo outro homem. Que só não é meu amante porque me respeitou.

Fez essa confissão sem baixar o olhar, com esse tom arrogante que é um desafio e agrava a injúria.

Ele sorriu, de rosto contraído.

— Por que mente? Poderia eu admitir que você, Rolande...

— Repito, Jérôme: amo outro homem e amo-o mais que tudo no mundo.

— Cale-se, cale-se! — rugiu ele, fora de si e de punhos erguidos contra ela. — Cale-se... Sei muito bem que isso é mentira e você só quer me irritar, por razões que desconheço... Mas, mesmo assim, vai me fazer perder a cabeça, Rolande!

Batia com os pés no chão e gesticulava como um louco. Depois, virando-se para ela:

— Eu a conheço, Rolande. Se fosse verdade, você não estaria com essa aliança no dedo.

Ela tirou a aliança e jogou-a longe.

Jérôme se inflamou.

— Mas isso é monstruoso! Que está fazendo? Vai jogar fora também seu anel de casamento? O anel que aceitou? Que pus em seu dedo?

— Que outro pôs. Este não é o seu.

— Mentira! Nossos nomes estão gravados aí: Rolande e Jérôme.

— Não estão — replicou ela. — É outro anel, com o nome de outro homem.

— Mentira!

— Com os nomes Rolande e Félicien.

Jérôme se precipitou sobre ela, agarrou-lhe a mão, tirou-lhe brutalmente o anel de ouro e examinou-o com olhos esgazeados.

— “Rolande”... “Félicien”... — gaguejou ele, de um fôlego.

Lutava contra uma realidade intolerável, inacreditável, que o constringia de todos os lados sem que ele pudesse se soltar.

Disse baixinho:

— Loucura... Por que se casou comigo? Mas se casou e nada pode mudar isso... Você é minha esposa. Tenho direitos sobre você. Esta é a nossa noite de núpcias... E estou em minha casa... Em minha casa, com minha mulher...

Ela replicou, com uma firmeza tranquila e obstinada:

— Você não está em sua casa. Esta não é a nossa noite de núpcias. Você não passa de um estranho, de um inimigo. E quando certas palavras forem pronunciadas, irá embora.

— Eu, ir embora! — gritou Jérôme. — Enlouqueceu?

— Irá para ceder o lugar ao *outro*, ao dono, que está na casa dele.

— Pois que esse homem venha! Que ouse vir!

— Já veio, Jérôme. Veio me encontrar na própria noite em que Élisabeth morreu. Chorei em seus braços. E estava tão infeliz que lhe confessei meu amor. Ele voltou mais duas vezes... Está aqui, Jérôme, em meu quarto, que será o dele. Você o ouviu há pouco. Está aqui e não irá embora. Esta noite de núpcias é a de Félicien.

Jérôme correu para a porta, tentando abri-la ou derrubá-la a socos.

— Não se dê tanto trabalho — disse Rolande com uma calma assustadora. — Tenho a chave e vou abrir. Mas antes recue, recue dez passos...

Jérôme não obedeceu. Hesitava. Seguiu-se um longo silêncio. De seu posto na sacada, escondido atrás das persianas semicerradas, Raoul d'Averny, aturdido com essa cena trágica, de lances tão dramáticos, com a violência implacável e a frieza da jovem, perguntou-se:

“Como pôde ela dizer que Félicien está neste quarto? Não pode estar, pois o deixei empacotado na *Clair-Logis* há menos de quinze minutos...”

Mas todo raciocínio se torna falso nesses tipos de crise. Tudo se encadeia fora da lógica e Raoul assistia, palpitante, aos tormentos de Jérôme: o rapaz iria imobilizar Rolande, tomar-lhe a chave e atacar selvagememente Félicien?

Mas a jovem apontou para ele um pequeno revólver e repetiu:

— Recue! Recue dez passos...

Ele obedeceu. Rolande se adiantou e, mantendo-o sempre na mira de sua arma, escancarou a porta.

Félicien apareceu. Félicien, que Raoul deixara “empacotado” no *Clair-Logis*...

Ele saiu do quarto e disse, sorrindo:

— Sua arma é inútil, Rolande. Quem está assim de roupão não tem como lutar. E ele nem pensa nisso.

Félicien exibia um ar mais sereno que de costume. Raoul achou-o descontraído, com olhos brilhantes e uma atitude, como a de Rolande, tranqüila e grave.

“Mas como ele pode estar aqui?”, não cessava de se perguntar Raoul. “Como conseguiu se livrar?”

Félicien se abaixou para pegar a aliança no tapete e colocou-a sobre o lavatório, pronunciando esta frase enigmática:

— *Não a tire, Rolande, bem sabe que é seu direito usá-la.*

Em seguida, a Jérôme:

— Rolande quis este encontro. Consenti porque ela está certa e é necessária uma explicação entre nós três.

— Entre nós quatro — corrigiu ela. — Élisabeth está conosco. Desde sua morte, Élisabeth nunca mais me deixou. Nunca fiz nada sem lhe pedir conselho. Já começa a perceber o que eu queria, Jérôme?

Ele estava pálido, o rosto duro e crispado.

— Se queria me afligir, conseguiu, Rolande. Este casamento, em que eu pensava encontrar a felicidade, era apenas uma armadilha cruel.

— Sim, uma armadilha. Desde o primeiro instante em que pressenti a verdade, urdi uma que equivalesse à que você preparou... e que foi tão mortal. Está entendendo, não?

Ela se continha, procurando permanecer calma, mas sempre animada pela raiva que ardia em seu peito.

— Não — disse Jérôme —, não entendo...

Rolande pegou na borda da lareira uma fotografia de sua irmã e, com um movimento brusco, mostrou-a.

— Pois então olhe-a, olhe-a! — gritou. — Era a mais doce, a mais terna das mulheres... Ela o amava e você a matou. Ah, miserável...

Era a acusação que Raoul d'Averny esperava desde o momento em que percebera o desacordo entre Rolande e Jérôme. Mas o que o intrigava era que jamais, em suas suspeitas, havia separado Rolande de Jérôme, jamais havia suposto, apesar de alguns detalhes que deveriam tê-

lo advertido, que Jérôme pudesse ser culpado sem a cumplicidade de Rolande. A moça jogara muito bem para desorientar assim um observador de seu nível. Então, como poderia Jérôme, na cegueira da paixão, não ter sido enganado primeiro?

No entanto, o rapaz não fraquejou. Deu de ombros:

— Agora — disse ele — e só agora entendo sua aberração. Para vingar a irmã, você precisava de uma vítima e me acusou. Só uma palavrinha, Rolande. Quer me parecer que nós dois vimos, com nossos próprios olhos, sua irmã viva nas mãos do assassino, o velho Barthélemy... Sim, o tal Barthélemy, que executei com um tiro de carabina justamente para vingá-la...

Ela deu de ombros por sua vez:

— Não me venha com desculpas ou subterfúgios. O que sei de você, o que descobri aos poucos investigando seu passado e observando-o, é tão exato que suas juras não são necessárias. Olhe — prosseguiu, tirando de uma gaveta um caderno costurado —, escrevi aqui, com base no próprio diário de Élisabeth, toda a sua vida de mentiras e hipocrisia... Quando a justiça tomar conhecimento disso, você será para ela, como é para mim, o único criminoso.

— Ah! — disse Jérôme, com um esgar que o desfigurava. — Então pretende...

— Pretendo, antes, mostrar-lhe sua peça de acusação.

— Para me julgar em seguida — zombou ele. — Estou diante do tribunal...

— Está diante de Élisabeth. Ouça.

Jérôme olhou-a, voltou-se para Félicien e teve sem dúvida a impressão de que seus dois adversários, armados como deviam estar, o abateriam como a um cão se tentasse enfrentá-los. Sentou-se, pois, cruzou as pernas com desenvoltura e suspirou, como alguém que, por complacência, se decide a escutar um sermão tedioso.

— Fale.



Alguém morre

Ela começou a falar com voz comedida, sem arroubos nem aspereza. Não foi um requisitório, mas simplesmente o resultado de uma aventura que ela não agravou com nenhum comentário, com nenhuma consideração psicológica sobre a natureza em si de Jérôme Helmas.

— Sua primeira vítima, Jérôme, foi sua mãe. Não negue, você quase me confessou isso. A infeliz morreu por causa de seus erros, erros que ninguém perto de vocês notava, pois ela os escondia por preocupação materna... Assinaturas falsas, cheques sem fundos, grosserias... Ninguém jamais soube coisa alguma, pois sua mãe ia pagando tudo, até se arruinar... até morrer. Mas vamos em frente.

— É melhor — riu ele. — Porém, devo dizer-lhe que, se todo o seu relato for igualmente fantasioso, será perda de tempo.

Ela continuou:

— O que você fez durante os anos seguintes, ignoro. Morou no interior ou no estrangeiro. Mas, como o acaso o fez conhecer Élisabeth, você se instalou de novo em sua casa do Vésinet e passou a frequentar regularmente a *Clématites*. Foi então que a ideia lhe ocorreu.

— Que ideia?

— A de se casar com Élisabeth, ideia ainda vaga, pois o dote dela não satisfazia sua ambição. Mas ideia que iria tomar corpo após uma confidência que Élisabeth foi imprudente a ponto de lhe fazer.

— Verdade?

— Sim, ela lhe confidenciou que logo seu dote seria aumentado com uma soma considerável a ser legada por um primo de nossa mãe.

— Pura invencionice — protestou Jérôme. — Eu nunca soube disso.

— Para que mentir? O diário de Élisabeth, que nunca lhe mostrei (por uma espécie de reserva instintiva, já que o mostrei a outros), é claro nesse ponto. Portanto, tranquilizado quanto ao dinheiro e sabendo que o primo dela estava doente, você ficou mais ansioso, fez-se amar por Élisabeth e ela aceitou seu pedido. Estava feliz. Você também, ou pelo menos parecia. Mas, enquanto isso, ia se informando.

— Sobre o quê?

— Sobre o que motivara o legado desse primo. Você esmiuçou o passado, fez perguntas aqui e ali (não negue, me contaram isso várias vezes), recolheu velhos boatos e soube que tinha havido entre nosso pai e esse primo uma desavença (querela, escândalo, etc.), e que, segundo as más línguas da época, Élisabeth era filha de Georges Dugrival. Cito o nome porque se trata de uma calúnia sórdida.

— Uma calúnia, de fato.

— Calúnia ou não, você a levou a sério. Queria estar certo a respeito dos projetos de Georges Dugrival e, enquanto Élisabeth ficava retida aqui, sofrendo, você corria a fazer suas investigações em Caen. Uma noite, chegou a se introduzir, não sei como, no próprio quarto de Georges Dugrival, abriu seu armário, leu seu testamento já datado de dez anos e descobriu que Élisabeth não iria receber nada. A legatária seria eu. A partir desse momento, Élisabeth estava condenada.

Jérôme sacudiu a cabeça.

— Se houvesse uma palavra, uma palavra só de verdade em seu romance, por que Élisabeth estaria condenada? Eu só precisaria romper com ela.

— E eu acaso o desposaria, se você fizesse isso? Ruptura, traição... seria a ruína de seus projetos. Adeus, herança! Então você tergiversou e foi aperfeiçoando seu plano monstruoso... um plano de covardia e falsidade. Assassinato? Solução terrível, perigosa... Precisaria matar para se ver livre? Não, precisaria ganhar tempo, impedir o casamento com expedientes astutos, invisíveis, anônimos, digamos assim. Se Élisabeth, já doente e com os pulmões afetados, tivesse uma recaída grave, que a pusesse em perigo, o casamento se tornaria impossível, a liberdade seria reconquistada aos poucos e você logo poderia se aproximar de mim sem que houvesse ruptura ou assassinato. Seria a morte, sim, mas a morte por acidente, alheia à sua responsabilidade. Assim, na sombra, você agiu.

Pensando, sem dúvida, em não ir a extremos e confiar no acaso. Mas ainda assim agia, trabalhava, serrando as vigas, minando os degraus que Élisabeth descia diariamente na mesma hora.

Rolande estava cansada. Já mal se ouvia sua voz. Fez uma pausa.

Diante dela, Jérôme afetava despreocupação e desdém por aquela história que era obrigado a suportar.

Félicien acompanhava com o olhar seus menores gestos.

Por trás das persianas, Raoul d'Averny ouvia e observava avidamente. A acusação seguia uma lógica impiedosa, mas um ponto permanecia obscuro: Rolande não explicara os motivos pelos quais ela e não Élisabeth fora a legatária de Georges Dugrival. Entretanto, não deveria ela falar e agir como se ignorasse esses motivos, admitindo-se que os houvesse pressentido?

Rolande prosseguiu:

— Sem dúvida, esse assassinato cometido diante de seus olhos e pelo qual foi responsável abalou-o por um momento. Passou algumas horas abatido e mesmo desesperado. Mas o encontro do saco de pano cinza perto do cadáver de Barthélemy o reanimou.

Na confusão da tarde, em meio a idas e vindas, você conseguiu pegar o saco e escondê-lo em algum lugar, no estúdio, provavelmente. Mas alguém o viu pegá-lo: Simon Lorient. Ele ficou rondando as pessoas que entravam na *Clématites*, espiou-o de fora e, à noite, seguiu-o. Atacou-o e vocês lutaram no mesmo lugar onde Simon foi encontrado de manhã, com o ferimento do qual iria morrer, ao passo que você, também ferido, conseguiu se afastar. Foi seu segundo crime naquele dia.

— Vamos ao terceiro — zombou Jérôme.

— O terceiro você logo arquitetou. Queria evitar as suspeitas, fazendo-as recair sobre outro. Mas sobre quem? O acaso o favoreceu. Félicien atravessou o lago de barco para se encontrar comigo e me consolar. Ficou duas horas ao meu lado e, quando partiu e subiu ao barco, alguém o avistou no beco e o reconheceu. Era a hora, mais ou menos, em que você saía da *Clématites*, seguido por Simon Lorient. Interrogaram-no. Qual foi sua resposta? “Meu agressor veio do beco.” Daí por diante, a investigação se voltou para Félicien, que não se defendeu e não quer se defender. Como não podia explicar sua presença perto do lago sem me comprometer por tê-lo recebido em meu quarto,

negou, disse que não havia saído de casa e acabou preso. Assim, você ficou com o terreno livre à sua frente. Mas... mas eu comecei a refletir...

Repetiu surdamente, com frases que iam ficando cada vez mais sôfregas:

— Sim, comecei a refletir... Refletia sempre... Isso se tornou uma obsessão o tempo todo. No cemitério, com a mão estendida sobre o caixão, jurei a Élisabeth que a vingaria... Jurei-lhe que minha vida inteira não teria outro objetivo, que sacrificaria tudo por isso. Em seguida, sacrifiquei Félicien... “Olhe à sua volta”, me disse o sr. d’Averny. “Confie em você mesma e não recue diante de nenhuma acusação...” À minha volta? À minha volta eu via apenas Félicien e você. E como Félicien não era culpado, e como ele não tinha motivo algum para matar Élisabeth, eu só podia pensar em você, Jérôme. Uma leitura minuciosa do diário de Élisabeth chamou minha atenção. Na hora em que ela ia pegar o barco para seu passeio cotidiano com você, viu-o absorvido, pouco à vontade. Você se queixava de não possuir fortuna. Dizia-se inquieto quanto ao futuro e minha pobre irmã precisou reconfortá-lo com a perspectiva da herança... Nenhuma suspeita me dominava ainda... Nenhuma não, pois eu desconfiava de todos, até do sr. d’Averny, que no entanto havia descoberto a sabotagem nos degraus de madeira. Não me abri com ninguém. Não falei do caso de Simon Lorient e Barthélemy. Quando você reapareceu, convalescente, tão logo saiu da clínica, houve silêncio entre nós, conforme deve se lembrar. Não o questionei nem suspeitei de você. Nenhum pressentimento, nenhuma desconfiança a seu respeito. Mas, um dia...

Rolande se interrompeu. E, aproximando-se um pouco de Jérôme:

— Um dia nós ficamos lendo juntos, sentados na relva. Às cinco horas, levantando-se, você pegou minha mão para se despedir. E segurou-a na sua vários segundos a mais. Não era um gesto de amizade nem de tristeza em lembrança de Élisabeth. Não, era outra coisa, a pressão de um homem que procura exprimir seus sentimentos ocultos. Quase uma confissão, ao mesmo tempo que um apelo. Que imprudência, Jérôme! Para fazer um gesto desse, você deveria ter esperado um ano, dois anos. Mas depois de apenas um mês! Desde então, tive certeza. Se havia em torno de mim, em meu círculo íntimo, um culpado... só poderia ser o homem que, noivo de Élisabeth, um mês

após sua morte, se aproximava da irmã da falecida. A chave do enigma estava em você, no segredo de sua alma, naquilo que sabia, naquilo que almejava. Eu não precisava refletir mais, precisava apenas observá-lo sem descanso, concatenar todos os acontecimentos referentes a nós dois e a Élisabeth, presumindo que fosse o culpado. Para lhe dar corda e apanhá-lo na armadilha, fingi aceitar o amor que você fingia sentir por mim. Acreditou que eu realmente o amasse e acabou por me amar também, perdendo a partir daí toda lucidez.

Rolande baixou a voz.

— Sim, veja: por mais lamentável que fosse minha vida, ela se fortificava aos poucos, dia após dia, na certeza que me dominava. Agora, poderia vingar Élisabeth. Receava que adivinhassem meu segredo e por isso o guardava como um tesouro. Cheguei, no começo, a não querer receber Félicien quando ele saiu da prisão, dando a entender que o traía e que traía Élisabeth. Só depois, informada de que ele planejava se suicidar, concordei, assustada, em vê-lo uma noite e contei-lhe tudo. Em seguida, tendo Faustine se confiado a mim e revelado seu ódio, seus projetos de vingança, comuniquei-lhe minhas suspeitas contra o homem que matara seu amante. Suspeitas? Deveria ter dito certezas. Foi exatamente assim que Faustine avaliou a situação. Mas que prova tangível de nossa derrota! Você morava na própria casa de sua vítima, passeava no jardim diante dos degraus que havia sabotado e me fazia a corte, a mim, irmã dela, dizendo-me as mesmas palavras que lhe dizia algumas semanas antes. Ah, patife, como pôde?...

Ainda uma vez, a ponto de explodir, Rolande se conteve e continuou:

— Mas, se você fazia seu jogo, não pressentia nada de nosso conluio. Tomávamos todas as precauções. Como você sentisse ciúmes de Félicien, desconfiando desde os primeiros dias das atenções que ele me prodigalizava, Félicien e Faustine não se largaram mais, suas inquietações amorteceram e você continuou com seu plano maldoso em relação a Félicien, enviando cartas anônimas. Sim, você as escreveu e enviou. E também deixou perto do local onde havia golpeado Simon Lorient, no jardim, um lenço manchado de sangue, do tipo que Félicien usava. Mas isso seria a prova formal de que eu precisava? Por fim, aconteceu. Por fim, o acaso veio em meu auxílio. Um dia, Georges Dugrival me visitou e, por sorte, você não se encontrava na *Clématites*.

Jérôme estremeceu e não procurou esconder sua perturbação. A angústia crispou seu rosto.

— Sim — prosseguiu ela —, Georges me visitou. De início, eu não quis recebê-lo, sabendo que outrora ele e meu pai haviam se desentendido. Mas Georges insistiu, alegando motivos importantes. Recebi-o aqui mesmo neste aposento e ele me falou da grande afeição, amigável e respeitosa, que nutrira por minha mãe. E, de repente, revelou-me a verdadeira razão de sua visita: “Rolande, há pouco, estando eu doente, alguém forçou o armário de meu quarto. Um testamento, onde lego a você minha fortuna, foi aberto e me roubaram, de um estojo de couro contendo belas joias de família, pedras preciosas, anéis, brincos e uma aliança que formava par com outra. Dias depois, recebi do Vésinet, onde tenho amigos que me põem ao corrente de tudo, uma carta me informando sobre seu casamento e me dando, a respeito de seu noivo, Jérôme Helmas, notícias bem ruins. Por isso, Rolande, achei meu dever avisá-la...” Preciso dizer mais sobre nossa conversa, Jérôme? Supliquei a Georges que rasgasse o testamento, pois não havia nenhuma razão para eu ser sua herdeira, mas aceitei as joias que ele me ofereceu. Combinamos que Félicien iria vê-lo em Caen. Com receio de que sua doença se agravasse, Georges Dugrival me deu as chaves para que Félicien pudesse, caso necessário, entrar em sua casa sem ser visto nem incomodado e abrir o cofre-forte onde agora se achava o estojo de couro. E assim foi: Félicien abriu o cofre-forte. O estojo está aqui, nesta gaveta. Contém a aliança parecida com a que foi roubada. A partir daí, pude agir. Se a aliança que você pretendia ter recebido de sua mãe e devia me dar no dia de nosso casamento fosse semelhante à que está no estojo, então é que você a roubara para me dar de presente de núpcias, sendo, portanto, o assassino de Élisabeth e de Simon Lorient. Contudo, para obter essa prova, eu precisava desposá-lo. Félicien se opôs, até com violência. Atormentado diante da ideia de que eu tomaria seu nome, ainda que por um só dia, sequestrou-me. Medida inútil; o que tinha de ser, foi. Esta manhã, você me ofereceu a aliança. Há de compreender que, apesar de minhas certezas e de meu ódio, senti-me mal ao vê-la (pois as duas alianças são idênticas, o mesmo engaste, os mesmos diamantes). Era a prova irrecusável de seu crime! Agora entende, miserável, agora entende?...

A voz de Rolande ia se tornando cada vez mais áspera. A jovem tremia de desprezo e ódio. Com todo o seu ser, ameaçava e insultava.

Mas para que esses insultos, essas ameaças? De súbito, Rolande percebeu que Jérôme não a escutava.

De cabeça baixa, olhar vago, percebia-se que, apanhado nas malhas cerradas da acusação, confuso ao ver toda a sua trama exposta por completo e ele próprio desmascarado, não tencionava mais defender-se.

Levantando a cabeça, murmurou:

— E agora?

— Agora?

— Sim, quais são suas intenções? Você me acusa, pois que seja; mas vai me denunciar?

— É claro, a carta foi escrita.

— Enviada?

— Não.

— Quando será?

— À tarde.

— À tarde? Ah, sim — murmurou ele, com amargura —, a fim de me dar tempo de fugir para o estrangeiro.

Ao cabo de um instante, objetou:

— Para que me denunciar? Não acha que já se vingou o suficiente expulsando-me de sua vida? Não bastou que me fizesse amá-la, quer agravar ainda mais meu desespero?

— E Félicien, não suspeitaram dele, não o prenderam? Como salvá-lo, a ele que é inocente, se o culpado não for à justiça? Além disso, exijo uma garantia... Quero ter certeza de que você não voltará... de que tudo acabou... Depois, a carta será enviada às autoridades.

Rolande hesitou um instante e prosseguiu:

— A carta será enviada, a menos que...

— A menos quê? — perguntou Jérôme.

— Há pena e papel nesta mesa — disse Rolande. — Sente-se e escreva que você é o único culpado, culpado para com Élisabeth, culpado para com Simon Lorient, culpado para com Félicien Charles, a quem acusou falsamente... e assine.

Jérôme refletiu por longo tempo. Seu rosto exprimia apenas dor e acabrunhamento profundo. Murmurou:

— Para que lutar? Estou tão cansado! Você tem razão, Rolande. Como pude desempenhar semelhante comédia? Eu quase me persuadira de que, afinal de contas, Élisabeth não morrerá por minha culpa e de que ferira Simon Lorient para me defender. Que covardia! Mas, veja só, quanto mais eu a amava, mais me assustava com o que fiz! Você não podia notar... Mas eu ia me transformando aos poucos e você acabaria por me salvar de mim mesmo. Não falemos mais do assunto. Tudo isso é passado.

Sentou-se à mesa, pegou a pena e escreveu.

Rolande lia por cima de seu ombro.

Assinou.

— É o que queria?

— Sim — respondeu a jovem.

Ele se levantou. Tudo estava terminado, como queria Rolande. Fitou um por um. Que esperava? Um adeus? Uma palavra de perdão?

Rolande e Félicien, imóveis, permaneceram em silêncio.

Então, no último instante, Jérôme teve um assomo de cólera e esboçou um gesto de execração. Mas se conteve e saiu.

Ouviram que ele se dirigia para seu quarto, o quarto nupcial, sem dúvida para apanhar algumas coisas. Minutos depois, desceu as escadas. A porta do vestíbulo foi aberta e fechada sem ruído. Jérôme se afastou...

Quando os dois jovens ficaram sós, suas mãos se estreitaram e seus olhos se encheram de lágrimas.

Félicien beijou Rolande na fronte como se beija a noiva mais respeitada.

Ela disse, sorrindo:

— É nossa noite de núpcias, não, Félicien? Nós a passaremos como noivos, você em sua casa, eu aqui.

— Com duas condições, Rolande. A primeira é que ficarei a seu lado pelo menos uma hora ou duas, para ter certeza de que *ele* não voltará.

— E a segunda?

— Dois noivos têm o direito de beijar-se pelo menos uma vez e não só na fronte...

Ela enrubesceu, olhou para seu quarto e, toda confusa, murmurou:

— Está bem, mas não aqui... Lá embaixo — completou alegremente —, no estúdio onde lhe fiz minha primeira exibição musical.

Colocou no estojo o papel assinado por Jérôme e desceram.

Quase imediatamente, Raoul d'Averny entrou no aposento, retirou o papel do estojo e colocou-o no bolso.

Em seguida, voltou à sacada, desceu pela borda da fachada e dirigiu-se para a saída da horta.

Às três horas da manhã, Félicien voltou ao pavilhão. Raoul, que cochilava numa poltrona, estendeu-lhe a mão.

— Peço-lhe que me perdoe, Félicien.

— Pelo que, senhor? — estranhou o jovem.

— Por eu tê-lo atacado e amarrado há pouco. Queria impedi-lo de fazer alguma tolice.

— Que tolice, senhor?

— Ora... por causa desta noite de núpcias...

Félicien se pôs a rir.

— Eu suspeitava mesmo que tivesse sido o senhor. Em todo o caso, estamos quites e também lhe peço perdão.

— Pelo quê?

— Por eu me ter soltado...

— Sozinho?

— Não.

— Quem o ajudou?

— Faustine.

— Era o que eu temia — disse Raoul, entre dentes. — Então Faustine andou rondando por aí, esta noite... Tomara que não se deixe apanhar!

E concluiu:

— Enfim, veremos... Félicien, peço-lhe que telefone na primeira hora a Rolande Gaverel e tranquilize-a caso ela não ache o papel assinado por Jérôme. O juiz de instrução vem me ver esta manhã, às nove horas e meia, e achei melhor, para evitar a você e a Rolande algum aborrecimento novo, surrupiar o papel do estojo.

— Como? — bradou Félicien, perplexo. — Não é possível que tenha...

— Portanto, que ela nada receie — disse Raoul, saindo. — E avise-a de que vou vê-la logo. Você estará lá, não, Félicien?



Frineia

O sr. Rousselain compareceu pontualmente ao encontro. Às nove horas e meia, quando Raoul terminava seu café, ele se apresentou, não como juiz de instrução, mas como pescador ansioso, em suas próprias palavras, para fisgar tainhas lá pelas bandas de Croissy — chapéu de palha na cabeça, calças de brim amarelo, alpercatas nos pés...

— Meus cumprimentos, senhor juiz de instrução — saudou Raoul efusivamente. — O dia será magnífico e é hora de esquecer um pouco nosso caso insuportável.

— Acha mesmo?

— Por Deus, acho sim!

— No entanto, você me chamou para um desfecho, que devia ter ocorrido à noite.

— E ocorreu.

— Mas não estou vendo uma certa mercadoria em troca da qual lhe concedi ampla liberdade de manobra.

— Amanhã... Isso não lhe basta?

— Amanhã será muito tarde.

Raoul observou-o atentamente.

— Novidades, senhor juiz?

O sr. Rousselain começou a rir.

— Sim, meu caro d'Averny, novidades. E, contrariamente aos nossos acordos, eu é que vou comunicá-las.

Prosseguiu:

— Há cerca de uma hora e meia, o comissário de polícia de Chatou informou por telefone à delegacia que a criada de Jérôme Helmas

acabara de encontrá-lo morto no vestíbulo de sua casa do Vésinet. Deu um tiro no coração. Tinha acabado de chegar, a porta da casa ainda estava aberta. O inspetor Goussot foi para lá. Eu fiquei sabendo do caso quando descia do trem.

Sem vacilar, Raoul declarou:

— É a conclusão lógica do caso, senhor juiz. O culpado se fez justiça.

— Infelizmente, segundo as investigações preliminares, Jérôme Helmas não deixou nenhuma carta confessando sua culpa. Mas não deixa de ser muito estranho que ele, recém-casado, haja saído do domicílio conjugal para ir se matar em sua antiga residência.

— Esse ato resulta precisamente da confissão que Jérôme fez na presença de Rolande Gaverel, Félicien Charles e eu mesmo.

— Confissão verbal, sem dúvida.

— Confissão escrita.

— E você a tem?

— Ei-la.

Raoul estendeu ao juiz o papel assinado por Jérôme Helmas.

— Agora — exultou o sr. Rousselain, sem esconder sua satisfação —, acho que o problema está mais ou menos resolvido. E para concluí-lo de vez e não restar nenhuma obscuridade, você precisa me dar certos esclarecimentos, senhor d'Averny... e talvez me fazer certas confissões.

— De bom grado — respondeu Raoul, alegremente. — Mas com quem tenho a honra de falar? Ao sr. juiz de instrução Rousselain, representante da justiça, ou ao sr. Rousselain, pescador de vara, homem valoroso de quem conheço a razão indulgente, a finura psicológica e o senso de humanidade? Com um, eu teria reservas; com o outro, abrirei o coração e, juntos, de comum acordo, poderemos decidir o que convém ser dito publicamente e o que deve permanecer na sombra.

— Dê um exemplo, senhor d'Averny.

— Aqui está um. Félicien Charles e Rolande Gaverel se amam. Há dois meses, na noite do drama, Félicien pegou a barca para ir se encontrar com Rolande. E se deixou que o acusassem, foi para não a comprometer. Não será esse um segredo que deve permanecer oculto?

O sr. Rousselain, coração sensível, deixou pender imediatamente uma lágrima do canto do olho e exclamou:

— Quem está aqui é o pescador de vara, senhor d'Averny. Fale sem receio. E com tanto menos receio quanto me puseram a par, na delegacia, do papel exato que o senhor desempenhou como nosso colaborador ocasional e dos valiosos serviços que nos vem prestando. O senhor, apesar de um passado...

— Um passado um pouco problemático, não?

— Isso mesmo. E apesar das infraçõeszinhas às normas estritamente legais que ainda comete, continua sendo *persona grata*. Fale, senhor d'Averny!

O sr. Rousselain ardia de curiosidade. E Raoul d'Averny alimentou de tal modo essa curiosidade que ele não pensou mais sequer em sua pescaria, aceitou tomar o café na *Clair-Logis* e, até as três da tarde, ficou ouvindo os relatos de Raoul d'Averny mesclados a algumas confidências de Arsène Lupin.

No momento da partida, disse com voz ainda fremente de exaltação:

— Graças ao senhor, senhor d'Averny, passei um dos dias mais emocionantes de minha vida. Agora vejo o caso em todas as suas facetas e penso como o senhor: ele deve ser divulgado com prudência e discernimento. É uma bonita história de amor, apesar dos crimes e motivações interesseiras que a complicam. E é, acima de tudo, uma bonita história de ódio e vingança! Céus! Como pôde nossa jovem Rolande ir tão longe? Quanta energia! Quanta violência de sentimentos!

— Não tem mais nada a me perguntar, senhor juiz de instrução?

— Sim, mais alguns dados sobre dois pontos... ou melhor, três. Pura curiosidade, aliás.

— Diga.

— Em primeiro lugar, quais são suas intenções relativamente a Félicien? Acredita que ele seja seu filho?

— Não sei e nunca vou saber. Mas, ainda que fosse, eu me comportaria em relação a Félicien da mesma maneira. Não lhe contaria nada. Para ele, é melhor se julgar uma criança perdida que descobrir ser filho de... de quem o senhor sabe. Tenho sua aprovação?

— Sem dúvida — garantiu o sr. Rousselain, muito comovido. — Em segundo lugar: que foi feito de Faustine?

— Mistério. Mas vou procurá-la.

— Quer achá-la, então?

— Sim.

— Por quê?

— Porque ela é muito bonita e não esqueço sua estátua como Frineia.

— Em terceiro lugar: notou, senhor d'Averny, que em toda essa baralhada de acontecimentos nunca se falou, afinal, sobre o saco de pano cinza e as centenas de notas que ele continha? Bem, essa fortuna não desapareceu para todo mundo!

— É o que penso. Houve certamente um beneficiário.

— Quem?

— Palavra de honra, não sei dizer-lhe, mas suponho que alguém foi mais esperto que os outros e procurou o saco no lugar exato onde se deu a briga entre Simon Lorient e seu agressor. Com os dois duelistas feridos, o saco terá rolado na grama, na direção do fosso.

— Alguém mais esperto que os outros... — repetiu o sr. de Rousselain. — Não sei de ninguém que o seja tanto quanto...

— Sim, sim... — murmurou d'Averny, que pegara um cigarro da mesa e o acendia, com olhos sonhadores.

Na verdade, o sr. Rousselain fizera a pergunta sem segundas intenções. Mas de súbito, pela atitude de Raoul, soube a resposta. Era fora de dúvida que, tranquilamente, ao passar, seu interlocutor julgara de bom alvitre apossar-se do tesouro inútil de Philippe Graverel, caído no fosso...

“Que sujeito malandro!”, parecia pensar o sr. Rousselain, observando Raoul. “Todo delicadezas e, no fundo, o larápio de sempre. Mas então dará a vida pela salvação dos outros e não resistirá à tentação de surrupiar-lhes a carteira? Deverei estender-lhe a mão ao partir?”

Foi como se Raoul adivinhasse essa hesitação, pois disse, rindo:

— A meu ver, senhor juiz, deve-se perdoar o autor desse golpe. Talvez seja um perfeito cavalheiro, que nunca pensou em depenar seu próximo, mas a quem a conduta do mau contribuinte, Philippe Gaverel, tirou todos os escrúpulos.

E, sempre jovial, acrescentou:

— Seja como for, senhor juiz de instrução, creio que essa seja minha última aventura... Sim, quero respirar um ar mais puro e me dedicar a tarefas mais nobres. Além disso, trabalhei tanto pelos outros que preciso pensar um pouco mais em mim. Não tenho, é claro, nenhuma intenção

de ir para um convento... Mas, de qualquer modo... Veja, gostaria que dissessem de mim quando eu me fosse: “No fim das contas, era um homem corajoso... Um mau elemento, talvez, mas um homem corajoso...”

O sr. Rousselain apertou-lhe a mão e saiu.

— Vim me despedir de você, senhorita Rolande, e de você também, Félicien. Sim, estou de partida... Para dar a volta ao mundo ou quase isso... Tenho amigos em toda parte e estão me requisitando... Mas devo me desculpar com você, Rolande, e agradecer-lhe, de passagem, por não me censurar. Confesso: errei um pouco. Não foi muito delicado de minha parte roubar, do estojo, aquele papel que eu precisava entregar ao juiz de instrução... E se eu tivesse feito apenas isso! Mas não, Rolande, assisti do começo ao fim à sua noite de núpcias. Como? Ora, estava no melhor dos lugares, numa poltrona da sacada, e vi tudo, ouvi tudo. Estava também no gabinete de Georges Dugrival, em Caen, quando você abriu o cofre-forte, Félicien. Houve ainda muitas outras coisas menos discretas... ou indiscretas.

Mas vejam bem, meus amigos, tudo isso foi culpa sua. Lembre-se de que no começo, Rolande, você me pediu conselho e acreditei que caminharíamos de mãos dadas. Logo depois, sem mais aquela, silêncio... Você se afastou do amigo que lhe oferecia ajuda... Adeus, Raoul, cada um para seu lado! Quanto a você, Félicien, pedi-lhe insistentemente que confiasse em mim. Mas não, o cavalheiro fizera uma pequena viagem pelo lago e, em vez de me dizer francamente: “É verdade, singrei em direção àquela que amo”, preferiu se deixar prender.

Que aconteceu, então? Separados em dois campos, nenhum conseguiu fazer, sozinho, um bom trabalho. Sim, muitas vezes erramos. Ora eu agia de concerto com o sr. Rousselain, ora contra ele; e, no fim das contas, acreditando que Félicien era inocente, comecei a achar que Rolande e Jérôme eram cúmplices. Sim, como poderia eu imaginar, Rolande, que toda a sua conduta se fundava no ódio? O ódio não é um sentimento que se exhibe nas ruas. O ódio, chegado a esse ponto, é uma anomalia e acaba forçosamente por cometer tolices. E quantas você

cometeu, minha pequena Rolande!

Reflitamos, Rolande — prosseguiu Raoul, sentando-se ao lado dela e tomando-lhe docemente a mão. — Reflitamos: acha que foi esperta levando as coisas a tal extremo? Pois não deve se esquecer de que está casada, de que traz o nome de Jérôme Helmas, de que é a sra. Helmas e, para ter sua verdadeira noite de núpcias, passou meses fazendo esforços absurdos e dando passos inúteis.

Mas nunca, nunca eu a deixaria perpetrar tantos disparates caso me houvesse honrado com sua amizade. Você tinha pelo menos dez maneiras de chegar ao mesmo resultado sem precisar comparecer perante o senhor prefeito. Que a impedia, por exemplo, de dizer a seu amado: “Meu querido Félicien, você soube navegar até debaixo de minha janela e subir até minha sacada; pois tenha agora a bondade de se introduzir na casa do sr. Jérôme e pegar a aliança que ele roubou. Assim, podemos fazer a comparação”. E pronto. Tanto mais, Rolande, que sua ambição não era propriamente entregar Jérôme à polícia e à guilhotina, mas apenas confundi-lo e mandá-lo ao diabo. Vamos, seja sincera: confesse que andaria melhor se houvesse pedido a ajuda de Raoul d’Averny.

Ela ia responder, e seu sorriso indicava qual seria o sentido da resposta, mas ele não o permitiu.

— Não. Não vim aqui para lhe pedir confissões e sim para fazer um pequeno discurso, oferecer-lhe uma solução e felicitá-la. Sim, Rolande, felicito-a por desposar Félicien. Enganei-me sobre ele, julguei-o capaz de fazer muitas coisas erradas. Mas ele é capaz, sobretudo, de amar. É um jovem corajoso, determinado, que censurei por se furtar à minha amizade e que não me censura por eu ter me ocupado, contrariando-o, de seus negócios. Foi para o bem dele. Félicien a fará feliz, feliz como você merece.

Agora, meu presente de núpcias... Sim, vão aceitá-lo porque é para vantagem minha e precisarão se esforçar para ganhá-lo. As obras na *Clair-Logis* estão quase terminando. Mas tenho outras a lhe confiar, Félicien... Uma velha construção que possuo perto de Nice, com um magnífico olival, onde poderão me fazer alguma coisa bonita, a seu gosto. Portanto, daqui a uns quinze dias, depois de falar com o sr. Rousselain e encerrar o caso, irão se instalar em Nice e passar longe

daqui, pois precisam disso, seu ano de espera. Posso beijá-la, Rolande?

Beijou a jovem com uma afeição que surpreendeu a ele próprio, em seguida abraçou Félicien e, estendendo-lhe ambas as mãos, fitou-o bem nos olhos por alguns segundos.

— Eu teria outras coisas a dizer-lhe, Félicien. Mas deixemos isso para outra ocasião, se os deuses me favorecerem... E eles me favorecerão, pois eu o mereço.

Abraçou-o de novo e se foi, deixando os dois espantados e comovidos.

Raoul viajou por mais de um ano, durante os quais manteve correspondência constante com os dois jovens. Félicien lhe enviava seus projetos, pedia-lhe conselhos e foi se habituando, aos poucos, a lhe escrever com mais desenvoltura e confiança. Mas Raoul pensava que, entre eles, nunca haveria laços mais íntimos.

“É talvez filho meu e de Claire d’Étignes. No entanto, quererei realmente sabê-lo? Terei, mesmo em caso de certeza, o coração de um pai?”

Ainda assim, alegrava-se. A Cagliostro se vingara. Mas sua vingança fora muito longe e, de vez em quando, ele lhe pregava alguns sermõezinhos irônicos.

“Seu golpe falhou, Joséphine Balsamo. Não apenas a criança (caso seja Félicien) não se tornou nem ladrão nem criminoso como estamos em perfeito acordo, ele e eu. Seu golpe falhou, Joséphine.”

Como previa, o inquérito da *Clématites* e da *Orangerie* foi encerrado. Mas isso de nada valeu ao infeliz Thomas Le Bouc: a descoberta do verdadeiro culpado deveria livrá-lo da prisão, mas, por desgraça, as investigações levantaram outras acusações pesadas contra ele, que o teriam enviado diretamente para trás das grades se uma gripe forte não o subtraísse a esse incômodo.

Ao fim de quinze meses, Raoul voltou à França e se instalou em seu maravilhoso domínio da Côte d’Azur, que ele havia enriquecido com

uma vasta plantação de flores.

Um dia, em um cassino de Monte-Carlo, notou uma senhora extremamente elegante cercada por um grupo de admiradores atraídos por sua beleza. Conseguindo se aproximar, Raoul murmurou às suas costas:

— Faustine...

A mulher se virou abruptamente.

— Ah, é você — disse, sorrindo.

— Sim, eu... eu que a procuro por toda parte, sem descanso!

Saíram e passearam diante da magnífica paisagem. Raoul contou-lhe os últimos acontecimentos e perguntou-lhe sobre aquela noite em que a vira sentada num banco, com Félicien nos braços.

— Não em meus braços, mas com a cabeça pousada em meu ombro. Ele chorava.

— Chorava?

— Sim. Apesar de tudo, tinha ciúmes de Jérôme Helmas e o tal casamento lhe era odioso. Ficava muito abatido às vezes e foi por isso que, naquela noite, eu o consolei afetuosamente.

Em seguida, Raoul colocou-a a par da noite de núpcias, cujos detalhes a jovem ignorava. De repente, virando-se para ela, perguntou-lhe:

— Foi você, não, Faustine?...

— Eu o quê?

— Sabia que Jérôme era o culpado, sabia que Rolande o escorraçaria e previra que, temendo uma denúncia, ele voltaria para casa antes de fugir.

— E daí?

— E daí que você o esperou atrás da porta e, quando ele abriu, atirou... Foi bem isso, não? Porque, enfim, Jérôme não era do tipo que se matasse...

Sem responder, Faustine apontou para a linha indistinta do horizonte.

— Meu país é lá longe... a Córsega... Em certos dias, pode-se vê-la daqui. Na Córsega, os ofendidos só ficam felizes quando se vingam.

— E você é feliz, Faustine?

— Muito. Feliz por causa do passado e seu desfecho. Feliz por causa do presente. Um rico senhor italiano me ofereceu seu coração e um palácio de mármore rosa em Gênova.

— Casada, então?

— Sim.

— Você o ama?

— Ele tem setenta e cinco anos. E você, Raoul, também é feliz?

— Eu o seria se alguma coisa não faltasse à minha felicidade.

— O quê?

Seus olhares se cruzaram e ela enrubesceu. Raoul murmurou:

— Não esqueci nada... do que não aconteceu.

— O que não aconteceu — filosofou Faustine — talvez não tivesse valido o que poderia acontecer.

Ele a olhou de alto a baixo.

— Não esqueci nada — repetiu.

Após um instante, ela replicou ousadamente:

— Prove.

— Provar?

— Sim, prove que conservou a lembrança exata e a saudade do que não aconteceu.

— É mais que saudade, Faustine.

— Prove.

— Pode me conceder um dia? Amanhã, a esta mesma hora, trarei você aqui de volta.

Ela o seguiu até o carro. Partiram e, uma hora depois, ele a conduziu às colinas que dominam Nice, perto da aldeia de Aspremont.

Um portão se abriu. Faustine leu o nome da *villa* no arco entre dois pilares:

— *Villa* Faustine.

Comovida, murmurou:

— É a prova de uma lembrança, não de uma saudade.

— É a prova de uma esperança — corrigiu ele. — A esperança de que um dia eu vá vê-la nesta *villa*.

Faustine sacudiu a cabeça.

— Um homem como você, Raoul, deve ter algo melhor para me oferecer do que um nome num arco entre dois pilares.

— Tenho algo melhor, infinitamente melhor, que não irá decepcioná-la. Mas antes uma palavra, Faustine. Por que, desde o início, foi tão hostil comigo? Não era só desconfiança, havia também rancor e cólera. Responda francamente.

Ela enrubesceu de novo e murmurou:

— É verdade, Raoul: eu o detestava.

— Por quê?

— Porque não o detestava o suficiente.

Ele segurou com força o braço da jovem.

Foram caminhando pelas trilhas que subiam de terraço em terraço, com vistas admiráveis para as montanhas áridas e a neve dos Alpes.

Chegaram ao alto, ao terraço superior onde se erguia a dupla colunata de uma latada.

No centro, emanando vida e luz como uma deusa, a estátua de Frineia.

— Oh! — balbuciou Faustine, aturdida. — Eu!... Eu!...

Faustine permaneceu doze semanas na *villa* que ostentava seu nome.